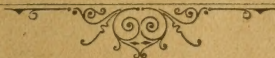
SILVA PINTO

ROMPENDO O FOGO

(HA UNS 40 ANNOS)

1910

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

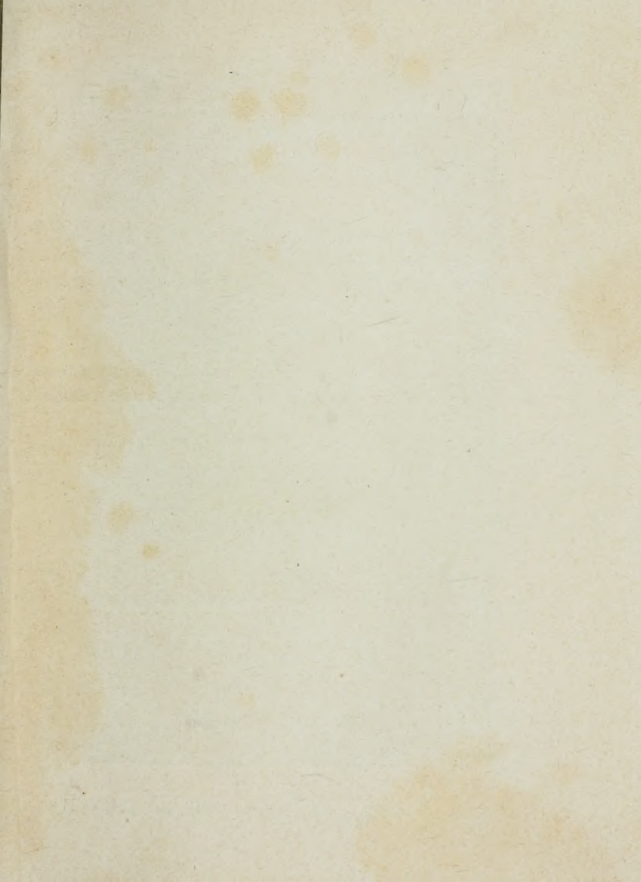
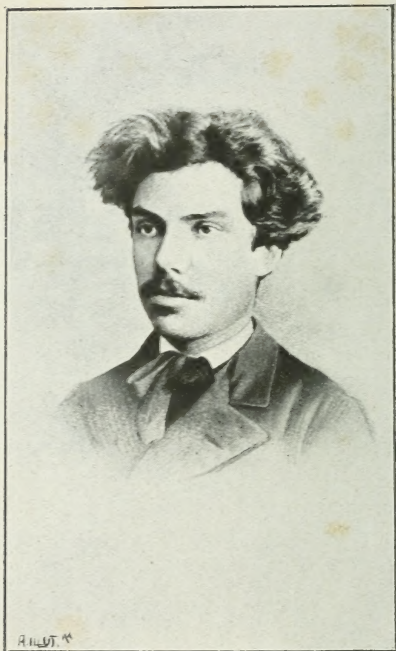
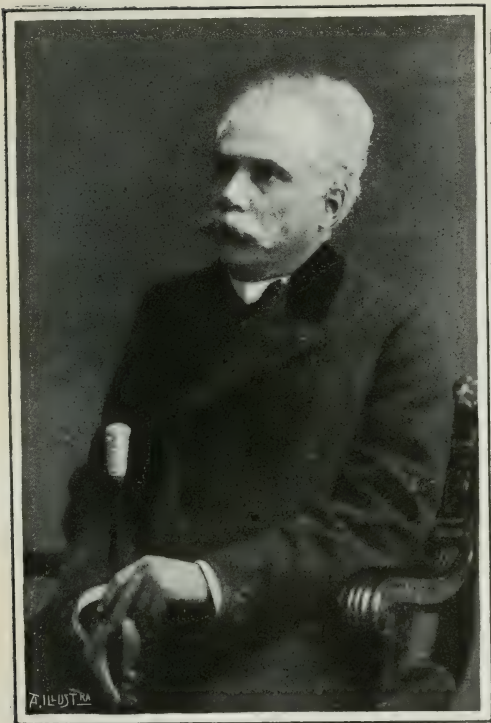
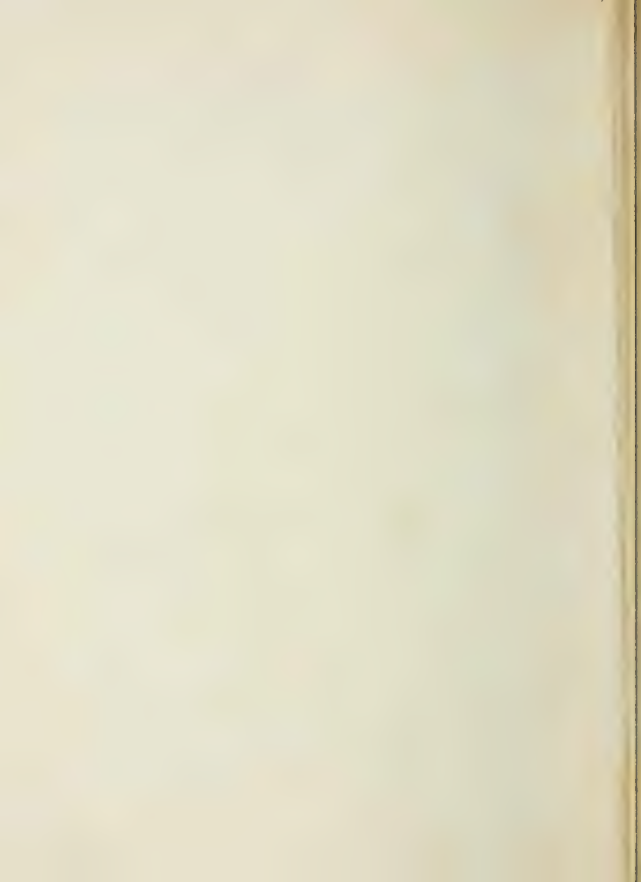
ROMPENDO O FOGO

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

RUA AUGUSTA, 44 A 54

LISBOA

CASA FUNDADA EM 1848

Premiada com medalhas d'ouro nas Exposições do Porto 1897, e Rio de Janeiro 1908

SILVA PINTO (1873) — AOS 25 ANNOS

Silva Pinto (1909) — aos 61 annos

SILVA PINTO

ROMPENDO O FOGO

(HA UNS 40 ANNOS)

1910

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

1910

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

A

Luciano Cordeiro

Diluindo aggravos e prestando commovida homenagem ao grande trabalhador

offereço esta RECOPILAÇÃO

1909.

S. P.

A' HORA DA LUCTA

(1872)

A QUESTÃO DA IMPRENSA

(1871)

Explicações

Estamos entre dois mundos: um mundo de mentira que termina e um mundo de verdade que começa. Permitta-se-me a variante a Leroux. [1]

Erguem-se, no meio d'este desabar estrondoso d'instituições e d'este surdo baquear de consciencias, vozes inspiradas pela

---

[1] *«Nous sommes entre deux mondes : entre un monde d'inégalité qui finit et un monde d'égalité qui commence.»* De Egalité. *P. Leroux.*

. . . .

indignação mal contida, échos de grandes vozes que se aproximam, tumultuar augusto das grandes coleras filhas das tremendas injustiças.

E a orgia prosegue!

De cá, das ultimas fileiras, tem de ha muito erguido a humilde voz, convicta e serena, o auctor d'este livro. Não lhe faltou o apedrejamento, nem a resistencia silenciosa e traiçoeira, nem a calumnia das intenções, nem ainda a reacção anonyma: foi completo o cortejo das nullidades offendidas, como ha sido vehemente o protesto dos idolatras contra o iconoclasta que sacrifica o *savoir-vivre* á causa da justiça.

D'aqui: a tonicidade e o vigor moral ao trabalhador convicto; d'aqui: a perserverança na lucta; d'aqui: a firmeza na convicção; d'aqui: o arreigar-se no imo d'alma o sentimento do justo; d'aqui: a consciencia do bem praticado é a satisfação do dever cumprido; de tudo, emfim, que se aproxima da resistencia: o novo alento insuflado, a noção do direito vigorisando-se, o retempe-

rar de forças para o novo combate em favor da nova ideia.

Porque é a causa da verdade e da justiça que se defende n'estes protestos, embora fracos, contra a mentira e a iniquidade e o ridiculo e o erro; porque o protesto póde residir por vezes no simples registro e na simples confrontação; porque na affirmação d'uma revolta permanente contra a imposição d'uns vagos queixumes rimados; contra o réles falseamento da critica; contra o elogio pago; contra a prostituição da arte; contra a politica d'interesses pessoaes; contra a perseguição ao trabalho honrado; contra a idolatria inconsciente e insciente; contra o dogmatismo pedante; contra as irreverencias e profanações dos vendilhões do Templo; contra os sabios de botequim, despresadores da grammatica e do senso commum; contra os furores monarchicos dos democratas d'hontem; contra as blaudicias dos democratas d'hoje e monarchicos d'ámanhã: porque na affirmação d'esta revolta, digo, residem a um tempo a destruição e a base

da edificação futura; porque n'estes clamores vai a perturbação das vaidades ruins e a accusação ás ruins consciencias!

*

* *

Escolheu-se, como arma, a *satyra*, por vezes.

A *satyra* não é a risada alvar, nem a risada cynica. Póde ser comica; póde ser tragica; comica ou tragica, póde ser terrivel.

Existe uma esplendida confrontação de Juvenal e Horacio por M. Dusaulx, traductor do primeiro.

A conclusão que tiráramos da leitura dos dois poetas torna-se evidente: o primeiro, corrigia, fulminava; o segundo, foi, até na satyra, o adulador constante. A musa d'Horacio tomava por alvo dos seus motejos os desprotegidos da fortuna. Juvenal não teve um Mecenas; elle comprehendeu, como diz Dusaulx, a necessidade de destruir a base

do Mal, dissipando o prestigio das falsas virtudes. Juvenal é, segundo Hugo, o riso vingador, a febre, a paixão. «Isaias e Juvenal teem cada um a sua prostituida, mas alguma cousa existe mais sinistra do que a sombra de Babel: é o estalar do leito dos Cezares, e Babylonia é menos formidavel do que Messalina. Juvenal é a velha alma livre das republicas mortas. Tem alguma cousa de Aristophanes, e um tanto de Lycurgo. Não falta uma só corda a esta lyra, nem a este tagante. A invectiva de Roma flammeja ha dois mil annos, assustador incendio de poesia que devora Roma em presença dos seculos. D'esta fogueira immensa brotam raios em pró da liberdade, da probidade e do heroismo; dir-se-hia que ella lança até á nossa civilisação espiritos cheios da sua luz. Régnier, Aubigné e Corneille são faiscas de Juvenal.» [1]

Depois d'aquelle riso severo e terrivel,

---

[1] *William Shakspeare*, V. Hugo.

temos mais perto de nós o largo riso gaulez: Rabelais, «o Eschylo do devorismo. Quem lê Rabelais vê surgir esta confrontação severa: a mascara da Theocracia olhada fixamente pela mascara da Comedia.»[1] Este, não adula, tambem; o seu riso é expansivo, mas o olhar é fixo. Sombria accusação! Este gigante carece d'expansões: tomai cuidado, vós todos que sois reis, cardeaes, inquisidores, duquezas de lupanar: vós todos que sois a devassidão, a venalidade, a prostituição e o roubo! Este padre conhece-vos o ponto vulneravel! Elle sabe fazer vibrar as cordas occultas do vosso sentimento e não vos poupará, crêde!

Mais perto, junto a nós, comnosco, temos Karr; deixámos em paz muitos dos melhores; — Karr é o successor de Rabelais: o seu riso tem, como o do padre, o sal attico; soffrendo com a sociedade a immensa modificação, elle só fulmina os ridiculos d'um

---

1 *William Shakspeare*, V. Hugo.

rei *figurante*, d'uns ministros irrisorios, e d'uma sociedade burgueza, cheia de aspirações ridiculas e de absurdos preconceitos. Karr é o bom-senso cruel e independente, livre de respeitosidades vis. Elle saúda o *maire* d'uma pequena aldeia, conductor de viveres esmolados, e fustiga com o guarda-chuva de Luiz Filippe o pobre sr. Adolpho Thiers e o pobre sr. de Cormerin. [1]

Por inutil tenho citar Caio Lucilio e Persio e Régnier e Despreaux e Lagrange-Chancel e Voltaire e Paulo Luiz e Veuillot, o gigante do Ultramontanismo, e outros, que comprehenderam a elevada missão da satyra e a sua influencia illimitada nos tentames de regeneração. Cauterio na gangrena dos velhos corpos sociaes, vêmol-a surgir, fatal e vingadora, ém meio dos grandes desvairamentos, das grandes bacchanaes e das infamias clamorosas. N'estas paginas humildes, onde é mister vêr o fundo de consciencia e de

[1] *Les Guêpes.*

. . . .

verdade, registram-se muitos d'esses desvairamentos e lavram-se protestos vingadores. No meio d'este atropellamento das leis da vida, d'estes insultos á dignidade humana, d'este espantoso tripudear dos devassos por sobre a justiça derribada, abram os olhos á grande luz que se aproxima, com a grande hora fatal, aquelles que não temem ao erguer a vista, deparar os reflexos de sinistra vermelhidão!

Setembro de 1872.

I

Elles [1] sabem pouco. São de procedencia desconhecida e tenebrosa. Tenebrosos eram os seus planos, disse-o o proprietario do estanco visinho e affirmaram-n'o com elle os marçanos do visinho merceeiro. Não se sabe bem ao certo para onde iam: crê-se que não iam por bom caminho e que os homens da Bolsa não teriam ensejo opportuno para encherem os cofres esgotados, se os planos horrificos dos *taes* vingassem n'esta Parvonia sublime.

E' verdade: *elles* sabiam pouco e pouco valiam para a regeneração da nossa archi-

[1] Os conspiradores ignorados.

corrupta sociedade. Eram até incoherentes: davam o braço os homens dos pergaminhos e que appellavam para os avós, aos pobres diabos da plebe que apenas conhecem o avô... quando conhecem. A moralidade era duvidosa; os precedentes...... Emfim, não eram assassinos mas pouco menos.

Diz-se que pensavam em incendiar Lisboa! Imaginae Lisboa incendiada, isto é: a par d'estragos horriveis, a Parvonia livre d'uma infinidade de bandidos disfarçados; d'estes bandidos que todos cortejam, menos eu e o leitor; d'estes bandidos que dão *soirées* e que salvam a patria a 90 %; d'estes altos funccionarios que protestam contra a véxação atroz de assignarem um recibo mensal dos seus vencimentos; d'estes bandidos-espiões que a troco d'infamias clamorosas obteem pingues sinecuras; d'estes canalhas que estabelecem a denuncia legalisada e que a recompensam dignamente; d'estes biltres que fulminam com os seus anathemas os homens tetricos das *grèves* e que exultam com as pretendidas dissenções d'aquella

associação pavorosa que todos conhecemos e que não nomearei; imaginae, digo, a Parvonia livre d'esta parte consideravel dos seus habitantes — e orae a Deus por *elles!*

Elles eram perfidos, sinistros, audazes; não valiam, mais, *talvez,* do que vós, seus perseguidores; — notae que disse *talvez;* — porque, emfim, *elles* pretendiam, segundo vós, incendiar os edificios e vós fazeis baquear as consciencias! *Elles* seriam um dia, — no grande dia, — uns assassinos sem alma, mas vós sois uns assassinos sem pudor! Imaginemol os votando recompensas aos mais distinctos entre os auctores da sonhada hecatombe: seriam menos ignobeis do que vós outros, miseraveis, creando logares rendosos para os vossos abjectos espiões!

Ah! é que vós não sabeis talvez d'um caso curioso e vulgarissimo e natural: imaginae um pobre rapaz intelligente, cheio de sentimentos de honra, tendo creado um ideal de justiça que denominarieis *absurdo;* imaginae-o, digo, em discussão comsigo pro-

. . . .

prio; as crenças do pobre moço abalam-se com o espectaculo que lhe pondes ante os olhos; elle é honesto, trabalhador e crente, soffre privações terriveis; na rua, o seu casaco de côr duvidosa afugenta os amigos; a sua reputação de *pelintra* não os attrae; todavia é austero, como disse; resistiu durante annos ás suggestões de varios quidams sem pudor — e julgou ter triumphado.

Um dia olhou para vós e para a sua miseria; viu-vos infames, é certo, mas cortejados; olhou em redor de si: viu o patronato escandaloso, o triumpho das nullidades, o descaramento dos renegados; viu a denuncia legalisada e recompensada; viu que a sociedade estendia a mão aos vossos famulos e descobria-se reverente ante vós mesmos; ouviu que lhe chamavam *creançola, doudivanas;* ouviu que chamavam ao roubo *senso pratico;* observou que um imbecil qualquer bem collocado o olhava com altivez e lhe dizia: «será muito bonito tudo isso, mas...»

O *mas* significava: «a tua probidade e o

teu talento não te abrem caminho, e eu... cá estou!»

Elle viu isto e germinou-lhe n'alma, ou como se diz, — que já não sei bem se ainda temos alma, — germinou ali, digo, um sentimento de duvida; a vossa ignominia era immensa, mas agaloada; a vossa perversidade gemia sob a grã-cruz do sultão Achmet; a vossa imbecilidade,—pórque existe grande numero d'imbecis entre vós,—fôra titulo de recommendação a sobraçardes uma pasta; ereis ignobeis, mas havieis *pago o vinho* aos eleitores e representaveis o povo no parlamento.

A vossa vida era um conjuncto de torpezas e de venalidades: que importa isso? o correio galopava á portinhola do vosso trem, e elle, o pobre *mentecapto* da honra e do pundonor, era insultado pelos gordos burguezes que pretendiam cortejar-vos e a quem elle embaraçava no caminho.

Ora, pensae bem: a Honra é uma religião, é certo, mas póde ser por isso reformada; vós daveis o exemplo tentador; as

forças do homem são limitadas, embora não o sejam o cynismo e a abjecção; o pobre rapaz, de quem vos fallei, succumbiu; tornou-se como vós e como os vossos; engrossaram-se as vossas fileiras e vós rides, porque não temeis competidores...

O pobre diabo d'hontem tornou-se um dignissimo tratante laureado e mofará ámanhã das crenças d'hontem e dos companheiros de martyrio.

Tudo isto é natural, bem o sabeis.

Agora, o que se pretende affirmar aqui é consciencioso, sobre tudo. É que vós não valeis mais do que os pobres conspiradores, falsos ou verdadeiros, que haveis condemnado; é que tendes a ventura suprema e immerecida de dirigir os destinos de um povo ultra-imbecil e crassamente ignorante; d'um povo que, a troco de alguns copos de vinho, enche a camara de analphabetos ou de saltimbancos politicos, reservando-se o direito de apedrejar o exercito e de ser espancado por elle, no acto do pagamento de impostos; é que vós não tendes conscien-

....

cia nem alma, porque emfim, podieis ser maus governantes e *uns bons sujeitos;* preferis ser plenamente detestaveis; tendes talvez razão.

N'esta hora tremenda e sinistra, em que se aproxima vagarosamente o dia do saldo enorme, pretendeis amontoar a corrupção nas espheras onde habitaes; fazei-o muito embora, mas ficarão registrados esses factos monstruosos, que surgirão no dia da justiça!

II

Carta a Gomes Leal

Amigo!

Escrevo esta carta, a v., eterno despresador d'umas conveniencias que podiam ser apenas hypocritas e que são, de ordinario, infames. Guarde-me Deus de atacar as instituições do meu paiz, n'estes tempos em que os altos poderes buscam entre nós

o que, entre nós, nunca existiu a sério: conspiradores! Lá o que está estabelecido pelos nossos sabios estadistas respeito eu, pelo menos *tanto como v.;* pelo que toca ás velhas usanças da nossa sociedade burgueza, cá estou nas fileiras dos que as combatem.

Eu sei que é praxe estabelecida entre o jornalismo *ordeirão* o horror ao suicidio e a condemnação dos suicidas. O sabio redactor principal da esclarecida «Gazeta de... Olhão», ou «de Mirandella» accordou por uma bella manhã de primavera resolvido a ser util á humanidade, como aquelle typo nacional de Belem, *auctor dos differentes originaes opusculos*, e, agora o vereis!

Uma pobre costureira, forçada pela fome ou pela deshonra a optar pela *prostituição* ou pelo *suicidio*, teve, em pleno anno de 1872, e em plena civilisação portugueza, o *mau gosto* de escolher o segundo caminho. Não contára porém a miseravel com o furor humanitario do sugeito já citado: no dia immediato ao da morte da infeliz lá

está *elle,* sereno, imperturbavel, austero, protestando, em nome da moral e da religião, contra o acto covarde, entre um elogio ao candidato do governo e outro ao *Fausto* do sr. Castilho.

V. conhece, amigo, aquelle velho chavão: «Mais uma vez se repetiu aquelle acto que a Razão reprova e a Religião condemna, etc.;» conhece tambem o fundo de consciencia que ha *n'aquillo*. Eu não sei se a Religião condemna, mas d'esta vez dá ella o braço a Cabanis e Esquirol e Descuret, que o condemnaram (o suicidio).

Não pensava como certos jornalistas de cá da aldeia o philosopho de Cittium que o absolvia e que nos dava a virtude como unico bem e Deus como um dos dois principios eternos. Já deixo em paz a eschola *epicureia* que póde não convir aos sugeitos.

Dirão elles que nos Estoicos era a morte a salvaguarda contra a servidão e nos Epicuristas um refugio contra a dôr; a isto não posso responder senão penetrando no

fôro intimo das consciencias dos gordos jornalistas. Não penetrarei!

Existe uma condemnação do suicidio, formulada em prejuizo da dignidade humana e ainda do senso-commum, por um tal Eugenio Poitou, n'um livro em que o sugeito estuda (?) á influencia da litteratura sobre os costumes [1], confesso-lhe, amigo, que estremeci ao deparar, no livro em questão, um capitulo: *De la destinée humaine. Suicide;* temi que me convencessem dos meus erros; tenho-lhes amor como o tenho aos meus vicios; somos companheiros antigos e inseparaveis.

Tranquillisei-me porém, quando vi que o sr. Poitou não adeantava mais do que certos jornalistas: o homemsinho limita-se a ameaçar-nos com *o que está álem da campa*, e eu, sobre isso, tenho, já agora, uma velha opinião muito minha: — é que o *ter-*

---

[1] *Du Roman et de son influence sur les meurs.* 1858.

rivel desconhecido só amedronta, á mingua de provações terriveis e evidentes. Socéguei.

Permitta-me um desvio: quero dizer-lhe duas palavras mais sobre o moralista em questão e tanto mais que me foi elle recommendado pelo nosso illustre amigo G. B., o qual não me perdoará talvez as sinceras palavras que aqui deixo consagradas ao seu protegido.

Imagine o meu amigo que o tal cortador de nós Phrygios diz, n'um capitulo do seu substancioso livro, cousas como estas: — «A dar ouvidos a esta gente, teriamos de collocar M. de Balzac a par de Molière, de St. Simon e de Shakspeare!»

Eu lembrei-me d'aquelle chorado e insultado poeta, Lamartine, que não se pejou de, no seu livro sobre o auctor da *Comedia Humana*, [1] collocar o auctor do *Père Goriot* ao lado do auctor do *Mysanthropo*.

---

[1] *Balzac et ses œuvres.*

Lembrei-me d'aquelle bom Taine, que, fallando de Balzac, disse: «— E' o Molière medico; é o St. Simon do povo. Com Shakspeare e St. Simon, vêmos em Balzac o mais completo deposito de documentos sobre a natureza humana.» [1]

No fim de tudo, os Poitous são de todos os tempos e de todos os paizes.

Abandonêmos porém o sugeito.

Dizem os moralistas gordos: —... acto que a *religião* e a *razão* condemnam etc »

Questão de relatividades, direi, se dão licença: quero crêr que Escousse e Sautelet e Chatterton possuiam, pelo menos, um dos dotes. Já Catão e Seneca e Bruto e Cassio e Demosthenes, etc., que fizeram algum estrondo no mundo, não recuaram perante o acto heroico. Eu não sei se o gigante de Weimar arrancou alguns punhados de cabellos pelos resultados do seu trabalho; [2] se tal fez Méry pelos do seu

---

[1] *Nouveaux essais de Critique.*

[2] *Werther. — Goethe.*

. . . .

Bonnet Vert; se Maxime du Camp teve de arrepender-se por ter creado o typo de *João Marcos* [1] o que sei é que desde o legislador de Mileto, que expunha nas ruas os cadaveres das suicidas, até certos jornalistas modernos, não teem faltado maldições e sarcasmos sobre aquelles cadaveres sublimes. Desde a Egreja, que abre os braços ao filho ricasso e virtuoso, até ao mais inconsciente materialista d'aldeia, tem-se cuspido com desprezo sobre as cinzas de quem, porventura, pediu em vão consolação a uns, pão a outros, e justiça a todos nós!

O lado *util* existe afinal nos suicidios: que seria da humanidade no seu espantoso desenvolvimento *se todos soubessemos viver!?*

D'umas paginas sei, e sabe v. decerto, d'um grande e promettedor talento, cujos vôos cortou uma prematura morte; alludo a Armand Carrel e a um artigo por elle

---

[1] *Mémoiree d'un Suicide.*

. . . .

publicado na *Revue de Paris,* em junho de 1830 [1] a proposito do suicidio de Sautelet, proprietario do *National;* eu não conheço trecho mais eloquente sobre o assumpto, nem mais commovedor; o illustre jornalista não faz a apologia do suicidio: explica o acto heroico; justifica-o e fulmina com a sua palavra inspirada o bando de moralislistas sem consciencia e sem alma, que são as varejas encarniçadas d'aquelles cadaveres e que o são ás vezes da nossa vida.

Meu amigo, comecei esta epistola, que vae longa, dando-lhe como razão d'ella o seu desprezo por certas conveniencias absurdas, introduzidas, e já estabelecidas como dogmas, graças ao eterno concilio da estupidez ou da exploração. V. segue outro caminho: ri d'isto e d'estes homens; eu confesso-lhe que morrerei impenitente e tomando a serio estes *eternos tolos* de Tertulliano.

---

[1] *Vide : OEuvres litteraires et Politiques de Armand Carrel ;* 1854.

III

Um dia Meyrelles, jornalista portuense, quiz ser terrivel.

Foi.

Lançou mão da penna e constellou a folha *Primeiro de Janeiro* com os *specimens* de critica litteraria que vão ler-se para edificação dos vindouros.

—O Meyrelles em questão chama-se Germano Vieira de Meyrelles.

Os *specimens* são estes:

1.ª «E' bicho para encovar todos os fabulosos monstros do Apocalypse, e um como que signal de que está perto o *Ante-Christo*» (*Primeiro de Janeiro* n.º 169).

Alludia a um folheto intitulado: *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*, por Theophilo Braga, e pretendia dizer: — o *Anti Christo*, dizendo o *Ante-Christo*.

2.ª «A chamada questão coimbrã, suscitada por um movimento (?) e impulso de generosa indignação *aberta* (?) pelo sr. An-

thero do Quental, foi um terrivel precedente».

Aqui não sei, bem ao certo, o que pretendia dizer Meyrelles com *o impulso aberta*, *suscitada* ou *suscitado* por um movimento (?). Os leitores do *Primeiro de Janeiro* não pediram explicações, creio. Os d'este livro seguirão, a meu pedido, tão nobre exemplo.

3.ª «Os Theophilos, Coelhos, Silvas Pintos, Cordeiros e quejandos renovaram a fabula do jumento e do leão; e não ahi escriptor da velha geração desde o sr. visconde de Castilho até Herculano etc.»

Remechâmos isto com cuidado:

Temos a renovação da fabula do jumento e do leão. Estabelecida a falta d'imputação de Meyrelles, admittâmos que os escriptores da geração nova, entre os quaes figura por bondade de Meyrelles, o meu humilde nome, admittâmos que esses escriptores representam para Meyrelles o *jumento* e que o *leão* é representado pelo sr. Castilho, pelo sr. Meyrelles e por uma longa se-

rie de *senhores* que ao sr. Meyrelles esqueceu citar.

Ora, Meyrelles conhece a fabula, decerto; mesmo porque é indispensavel conhecer a fabula para ser jornalista... no *Primeiro de Janeiro*. Bem. Meyrelles sabe portanto que o *leão* estava moribundo quando foi *insultado* (?) pelo *jumento*. Meyrelles crê portanto que a velha eschola, que a eschola official, que a eschola, — se eschola existe, — do elogio inconsciente, está moribunda? Fôra caso este para dar a Meyrelles os parabens se não lhe tivesse negado imputação!

«Não ha ahi escriptor da velha geração, desde o sr. visconde de Castilho até ao sr. Herculano que não tenha...»

(O *resto* não póde ficar n'um livro; estava bem no *Primeiro de Janeiro*).

Desde o sr. Castilho até ao sr. Herculano?!

Meyrelles teria em vista dar-nos uma profissão de fé litteraria, citando *em primeiro logar* o sr. Castilho? Não será aquillo mais do que um systema preestabelecido?

. . . .

Approximar-se-ha Meyrelles d'aquelle estado grave, *aproveitando*, segundo Montesquieu, pelas maiorias que desejam passar por ajuizadas?

Cuidado!

4.ª «Pensa acaso que os seus trinta volumes de prosa á Lobão, lerda e bernarda etc., lhe inspiravam direitos para engrossar a voz e embutir-se com a sua auctoridade a *ninguem?*»

Temos, primeiramente, o bom do letrado Manuel de Almeida com prosa bernarda, pelo simples motivo de ser advogado dos bernardos. Meyrelles aqui não ousou dizer tudo que lhe dictava o bestunto: elle tem por bernardo o zoilo do pobre Mello Freire! Terei d'averiguar isto.

Ora agora, temos que Meyrelles pensa em si amiudadas vezes, a ponto de, — repellindo o auctor dos trinta volumes, o qual, pelos modos, pretendo embutir-se-lhe com a sua auctoridade, — diz: que não lhe *inspiraram* os trinta volumes auctoridade para embutir-se a *ninguem*...

. . . .

Meyrelles pensava talvez em penitenciar-se de antigos erros e como que confessava o seu rebaixamento até á extincção da sua personalidade. Não tinha razão. Meyrelles existe; se algum dos leitores do *Primeiro de Janeiro* nutrir suspeitas ácerca da existencia de Meyrelles, — materia organisada, não tenho duvida em empenhar em abono d'esse facto... a prosa de Meyrelles, por exemplo.

5.ª «A conspiração, deve-a á muralha que a linguagem dos seus livros *interpõem* entre a *sua* individualidade e a curiosidade do publico».

Meyrelles pretendia dizer «que a linguagem dos seus livros *interpõe*». Aquelle verbo, no plural do indicativo presente, auctorisa qualquer dos leitores do *Primeiro de Janeiro* a dizer: «Meyrelles, se existe, *hão de* ser eternamente... Meyrelles».

Depois a quem allude Meyrelles fallando da *sua individualidade*? á individualidade dos livros? á da linguagem? á do auctor?

. . . .

Elle queria dizer: a individualidade *do auctor.*

6.ª «Quem assim escreve faltando á grammatica, (é Meyrelles quem falla), ás leis de construcção e bom senso na indifferença e na impunidade em que anda laboriosamente vegetando, só tem que applaudir, etc.»

Agora é mais sério e confesso que Germano abusa da minha paciencia, obrigando-me a explical-o: temos alli: «as leis de construcção e o bom senso na indifferença e na impunidade em que anda (quem?) laboriosamente vegetando;» temos mais: «quem assim escreve faltando á grammatica;» temos ainda: «só tem que applaudir;» quantas orações ha aqui? onde estão os agentes? que salsada é esta, ó Meyrelles?!

7.ª «Agora, que se fez Jupiter Tonante, frechando com os raios da sua ira os impios, que nunca tiveram a fé de carvoeiro d'um editor palerma, confundindo-o absurdamente com o evangelho, agora parece-nos occasião opportuna de arrancar as pennas

emprestadas de pavão e expôr a gralha na sua feia nudez».

Temos pois: Jupiter Tonante, que é gralha, que tem pennas de pavão, que é evangelho para certos editores, que frecha os impios com os raios da sua ira e que é, pelos modos, no fim de tudo, um homem, embora não tão galante e donairoso como Meyrelles.

8.ª «Condemnados e queimados todos os mestres da nova geração por estes orthodoxos da *sciencia e da consciencia*, [1] o que nos deram para substituil-os?»

O que nos deram? quem? os mestres ou os orthodoxos?...

Para substituil-os? A quem? aos orthodoxos, ou aos mestres?...

9.ª «Os Theophilos, os Silvas Pintos, a Federação Academica, uns charlatães que citam em allemão e em grego, sem conhecerem o alphabeto das duas linguas».

---

[1] Meyrelles, o perverso, allude a uma carta por mim escripta, sob a epigraphe *Sciencia e Consciencia*, ao sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, em 1871.

. . . .

Vamos por partes:

Meyrelles aggride a Federação Academica por dois motivos, por tres, digo; aggride-a porque Theophilo Braga foi nomeado socio honorario d'aquella Federação; porque eu, pobre mortal, que não mereço as boas graças de Meyrelles, sem embargo de explicar a sua prosa, dediquei á Federação Academica um protesto em favor de Theophilo; [1] aggride-a, finalmente, porque a Federação *devia* forçosamente ser aggredida pelos Meyrelles de toda a casta e de todos os feitios...

Homens que citam em allemão e grego sem conhecerem o alphabeto das duas linguas? O' Meyrelles! mas, é justamente o chefe da tal tua eschola quem dá o funesto exemplo! Pois não *traduziu* elle, — o que sempre é mais do que citar, — o *Fausto*, *allemão*, e a *Lyrica* d'Anakreonte, *grega*, — *allemão* e *grego*, ó Meyrelles! duas linguas que elle não conhece e dando-se, mais, o caso espantoso de não conhecer elle, —

. . . .

o teu mestre, — o alphabeto da segunda lingua!...

Isto é: não sei se o *Fausto,* foi afinal tranuzido por elle, ou por ti, ou pelos teus collegas do *Primeiro de Janeiro;* isso não importa, porém: o nome d'elle está, no frontespicio d'aquella obra immorredoura.

Oh! os Coelhos de quem fallas, Meyrelles, fizeram da tal obra uma apreciação condigna [2] que os teus, os da tua eschola, não refutaram, e, deixa-me dizer-te, não refutarão; porque são como tu, Meyrelles, ignorantes, petulantes e sem consciencia; porque são, como tu, Meyrelles, uns detractores do trabalho honrado, uns assassinos moraes, uns insultadores desgraçados da Arte e da Verdade!

Creio que ia tomar-te a sério!... Peço perdão aos meus leitores.

. . . .

---

[1] *Theophilo Braga e os Criticos;* 1872.

[2] *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura;* n.º 1.

IV

Corria o anno de graça 1872, quando o sr. D. Pedro d'Alcantara, imperador do Brazil, pensou em honrar a nação portugueza com a sua presença. O modo como foi recebido; as ovações ruidosas e imponentes; as grandes illusões, eguaes aos immensos desenganos; os pratos favoritos do monarcha; as suas manias; os seus passeios nocturnos e secretos; as suas vizitas aos logares da Praça, á Alfama e á Academia das Sciencias; as suas perguntas ingenuas e as suas respostas... *democraticas* (?); o vestuario, a mala, a celebre mala, — tudo isto e mais, se encontra descripto nas folhas candidas da época feliz que ouviu os queixumes de Vidal *o triste*, e soffreu os escandalos de Fontes, o immortal.

No meio da azafama dos admiradores do heroe, d'aquelle que

> «... deixou pendurada
> na mór palmeira a épica,
> a vingadora espada...»

para vir receber as nossas acclamações, surgiu da Universidade de Coimbra um brado subversivo, soltado por um sacrilego e infiel subdito do grande principe, a quem

«O Céo a rir no Oceano
reconduziu ao throno.»

O regicida chama-se Manoel de Campos Carvalho e é estudante do 4.º anno da faculdade de direito; a sua obra nefanda intitula-se: *O sr. D. Pedro II e a monarchia no Brazil.*

Como testemunho de coherencia e para base de reflexões que adiante seguem, reconstruo uma carta que opportunamente dirigi a M. de Campos por intermedio da imprensa.

E' a seguinte:

«Eu não quero, ou antes, não posso já agora deixar correr mundo um folheto por v. s.ª publicado, sem dizer-lhe o que sinto pensando nos factos que motivaram a sua

....

apparição e nos sentimentos que elle traduz.

E seja-me permittido dizer duas palavras, que exprimem uma felicitação, a mim homem que se não distingue pelos elogios prodigalisados ás summidades do paiz e que não mira á protecção de qualquer Goliath das altas espheras nem aos abraços das maiorias.

V. s.ª publicou ha dias um folheto que se intitula — *O sr. D. Pedro II e a monarchia no Brazil,* protesto contra uma ovações decretadas pela imbecilidade, ou pela má fé, ou ainda pela leviandade.

E' v. s.ª dos que ainda se indignam e dos que ainda se revoltam; eu, se não tivesse vinte annos, diria talvez que não é o caminho mais seguro para uma brilhante carreira no nosso paiz, esse que segue, mas nem a idade me permitte, *por emquanto*, aconselhar prudencia — que póde ser baixeza, nem eu daria aos que me conhecem o espectaculo da mais notavel incoherencia, des-

mentindo com *paternaes* conselhos os meus conhecidos *desvarios*.

V. s.ª protesta contra a louvaminha e eu applaudo-o com todas as forças e com o enthusiasmo mais profundo e mais convicto. Dizem-me que mais tarde vem o arrependimento, com a sisudez e com a madureza; v. s.ª sabe talvez o que significa por cá a sisudez; se não sabe, eu — não me encarrego de dizel-o, e, diga-se tambem: não o faço *por pudor*.

Sabio, liberal, affavel, intelligente, etc., etc., chamaram ao chefe da nação brazileira alguns merceeiros e alguns noticiaristas. Eu não sei se ante os olhos de v. s.ª, decerto deslumbrados como estes meus, passaram uns papeis cujas columnas eram especialmente dedicadas á nomenclatura dos *pratos á portugueza*, pedidos pelo monarcha em questão, á mesa de qualquer hospedaria. Não sei mesmo se v. s.ª poude ver e admirar a incrivel audacia com que os papeis supra tentavam apresentar-nos como actos meritorios uns terriveis ataques diri-

....

gidos pelo sr. D. Pedro do Brazil ás mais rudimentares regras d civilidade.

Se v. s.ª viu e admirou os devaneios dos noticiaristas a quem alludi, deve sentir applaudir-lhe a consciencia a sua franqueza, pouco usada entre nós em relação á imprensa portugueza.

Sabio? a que chamam sabedoria? a que chamam illustração? A's observações do sr. D. Pedro sobre os trabalhos de Guizot e Littré, em presença dos dois grandes vultos? A's suas observações ácerca de um quadro de Holbein no Porto e de outro, de Velasquez, em Coimbra? A uma discussão (sic) sobre medicina com o sr. Magalhães Coutinho? Mas apresente-se ámanhã o monarcha mais crassamente ignorante a discutir sobre *glottica* com Max-Muller e cremos que o illustre professor d'Oxford saberá conter-se no terreno que lhe marcou a boa educação e descerá a discutir com o sujeito.

Se é *liberal* o sr. D. Pedro prova-o v. s.ª no seu folheto, que eu quizera poder transcrever na sua integra e distribuir pelos

papalvos que por toda a parte acompanham d'olhos esgazeados o monarcha brazileiro.

Sobre a *affabilidade* do sr. D. Pedro dá largas informações a *Independencia Belga* e dão-n'as entre nós todos os homens de qualquer esphera que conseguiram aproximar-se do excelso D. Pedro II.

Afinal, não passa isto d'um conjuncto de opiniões convictas, que eu exponho a v. s.ª e que publíco, afim de provar-lhe que não se acha só na cruzada que emprehendeu; é tambem documento que servirá a mostrar aos filhos do Brazil que porventura o lerem, que não passou desapercebida a vinda do seu chefe a este canto da Europa, e que, ao lado dos obeliscos, dos mastros embandeirados e dos vivas de um povo amavel, póde erguer-se alguma cousa de menos dispendioso e brilhante, mas de certo mais duradouro e consciente.

V. s.ª receba sinceras felicitações e disponha de mais um admirador convicto e muito affectuoso.»

. . . .

Eis o que eu escrevi. Não renego o que ficou dito, mas ha mais que dizer.

Ha no Porto uma mulher, proprietaria d'um hotel, que protesta em pleno anno de graça de 1872, em plena civilisação portugueza, na terra de Germano de Meyrelles, emfim, contra *a reles e pouco decorosa acção* praticada pelo soberano brazileiro em prejuizo dos direitos d'ella, hospedeira.

A indecorosa acção consiste em ter, — uzêmos da linguagem rude para o caso rude, —em ter comido e bebido... e partido sem pagar.

Ah! é que, se S. Magestade está livre das garras do habil policia Antunes, não o está da colera celeste, nem da indignação publica! Aqui, quando um pobre compatriota nosso tem por conveniente a adopção do imperial systema, vê o seu nome exposto no pelourinho da secção policial; no dia immediato esquivam-se-lhe os amigos, como se o misero fosse victima da peste, e os fornecedores de viveres fazem-lhe estron-

. . . .

dosa montaria e a lavadeira ameaça-o com a policia!

Pois que! Ha-de a qualidade de *soberano* auctorisar um sujeito a não pagar ás hospedarias?! Guarde-nos Deus de tal precedente! Deus sabe quantos pretendentes a chefes de estado não vegetam n'este pequeno torrão sem a concessão do tal previlegio: espalhe-se ámanhã o boato terrivel e infelizes de nós!

Agora mesmo tomam incremento uns boatos singulares: diz-se que os habitantes de Pernambuco e do Pará, indignados pelo procedimento do soberano brazileiro na questão do pagamento de casa e comida, resolveram saldar as contas em questão — exterminando os portuguezes residentes!

A meu vêr a indignação dos ferozes pernambucanos, é porque o sr. Pedro *pagou*, pelos modos, umas maçãs na Praça da Figueira.

Aguardam-se pormenores sobre a terrivel carnificina e as gerações futuras denominarão esta nova *St. Barthelemy* a REACÇÃO CALOTEIRA DO IMPERIO DO BRAZIL.

V

Carta a Magalhães Lima

E' v. um honrado rapaz, estudioso, trabalhador e crente; v. alarga ainda a vista em busca da terra promettida, sem que lhe falleça o animo ao rasgar os pés *nas urzes e areias do ardente caminho do ideal;* v. busca ainda a Verdade; adivinha-a; sente-a, sagrada, indivizivel, austera, e vilipendiada, e escarnecida.

Bem haja.

Ha ahi na *Luza Athenas*, um grupo de rapazes academicos, — e não confundo eu estes *academicos* com outros nossos conhecidos; — ha ahi, digo, um grupo de rapazes enthusiastas, pouco conhecidos por em quanto; que não fazem versos lyricos, nem *salamaleks* aos folhetinistas de Lisboa; que não transigem com a devassidão geral; que teem fome e sede de Justiça; que não renegarão, — deixe-me crêl-o, — as crenças

d'hontem pelas conveniencias d'ámanhã; que teem auctoridade moral para erguer a voz, porque são puros, e que protestam, porque são opprimidos.

E' com esses que eu vivo.

D'ahi me teem vindo uns applausos ao meu trabalho humilde, que pouco, pouquissimo vale, e que muito significa, trabalho condemnado, *despresado*, calumniado e quiçá escarnecido por quantos parasitas e exploradores por aqui tripudiam sobre a Justiça derribada.

D'ahi me teem vindo applausos, amigo, que eu reúno aos raros que por aqui me são dispensados e aos da Consciencia intransigente.

Deixe-me ter estas *expansõesitas* de rapaz, n'uma terra onde Diodoro, o dialectico de quem falla Montaigne, não morreria de vergonha, com receio de ser apupado depois da morte. [1]

---

[1] *Essais. Montaigne.*

. . . .

Escrevo-lhe a fallar-lhe d'um livro: *O seculo e o clero*, de João Bonança.

Isto não é um artigo de critica litteraria, nem podia sêl-o. Acima da Arte vejo eu, e é forçoso vêr, outra cousa n'este livro. Vejo aqui violentamente cortado o nó dos Phrygios; isto repugna em parte á minha indole pacifica, mas não se trata aqui de indoles, pacificas ou bellicosas, e só sim de opiniões sinceras e livremente emittidas.

O livro de João Bonança é, antes de tudo, *uma boa acção*. E'-o na intenção do auctor; sêl-o-hia nos resultados, se fosse outro e mui diverso *o meio* onde brotou. Não deixa de ser *uma boa acção* a esmola por mim dada a um vagabundo.

O resultado é que póde ser nocivo.

De que se trata? De indicar como *indigna* a parte indigna do Clero? de arrancar o véo que encobre os rostos de centenares d'hypocritas? de desaffrontar o Christo que *elles* vilipendiam, e, pela segunda vez, crucificam?

Seja!

Eu conservo no meio de uma vida, curta ainda, mas já bem cheia de amarguras, varias crenças *por mim* e *pelos outros*.

Accusem-me embora de orgulhoso: dispenso o padre, pelo que me diz respeito, mas venero o *bom padre*, como o que existe de mais veneravel; mas quero-o para esses pobres de luz, que olham instinctivamente o céo, nas suas angustias, á mingua de justiça, e que sentem, que adivinham ali, alguma cousa de mysterioso, de incoercivel, que alenta, que anima, que protege, que fortifica.

E' então que eu peço para elles, — pobres interrogadores do infinito, — o padre honesto, o padre virtuoso, *o bom padre;* quero-o ensinando a creança rude a soletrar n'uma pobre cartilha e quero o indicando á creancinha o nome de *Deus* em cada flôr, em cada arbusto, em cada estrella. Quero-o, envangelisador do Justo, embora rebelde aos decretos dos Concilios; quero, finalmente, o sacerdote livre no estado livre, incutindo no homem do povo o respeito pela Justiça e o respeito pelo Desconhecido.

O clero portuguez pecca, por vezes, mais por ignorancia que por maldade.

Aqui não vae bem a compaixão pelos erros: nem o *perdoai-lhes!* do Christo, nem a *santa simplicidade!* de Jeronymo de Praga, ou de João Huss.

Não! não é um clamor de piedade que peço para elle, mas não applaudo o exterminio. Digo, sereno e impassivel: *distingui!*

No livro de João Bonança ha lances commovedores, figuras sympathicas e quadros *terrivelmente* esboçados.

O capitulo intitulado: *Um banquete de padres,* póde ser real; o que é certo é que não passa d'uma excepção. Insensivelmente lá se penitenciava o auctor ao desenhar na penumbra o vulto de G., o velho cura.

E' o Myriel dos *Miseraveis;* é ainda o padre d'aquelle livro de Silva Gayo, o *Mario;* é o *bom padre* emfim, que eu prefiro ao auctor do *Maldicto,* — rapsodista de Sue, sob o covardissimo anonymo.

O livro de João Bonança é, antes de tudo, um livro de propaganda; as idéas ali

expendidas têem sempre bom acolhimento entre o povo, — demasiado, talvez; — esta creança gigantesca tem sede de vingança e sacia-se com anathemas.

Lá vou affastar-me de novo de assumpto; mas, hei-de fazel o conscientemente. Já agora tinha de dizer o que ha de ficar dicto d'uma vez e que bom é que se affirme.

Eu detésto todos os despotismos, *seja qual fôr o ponto de partida.*

Deus me livre de adular o *povo soberano!* Lá defendêl-o, em seu e meu nome, reagindo contra a oppressão e a usurpação dos nossos direitos, isso sim! Victorioso, não conte com a minha adulação, nem em vesperas de victoria! Bem sei que nenhum mal póde vir á republica com a minha abstenção; o caso é que me abstenho.

O que eu não quero é o aproveitamento da ignorancia e da força *bruta* do povo para o triumpho d'uma causa, por mais justa; é a justificação da *St. Barthélemy* e do exterminio dos Albigenses; é a convocação ao exterminio e á devastação: entendo

. . . .

que o *bom padre*, o padre livre, é o melhor dos mestres do povo na infancia; este tem direitos: affirme-os pela illustração; tem deveres a cumprir: estude-os; illustre-se; robusteça a sua intelligencia; auctorise o vigor do seu braço!

Perante a idéa d'um movimento precipitado que póde conduzir-nos ao mais feroz dos despotismos: despotismo popular, justificando os despotismos real e monacal, vendarei os olhos. E' digna de respeito a indignação dos que soffrem; quem sabe se por vezes me terei contido? N'esta época de critica e de reflexão, desprezèmos a força bruta isolada e estudemos o gigantesco problema.

Outra cousa tenho de affirmar e aproveito, já agora, o opportuno ensejo para dar a esta epistola uma feição mui parecida com a de profissão de fé litteraria e quasi politica.

Eu não sou dos que se servem do trabalho honrado de uns, para deprimir a honra e o trabalhos dos outros. E' preciso affir-

mar isto bem alto: não me ageitarei jámais á idolatria: é por isso que exijo para as minhas opiniões e para os meus juizos o respeito que tributei sempre ás opiniões *leaes e desapaixonadas* dos que militam em campos oppostos.

Todo o trabalho é sagrado, quando o trabalhador é honesto: eis a grande divisa e o principio grande.

Se eu sei, amigo, o que são desalentos e duvidas... Sei, decerto; mas não ha acaso por detraz d'algumas duvidas e desalentos uma porção immensa de egoismo? Tal homem não succumbirá acaso ao pezo da sua obscuridade e á fuga constante da celebridade porque almejára?

Nós não trabalhamos pelo renome: trabalhamos por uma idéa. Nem todos temos direito á celebridade, ou antes: nenhum de nós tem, talvez, direito a ella.

Em todas as luctas ha os batalhadores obscuros, aquelles *mortos ignorados* do Pelletan. Aquelles que, só levados pelo desejo d'uma celebridade qualquer, prestam auxi-

lio á causa da verdade, cabe, pelo menos, um quinhão d'infamia egual ao quinhão de louvores.

Depois, que importa, amigo, aos que trabalham e luctam, o sorriso dos parasitas, e dos devassos? Se o nosso trabalho lento e obscuro e esmagador aproveitar um dia aos filhos seus, tanto melhor! Porventura trabalharam por nós, outr'ora, os geradores d'esses abortos.

Longa vae esta minha digressão, motivada, e felizmente motivada, pelas suas *Cartas academicas*, que me provaram existir ahi um honrado e nobre espirito que compartilha dos trabalhos da nova geração em favor da *nova idéa*.

VI

Era um espectaculo imponente pela significação; era sobre tudo edificante. *Elle* debatia-se entre os seus juizes, sob os alentados sôcos dos algozes, e a Moral trium-

phava como nos bellos dias da Roma antiga, antes dos Cezares. Era magestoso.

O grupo era numeroso á porta do café *Japonez:* entre os vultos mais salientes distinguia-se o de J. R..., sujeito alto, vigoroso, de grande abdomen e d'uma firmeza de principios assustadora; elle casquinava uma rizadas satanicas a cada bengalada que cahia sobre o misero, e murmurava: *Tratante!*

Mais adiante, via-se com assombro o tetrico vulto de F. J.; moço, trigueiro, exhalando um cheiro a honestidade não menos tétrico, mas d'esta honestidade que se explica pela palavra *relatividade*, ou que esta palavra explica; elle esgazeava os olhos a cada murro applicado sobre o martyr e berrava como possesso: *Devasso!*

E os commentarios! e as maldições! e os protestos! De cada canto ouviam-se vozes tremulas d'indignação que bradavam:
— Dêmos um exemplo de moralidade! Salvemos a sociedade portugueza!

Elle erguia os olhos ternos, encarava ora

. . . .

um, ora outro dos seus algozes, e a cada olhar fixo arremeçado aos que o cercavam, os labios do misero entreabriam-se e murmuravam: *Tu quoque!?*

O crime do pobre consistia em *ter falhado*, — *manqué*; — elle possuia todos os dotes que constituem na Parvonia um bom ministro: era pouco escrupuloso e tão deshonesto como qualquer outro.

Luctára porém com a Fatalidade: d'aqui um inferno de maldições; — fôra vencido! — Em casos taes retira-se um homem á vida particular; o pobre insistiu, o numero de competidores era immenso; tratava-se de esmagal-os por um successo estrondoso, ou de retirar a tempo: aquelles impollutos não admittem os meios triumphos O desgraçado cahiu justamente n'aquelle erro fatal: triumphou *à demi!*

A reacção foi temivel, e devia sêl-o. Pois que! quando tantos homens de provada traficancia, sem uma leve tintura de probidade, aptos para exercerem os mais elevados cargos do nosso tempo, desde o de

. . . .

espião do governo até ao de galopim eleitoral; deshonestosinhos, puramente desvergonhados, sem mancha de pudor, tendo arremeçado a Consciencia ao monturo e cuspido sobre as reputações honradas; quando todos estes desherdados de preconceitos estendiam a mão á justiça das altas espheras vem aquelle insignificante collocar-se entre a mão supplicante e a justiça munificente e *apanha!?* Não! mil vezes não!

Oh! não, desgraçado! Tu não tomarás chocolate comnosco! O teu halito, empéstado pela má digestão dos petiscos do orçamento, não irá poluir o marmore lustroso e limpo da nossa mesa! Crê: não haverá misericordia! Tu não soubeste trepar até lá onde poderias cuspir sobre nós, ajoelhados em redor de ti; tu não passas d'um devasso de terceira classe, e tiveste o máo gosto de deixar cahir a mascara aos olhos do mundo indignado! Ai de ti!

. . . .

Elles eram grandes: comprehendiam que

se tornava urgente um protesto vingador; a sociedade começava a fallar no Baixo Imperio; *elles* aguardavam anciosos o terrivel momento e o momento chegou.

Não o deixaram tomar chocolate: foi uma explosão, um *scholking* universal! *Elle* murmurava apenas o conhecido *Tu quòque;* ao longe ouvia-se tocar o Barba Azul; a cem passos de distancia um poeta lyrico confundia um gafanhoto com uma borboleta e fazia-lhe versos; dois policias civis namoravam as creadas do vizinho conselheiro, e a Lua pairava magestosa!

VII

A Graça Barreto

O livro fez escandalo, intitulava-se *L'Homme-Femme* e vinha pelos modos cortar nós Phrigios, com supremo desembaraço e immensa galhardia. O filho do auctor do *Mon-*

te-Christo parodiava o filho de Filippe. Estes Alexandres são temiveis!

Acima da questão do adulterio e das suas consequencias, sejam quaes forem, está a da emancipação da mulher, problema de cuja solução depende a de todos os outros ventilados no livro de Dumas filho; registremos o seguinte periodo, como base: «A emancipação da mulher, a sua renovação... são para nós palavras ôcas de sentido; a mulher não póde ser emancipada, como não póde ser renovada; o seu destino e as suas funcções estão desde a sua origem d'ella, estabelecidas e determinadas; não ha modificação possivel; o que importa é conhecel-as bem».

Aqui é que bate o ponto. N'uma resposta de mulher (?) ao auctor do *Homme-Femme* vem a eterna apellação para Stuart Mill, cuja posição invejo por vezes, ante os olhares feminís, mas cuja responsabilidade não compartilharia pelos olhares de todas as mulheres.

Lá está na defeza: «O amor deixando de

ser o unico fim da vida da mulher, o unico meio de trocar o papel d'escrava do homem, pelo de sua egual e mesmo sua senhora,— eis o que vemos na emancipação, etc».

«A mulher sacrifica menos a esse *Deus perfido* e commette menos faltas por causa d'elle».

Cá temos o *comico*, o *burlesco* atė; cá temos a moralidade immoral! A anonyma leu muito Dumas filho, antes de refutal-o: *O Deus perfido!* Aqui é que não vae bem decerto, o divinal canto de Jahel:

> Amor! eterno verbo de harmonia,
> Saudação a luz, canto de vida,
> Lei e força onde tudo principia!

E não vae bem porque Stuart Mill e Mme *** condemnam o *Deus perfido* e preparam o bisturí e a alavanca.

Vamos por partes, e com cuidado n'este terreno escabroso: Tracta-se da *emancipação* como reforma da horrivel situação da mulher do povo? Abram-se os braços á grande

idéa e trabalhemos! Dê se á mulher pobre, sem marido, mais do que os recursos da mendicidade e da prostituição! Expulsem das lojas de modas, e quejandos estabelecimentos, aquelles sujeitos efeminados e ridiculos que seduzem parte do *feminino*, com os seus encantos (sic); dêem-se á pobre mulher do povo aquelles logares: além d'uma questão de humanidade, póde ser uma questão de moralidade.

Mas, por Deus! Todos nós sabemos que é isto clamar no deserto. Os poderes publicos tractam da espionagem legalisada e da creação de sinecuras para os espiões. A imprensa jornalistica... tem mais em que occupar-se. A burguezia explora e toma sorvetes.

Dumas filho não merece resposta, pelo que toca ao seu livro. Elle, que conhece as mulheres *predestinadas*, pelo *physico*, obriga-nos a acceitar de braços abertos o fatalismo turco. Depois... quem sabe se o auctor do *Homme-Femme* buscava no seu livro uma justificação aos effeitos dos seus li-

vros?! Elle declinava a responsabilidade da profunda corrupção e da depravação geral, sobre a fatalidade. Aquelle Balzac da decadencia appellou para a pena ultima applicada por um marido ultrajado, depois de ter poetizado o adulterio e ridiculisado os maridos, esquecendo ainda, além d'isto a theoria da *predestinação.*

A sua contendora anonyma, que bem podera figurar na galeria de Molière e que pertence pelos modos a um sexo hybidro e *indenominavel* que é dos tempos modernos, e para cuja gangrena não ha já ferro em braza que sirva de cauterio, não trouxe á arena da discussão mais consciencia e boa fé do que Dumas filho; ella dará a lêr a sua filha os livros scientificos e prohibir-lhe-ha decerto *estas danças a que chamam polkas ;* isto, exigindo que seu filho se *conserve virgem* até aos *vinte e um* annos e prohibindo-lhe que se case antes dos *vinte e cinco.*

Como já disse, ella não resistiu á tentação de citar o nome d'aquelle bemaventurado Mill, e, fallando de obras *muito sérios*

....

que tem lido sobre o assumpto, esqueceu-lhe decerto passar um golpe de vista na discussão do seu idolo por aquelle grande vulto de Augusto Comte.

Abandonando o campo puramente racionalista, citarei: — «Imperfeita como está ainda, a todos os respeitos, a biologia, parece-me poder ella já estabelecer solidamente a hierarchia dos sexos, demonstrando anatomica e physiologicamente, que, em quasi toda a série animal e sobre tudo na nossa especie, o *feminino* está constituido n'um estado d'infancia radical que o torna essencialmente inferior ao typo organico correspondente:» [1]

Isto vae com curiosidade e a proposito. Não nos demoremos n'este terreno. Cite-se porém um facto, e, tire d'elle as conclusões algum dos ferrenhos contendores do momento.

---

[1] Vide: *Auguste Comte et la Phil. Posit.* par Littré, 1864.

. . . .

Uma pobre mulher condemnada por occasião dos ultimos successos de Paris (Communa, etc.) a ser fuzilada, disse, ao ouvir a sentença: «E quem protegerá o meu filho?»

Eis um mundo!

Guilherme d'Orange, o *Taciturno*, o heroe da independencia da Hollanda, ao cair ferido pelo assassino, exclama: «Meu Deus, tende piedade da minha alma e *d'este infeliz povo!*»

Um mundo ainda!

Na hora suprema, como que se desatam aquelles espiritos em oceanos de uma luz infinda. A exclamação da infeliz é tão eloquente como a do grande homem cahido. Ambos viam approximar-se na sombra o aniquillamento da sua augusta missão: a *mulher pensava no filho* por quem soffrera; *o homem, no povo* por quem morria!

O livro de Dumas filho não merece discussão; merece porém ser indicado como documento miseravel da corrupção da nossa época. A defeza feminina passou além dos

limites onde lhe era dado manter-se e invadiu o sempre irrisorio terreno da emancipação *bellico doutoral*. A *critica* limitou-se ao sentimentalismo galante, ou á verrina apaixonada. Mr. Dumas filho esfregou as mãos em signal de regosijo. As mulheres do povo, que não pedem cadeira em S. Bento e só sim o pão quotidiano, continuaram a trabalhar quinze horas por um tostão. A sociedade sempre previdente reserva-lhes o recurso da prostituição official.

Algumas, apesar da imprensa, recorrem ao suicidio; o jornalista severo condemna o acto vil, depois d'um bom jantar, e a moral triumpha.

VIII

A Questão de Imprensa

(1871)

Eu peço licença aos que o vulgo classifica de *ornamentos brilhantes* do jornalismo

portuguez para dizer duas palavras sobre a questão do dia.

Trata-se da questão da imprensa.

Eu tenho sobre isto de cousas jornalisticas idéas singulares, como sobre muitos outros assumptos de não menor importancia. Da exposição de opiniões minhas sobre alguns dos taes assumptos tenho colhido um resultado animador, que me impõe, já agora, a obrigação moral de morrer impenitente.

Resultados que se traduzem por ataques traiçoeiros, por surdas resistencias, por calumnias abjectas, e protestos ridiculos, sabidos da sombra e na sombra elaborados.

Deixemos porém essas miserias e entremos francamente na questão.

Parece que se descobriram á ultima hora, graves escandalos na imprensa jornalistica lisbonense. Falla-se de annuncios amorosos; de annuncios de indigentes pagos pelos proprios indigentes; de excessiva minuciosidade na descripção de qualquer crime, de mercantilismo na imprensa, etc., etc.

. . . .

Não sei bem ao certo, se foi levantada a accusação tremenda pelo antigo jornalista e conhecido escriptor, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Creio que foi, pelo menos, provocada por elle a celeuma. Julgo competentissimo o accusador.

Olvidou, por ventura, o sr. Teixeira de Vasconcellos alguns factos que parte do publico desconhece e que convém tornar salientes.

Vou, em breves palavras, tentar preencher essa lacuna.

E' de certo deploravel o programma adoptado pelo *Diario de Noticias* e muito para indignar os homens probos e rectos, o espectaculo dos 300 ou 400 annuncios com que aquella folha inconsciente nos mimoseia ao domingo; mas, creio que o sr. Teixeira de Vasconcellos partilhará da minha indignação, ao pensar n'umas cartas fabricadas em Lisboa e datadas de Versailles, por exemplo, com que outros jornaes da capital mimoseiam os seus credulos ou incredulos leitores.

. . . .

Applaudi o espirito encantador dispendido pelo *Jornal da Noite*, a proposito d'uma observação do *Diario de Noticias*, ácerca dos suicidios: propozera esta ultima folha a collocação de uma grade na muralha da Sé: acudiu aquella, lembrando a collocação de outra grade na pedra d'Alvidrar, etc.

Parodiando o sr. Alberto Queiroz, redactor da *Revolução de Setembro*, direi que o espirito do localista do *Jornal da Noite* produziu em mim o effeito d'uma *cocega*.

Mas, produz em mim igual effeito o pensar em que o desejo de conservar a entrada permanente em qualquer theatro póde levar uma redacção a inserir noticias theatraes, escriptas pelo proprio punho dos emprezarios do theatro.

Cresce em mim o effeito agradabilissimo ao pensar n'um facto ultimamente occorrido entre nós. Um collaborador de uma folha lisbonense, irritado porque uma empresa theatral qualquer não punha em scena as suas traducções ou imitações, encetou na folha em questão uma revista onde fulmi-

. . . .

nava (sic) os pobres actores do infeliz theatro desprotegido.

Ha mais e mais que dizer. Não desespero de poder continuar a prestar os meus serviços ao sr. Teixeira de Vasconcellos e queira elle acceital-os como a homenagem mais respeitosa á sua lealdade e virtudes correlativas.

No meio da infrene devassidão condemnada pelo austero jornalista o sr. *Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos* e na contemplação d'estes pungentissimos espectaculos d'um mercantilismo desaforado, é-me lenitivo a grandes dôres o poder tributar agradecimentos ao Omnipotente, que ao lado do grande mal colloca o remedio santo, que, depois de fundar (sem epigramma) o *Diario de Noticias*, envia a purificar estas perdidas creaturas, o venerando sacerdote da imprensa, que Portugal e a capital da França veneram, sob a pomposa denomina-

ção de *Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos*.

Eu condemno o programma do *Diario de Noticias*: creio que esta folha devia seguir os nobres exemplos de outras mais modernas e menos conhecidas; mas appello ainda uma vez para o conhecido jornalista, sr. Teixeira de Vasconcellos, e supplico-lhe que apoie com a sua auctorisada opinião o meu parecer sobre uma longa serie de factos que naturalmente se prendem ao assumpto.

O *Diario de Noticias* já soffreu do sr. Teixeira de Uasconcellos o castigo tremendo para os tremendissimos delictos. Apraz-me crêr que o conhecido jornalista, em sua infinita misericordia, deixará em paz d'ora ávante aquella folha, como sensatamente tem deixado em paz uns *rebeldes* bem dignos de castigo.

Volva os olhos o grande e excelso ornamento do jornalismo independente e recto de Lisboa, para esse lado, e digne-se por um pouco seguir as minhas indicações, que

só têem por fim submetter alguns culpados aos effeitos da sua justa insignação.

Uma folha lisbonense, assaz conhecida entre nós, e especialmente conhecida pelo sr. Teixeira de Vasconcellos, declarou ha dias não lhe permittir a falta de espaço a publicação de cartas de Thomaz Ribeiro.

Esta folha inseria ao tempo artigos do sr. Jayme Belem.

E' a mesma folha que a uma esplendida prelecção de Anthero do Quental, no Casino lisbonense, oppoz, *apenas*, uma carta anonyma sobre *quolibets*.

E' a mesma folha que em resposta a um folheto intitulado *A Communa — por um verdadeiro liberal*, só poude do alto da sua stulticia pedante, responder um *recebemos e ogradecemos*.

E' ainda a folha que insere folhetins de um pseudocymo *Christovão de Sá*, destinados a elevar ás nuvens o historiador Manuel Pinheiro Chagas, ao passo que, accusando a recepção d'um livro de Luciano

Cordeiro, só julga digna da sua attenção a parte material do livro.

Faço um esforço por acreditar que *podia* fallar da obra.

E' o jornal que nos dá o auctor de *Gerfaut* como um *realista*.

E' o jornal que, parodiando aquelle estabelecimento de Londres sobre cuja entrada se lê: — «Aqui se fabrica vinho do Porto,» — póde mandar gravar sobre a frontaria do seu escriptorio: — Aqui se fabricam cartas de Versailles e d'outras partes ainda, a preços commodos.

O jornalismo não, é isto, decerto; não deve sel-o, pelo menos. O sr. Vasconcellos bem merece da patria, fulminando os vendilhões do templo.

Eu não quero procurar entre nós o jornal a seguir como modelo: são tantos os que teem jus a tal distincção, que de certo eu provocaria reclamações.

O que são os jornaes francezes contemporaneos disse-o aquelle bello espirito de **Karr.**

. . . .

Decerto, não irei buscar como modelos os periodicos francezes da Restauração, nem ainda os de tempos ulteriores. Assim nem ainda poderei oppôr á folha patriotica *La Bouche de fer*, a *Lanterne magique nationale*; não me merecem mais consideração como modelos, o *Ami du Peuple*, o *Père Duchesne*, e o *Defenseur de la Constitution*, do que *Les Actes des apôtres*, ou *Le Journal des Halles*, ou ainda *Le Journal de la Cour et de la Ville*.

Os jornaes romanos conhecidos per *Acta Diurna*, escrupulosamente *vigiados*, segundo Dion Cassio, pelos imperadores Tiberio e Domiciano, no tempo d'estes soberanos, se, posteriormente á morte dos seus *augustos* revisores, lançavam sobre elles um chuveiro de maldições, tinham a condemnal-os a covardia insigne com qúe se prestavam a ser muitas vezes o orgão da tyrannia, e, seja dito em áparte, que não sei se mais condemnavel é o procedimento dos que em logar da adulação por temor exercem a adulação por interesse.

Não irei pois buscar modelo jornalistico á Roma antiga, nem á Inglaterra, desde o *English Mercury* de 1588 até ao *Times* de 1872, nem á Italia, desde as *Gazettas* de Veneza até á *Gazetta d'Italia* dos tempos modernos.

O jornal modelo, a Phenix jornalistica, forte pelo triplice dom da *sciencia*, da *consciencia* e da *austeridade* do seu fundador, só póde ser iniciado entre nós pelo conhecido jornalista — o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Já agora continuarei no proximo numero: merecem-me este trabalho a grandeza do assumpto e o respeito e veneração pela lealdade do sr. Teixeira de Vasconcellos com virtudes correlativas.

Eu indiquei já como symbolo da decadencia jornalistica uma folha lisbonense.

Apontei factos que, por vezes, me dispensaram de citar o nome da folha em questão.

Fique em todo o caso declarado que alludi ao *Jornal da Noite*.

....

Prosigamos :

Disse um dia aquelle grande vulto de Royer-Collard : — «Actualmente o jornal é, antes de uma instituição politica, uma necessidade social».

Monseignat, no prefacio de um livro curioso sobre o Jornalismo da Revolução, (1789-99) diz:—«O jornal é necessario aos homens do nosso tempo como aos Romanos os espectaculos do circo».

Eu creio que podemos applicar á nossa época e ao nosso povo estas palavras, com ligeira modificação.

Decerto crê comigo o sr. Teixeira de Vasconcellos, que é outra a missão da Imprensa. Quando um leitor de jornaes diz: «Vejamos quantas mentiras diz a *Gazeta de tal;* quando outro diz ainda : — Eu leio o *Jornal d'algures* por causa dos annuncios ;» quando se acha estabelecido, como fazendo parte de uma palestra, o systema de accusar a insciencia de uma folha, a inconsciencia de outra e a venalidade de terceira, só resta ao jornalista independente e

honesto cobrir o rosto, se o desalento lhe prohibe o protestar.

Guarde-me Deus de accusar de excessiva severidade tal ou folha! No tocante á critica litteraria é de ordinario benevola a imprensa. Homero não teria ali um Zoilo; nem Molière um Visé; nem Shakespeare um La Harpe, ou um Voltaire, ou um Rhymer, ou um Driden; nem Eschylo um Saumaise; nem o Dante um Chandon; nem Milton um Trublet; nem Calderon um d'Alembert: não! entre nós a *critica* é terrivel: *guarda silencio*...

E' se forte; entra-se aqui sem zumbaias; sem hypocritas cortezias; crê-se que o Justo, o Verdadeiro e o Bello não são *adjectivos com letra maiuscula*, como lhes chama o sr. Pinheiro Chagas; conta-se com o auxilio dos sacerdotes do jornalismo; diz-se lealmente o que se pensa; a *irreflexão* levou porém o audacioso neophyto a beliscar a vaidade do sr. F..., amigo do redactor do *Diario*.., e ainda o sr. G..., compadre do revisor do *Jornal*... — conse-

quencia: o miseravel é banido, é riscado da lista dos viventes; é condemnado ao olvido apparente, porque a honra dos compadres a amigos desaffronta a dos amigos e compadres.

Sabe isto melhor do que eu, o sr. Teixeira de Vasconcellos; sabe tambem que sahindo do campo litterario, para entrar na parte *politica*, encontramos a justificação d'aquelle dito de Hugo: «*La diatribe est, dans l'occasion, un moyen de gouvernement.*

Recordarei ao sr. Teixeira de Vasconcellos um periodo do *Le Monde marche*, que começa por: «*Vous faites votre entrée dans la vie politique par la grande porte de l'election*». etc.; pedirei licença para applicar aos *jornalistas aspirantes a ministros* alguns trechos do citado periodo e submettel-os-hei á apreciação independente do sr. Vasconcellos.

—*Prenez place suv un de ces bancs d'attente, à égale distance du pouvoir et de l'opposition. Ménacez et rassurez en même temps la couronne. Étalez votre parole comme une*

fille à marier, coquette e prude à la fois, la pudeur dans le regard et le bouquet sur l'oreille. Tonnez en temps opportun contre l'excedant de dépense. Gémissez sur le droite de visite. Intriguez dans la coulisse et attendez l'événement: vous tenez déja votre portefeuille.

Um parenthesis:

(Eu creio que é praxe, entre nós, salvaguardar com uma advertencia as excepções, quando atacamos um corpo collectivo. Fique pois registrada a advertencia, applicada pela opinião publica aos innocentes e incorruptiveis.)

Prosigâmas:

Na parte *noticiosa*, vê como eu, o sr. Teixeira de Vasconcellos, a mentira, a adulação servil; a ausencia completa de critica; a alteração acintosa dos factos; o impudor; a stulticia; o atropellamento do bom senso; a paixão mesquinha; o interesse sórdido, etc.

O *veredictum* da opinião publica, incorruptivel quasi sempre, manifesta-se pelo in-

....

differentismo. Assim, paira sobre o jornalismo a desconfiança perpetua. Consumamse os escandalos mais torpes e as maiores iniquidades: o protesto existe, mas verbal. Nada que atteste as infamias praticadas! Nada que registre os escandalos perpetrados! Nada que esclareça as gerações de ámanhã, sobre o nosso trabalho e sobre os nossos erros!

E' o jornalismo revelação do *meio* social? Este produz aquelle? E' o segundo modificado e preparado e conduzido pelo primeiro? Não será a imprensa mais do que o registro de uma evolução, como a Litteratura em geral?

A exemplificação não resolve o problema. E' ella tembem modificada pelos contendores. Não sou fatalista até ao ponto de prégar o *dolce far niente*. Não creio que possâmos declinar a responsabilidade dos nossas actos sobre a influencia dos *meios*.

Não reclamo gloriolas. Exijo solidariedade.

....

. . . .

O indifferentismo pela imprensa, da parte mais illustrada dos leitores, não exclue a influencia nefasta de uma propaganda inconsciente sobre as classes onde a escassez de critica predomina. O homem do povo vae procurar n'essas fontes impuras a noção do direito e do dever. A accusação que sobre elle pesará mais tarde pela interpretação falsa do evangelho social, deve recahir sobre os apostolos da mentira e do erro.

O elogio constante aos devassos de todos os partidos, pelos orgãos d'esses partidos; a exploração *espirituosa* dos delictos de toda a casta; o sangue frio revoltante na ennumeração dos crimes mais atrozes; o mercantilismo abjecto estabelecido como programma; a collocação da imprensa ao serviço de vinganças pessoaes; a escassez absoluta de competencia que implica a imposição de conhecimentos encyclopedicos a qualquer localista: — eis o quadro!

Eu sei que pouco se ganha em clamar n'este deserto. Anima me, porém, a idéa de que *isto ficará*. Registro incompleto, incor-

reto talvez, desordenado emfim, de uma tentativa de regeneração, a mais urgente e a mais efficaz; regeneração que só tem a condemnal-a na sua origem o *excesso de lealdade do sr. Teixeira de Vasconcellos e das virtudes correlativas* do antigo jornalista.

Nada mais.

IX

Ia tudo bem. Reinava a mais santa fraternidade e a mais completa coherencia. Em litteratura, insultava-se Theophilo Braga e suspirava-se com o sr. Vidal. Em politica, não reinava o sr. Antonio de Vizeu, mas reinava o sr. Fontes. O sr. Barão do Rio Zezere era considerado um estrategico. Os padres Grainhas queimavam o *Papa-Rei e o Concilio.* O sr. Vidal era nomeado membro da Academia. O sr. Teixeira de Vasconcellos publicava a *Ermida de Castromino.* O sr. Pedro d'Alcantara calcteava, com applauso publico. O sr. Marquez d'Avila supprimia

. . . .

as *Conferencias Democraticas*. O *Jornal da Noite* descobria *um segundo Balzac*, por nome Charles de Bernard, e fulminava a *Internacional*. O sr. Christovam de Sá descobria uma primeira actriz, chamada Emilia Adelaide. Discutia-se o regulo de Cabinda. O sr. Desforges fazia folhetins. O sr. Vidal descobria o *realismo honrado*. Pedro d'Alcantara comprava maçãs. O sr. Castilho insultava Goethe. O sr. Teixeira de Vasconcellos publicava os *Papeis Velhos*. O governo *buscava o inimigo*. Lisboa lia o *Homme-Femme*. O *Primeiro de Janeiro* existia. Portugal decifrava enigmas. O *Diario Illustrado* não era um mytho.

Eramos coherentes, emfim.

Julgavamos sêl-o, pelo menos.

Um dia o sr. José Carlos dos Santos descobriu uma notavel incoherencia:

— O theatro de D. Maria II era ainda um theatro; um templo da *Arte*; havia ali sacerdotes da grande deusa; estava ali a grande sacerdotisa!

Urgia supprimir aquillo.

. . . .

Conspirou-se.

Deram-se as mãos os intrigantes de bastidor, as nullidades da Arte, os vendilhões do templo e os intrigantes de secretaria.

Foram expulsos o actor José Carlos dos Santos, do theatro ex-normal, a rainha da scena portugueza e os primeiros actores portuguezes.

Emilia das Neves, Rosa Junior, Polla e Pinto de Campos lá foram transportar o templo da Arte para o velho theatro do Gymnasio, berço de tantas glorias.

O sr. José Carlos dos Santos foi um homem da sua epoca; foi um homem do seu paiz...

Hoje, que as mediocridades acharam na indifferença publica o castigo d'uma audacia irrisoria: hoje, que a opinião publica se penitenciou de antigos erros e de immensos desvarios, por imponentes manifestações em pró do que é nobre e grande, repetimos as palavras de hontem:

— Emudecem os pigmeus da Arte e os seus partidarios, ante o grande vulto de Emi-

....

lia da Neves; n'esta admiravel actiz sobrevive o genio das Raehel e das Lecouvreur; não ha occaso n'este dia eterno de triumpho; é antes, porventura, uma eterna esplendente aurora. Ha n'aquella artista o genio sereno da tragedia antiga e a paixão impetuosa do moderno drama. Alliança portentosa de Eschylo e de Hugo, connubio formidavel e uberrimo que faz o desespero das nullidades ruins excitadas pelas ruins consciencias!

Sahiu do theatro das suas glorias, onde fôra gloria da Arte nacional, a sublime actriz. Mal enxergamos hoje no tablado, onde saudaramos aquelle vulto magestoso — os vultos microscopicos que nos indicaram como seus successores. A'parte aquelle formosissimo talento de Virginia, só vemos a imitação ridicula e os assomos de vaidades irrisorias.

O nome do talentoso actor José Carlos dos Santos ficará na historia da arte nacional como um symbolo, — o mais completo, talvez, — da mais triste decadencia.

. . . .

D'este cánto modesto, onde saudamos o que é verdadeiramente grande, erguemos mais uma vez a humilde voz, para uma saudação reverente:

Salvé Emilia!

X

Não sei quem affirmou ha pouco, entre nós, que — sem o estudo das *sciencias naturaes* não ha escriptor possivel. Disse-se. Swedenborg e o auctor do *Espirito das Cousas*, — Saint-Martin, — podem reclamar, com igual direito, pelo menos: — diga-se tambem.

A affirmação a que alludo veio a proposito de Balzac. Nos ultimos tempos tem-se fallado muito do auctor da *Comedia Humana*, entre nós. Não se sabe bem ao certo o que motivou esta subita revolução no bom-senso e no sentimento esthetico do nosso povo. A verdade é que se falla em Balzac.

Eu disse o *sentimento esthetico;* porven-

tura eu érro: quem sabe se os que nunca lêram o aucto do *Père Goriot* são os que a miudo o citam?... Mysterios da Parvonia!

A proposito de Balzac vinham bem as sciencias naturaes e vinha bem Swedenborg a proposito do auctor da *Seraphita*; mas, não basta isto: Balzac foi o creador: excepcional creação! A sua *Comedia Humana* bastará a delatar no futuro, — como diz um dos seus criticos, — todos os progressos da moderna civilisação nos costumes domesticos, na vida publica, nas sciencias naturaes, nos sentimentos da consciencia, nas paixões mais occultas e tenebrosas; elle não deixou aos *especialistas*, que por ahi topamos, a desculpa de, sob o pretexto da sua *especialidade*, serem crassamente ignorantes om *tudo o mais*. Foi encyclopedico. Elle sondou os páramos do coração humano nas suas miserias profundas e na sua profunda corrupção. O seu trabalho espantoso tarde será entre nós devidamente apreciado: por emquanto estamos em Ponson...

....

Isto veio a proposito dos escriptores *impossiveis sem as sciencias naturaes*. Os auctores da singular e irrisoria affirmação não pensam decerto em firmal-a em bazes solidas e, emquanto á exemplificação, deixam-n'a aos que pensam de diverso modo. Seja!

Vêde na galeria dos *inuteis* de Hugo:— Homero, Job, Eschylo, Sophocles, Plauto, Terencio, Horacio, Catullo, Juvenal, Persio, Petrarcha, Dante, Cervantes, Lope de Vega, Shakspeare, Camões, Marot, Régnier, Aubigné, Milton, Corneille, *Molière*, Racine, Boileau, Voltaire, Diderot, Beaumarchais, Chénier, Klopstock, Schiller, Hoffmann, Byron, Musset, Dumas e Lamartine; vêde o proprio Hugo! Que de entidades nullas!...

Agora permitte-me que transcreva duas linhas do homem da *Lenda dos Seculos* a proposito do *desdem* (sic) dos *homens praticos* por aquelles inuteis:

—«Quando o *aplomb* d'um idiota chega a attingir taes proporções (as do *desdem)* deve ser registrado.»

Registrêmos tambem.

. . . .

Tomae cuidado, vós outros, ultra-*positivistas*, — e dou á palavra um sentido que nada tem com o de Littrè e Comte; — tomae cuidado, apedrejadores do espirito! O bisturí não basta; prefiro em ultima caso o *illuminismo;* cuidado com os Pocquelins!

Tal sujeito, lendo as idealisações adoraveis d'aquelle chorado Julio Diniz, julgou ver o *medico* em creações como a de Jenny; pareceu-lhe que bastava o quinto anno da escola de medicina para escrever a *Pelle de Chagrin* do grande Honoré. Tem sido um inferno de abortos litterarios e de pneumonias fataes, nos ultimos tempos!

O abuso da *anatomia applicada ao genio* tem sido prodigioso; já não existe o *quid* divino, seja! mas aquelle pobre Dante que conheceu tanto a medicina dos Asclepiades como a escola de Cós, sempre vale um pouco mais na historia da humanidade do que Harvey e Carus! — Isto sem embargo de ter apparecido um jury litterario que chamou á *Divina Comedia* a «apologia de Beatriz».

Estas miserias não são da nossa época;

. . . .

são do nosso paiz: sirva isto de consolo aos que pensam e luctam; nas regiões serenas da Arte e da Ideia não vão bem as nacionalidades; não ha pois logar para as carpideiras nacionaes em face da accusação aqui lavrada; que não venha o patriotismos alvar e inconsciente estorvar-nos no caminho da Verdade!

XI

Não sei como se organisam estas resistencias surdas, por ventura inconscientes, mas inevitaveis, contra o trabalho serio, austero e profundo, que por ahi surgem, á luz do dia sim, mas elaboradas na sombra, ora a coberta do anonymo cautelloso, ora abrigadas à sombra de nomes que excluem a ideia da imputação e que despertam o sorriso no rosto menos prazenteiro e menos dado a farfalhices!

Nem eu curo de saber que abençoada cabeça produziu e que abençoadas mãos delinearam o conjuncto de torpezas, inferior

. . . .

ao de disparates, que motiva as linhas que vão lêr-se.

Isso é uma questão secundaria e que só incidentalmente poderia ser tractada.

Vamos ao assumpto.

Um dia appareceu no *Diario Popular*, de Lisboa, um communicado-protesto,—anonymo, já se vê — ácerca de umas linhas consagradas por Theophilo Braga ao *sr.* Varnhagem, no seu livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas.* (pag. 139.)

O auctor do *protesto* declarava que *por espirito de equidade e pela honra das lettras (sic) consignava uma clamorosa injustiça, etc.*

A injustiça consistia no seguinte correctivo applicado pelo historiador portuguez ao *sr.* Varnhagem:

«Pela leitura do livro de Varnhagem *(Da Litteratura dos livros de Cavallarias)* vê-se que está atrazado na sciencia; está como no tempo do «Panorama»; a sua *personalidade* occupa-o mais do que os problemas litterarios que ignora, passando por elles

com uma superciliosidade de diplomata de uma côrte em que a falta de *senhoria* é mais revoltante de que comprommetter a verdade.»

Historiêmos:

A proposito d'um livro publicado em 1849 pelo sr. Francisco Adolpho Varnhagem, sob o titulo — *Trovas e Cantares de um Codice do Seculo XIV: ou antes mui provavelmente o Livro de Cantigas do Conde de Barcellos*, formulou Theophilo Braga no seu livro *Os Trovadores Galecio-Portuguezes* algumas observações; resultando da apreciação feita pelo escriptor portuguez os evidentes erros historicos, que não impedem todavia, a correcção dos defeitos da edição de lord Stuart na parte bibliographica.

A pag. 97 diz Theophilo Braga: «Durante a sua estada em Hespanha, Varnhagem descobriu uma antiga copia do *Cancioneiro de Roma* em poder de um grande de Hespanha... extrahiu d'ella em 1857 uma nova copia que em Roma, em 1858, confrontou com o exemplar n.º 4803 da *Bibliotheca do*

Vaticano. Em todo este trabalho, Varnhagem procedeu com uma honradez invejavel e com uma profunda probidade litteraria, etc.»

Varnhagem transcreveu estas linhas em um folheto intitulado: *Theophilo Braga e os antigos romanceiros de trovadores* e teve o cuidado de collocar em seguida ao seu nome o significativo *(sic)*; este signal ironico era nada menos do que um *protesto* contra a ausencia do «*Sr.*» ao lado do seu nome! Além d'isto Varnhagem não se esqueceu de reclamar d'um modo mais positivo.

De resto, o folheto de Varnhagem tem por fim declarar que *só Deus é perfeito* e dar-nos uma variente d'esta affirmação, a pag. 23, capaz de fazer subir o rubor do pejo á cara d'um beleguim eleitoral...

No seu livro: *Da Litteratura dos Livros de Cavallaria*, diz Varnhagem n'uma carta-prologo: «V. bem sabe que não sou eu dos que escrevem sem ter que dizer de novo, etc.»; d'este prurido de *novidades* que em

. . . .

tempo o levou a apresentar-se como guia de Frederico Diez, a proposito da canção n.º 140 do *Livro de Cantigas*, resultaram as paginas desgraçadas sobre o cyclo carlovingiano e a interpretação quasi irrisoria das allusões da *Menina e Moça* de Bernardim. Pelo que toca ás primeiras, podemos notar ainda a leviandade que presidiu á sua elaboração, pela leitura da *romanisação das epopeas germanicas pelo genio galla-franko* a pag. 208-257 das *Epopeas da raça Mozarabe* de Theophilo Braga; na parte que diz respeito á interpretação da *Menina e Moça*, bastaria a historia dos amores de Bernardim com *Joanna a Douda* para demonstrar cabalmente a originalidade de Varnhagem nas suas affirmações. (Vidè *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, pag. 136, etc.)

Depois de buscarmos as bases para a demonstração do atrazo scientifico de Varnhagem, egual á sua immodestia petulante, convem não esquecermos o seu defensor anonymo que deu origem a estas linhas.

Elle, o analphabeto, não discute o facto

....

de ter ou não o auctor da *Historia da Litteratura Portugueza* derramado uma luz nova sobre o vulto quasi desconhecido de Brnardim; não defende as banalidades de Costa e Silva, nem as leviandades de Garrett; não sancciona a carta do licenciado Alvaro Annes, nem a relação da bibliotheca real, publicada por Herculano no *Panorama*; reunindo ao completo e vergonhoso desconhecimento do assumpto umas pretensões curiosissimas a censor austero e consciencioso, diz: — «Quem não conhecesse os precedentes, pasmaria ante um tal *specimen* de critica litteraria, porém conhecendo-os, não verá em tudo senão um fraco desafogo, etc.»

Pasma a gente diante d'este abysmo; occorrem á mente recordações dolorosas e sinistramente ridiculas a um tempo: lembramo-nos de uma guerra traiçoeira, de uma intimação aos livreiros, de pão roubado, de apedrejamento pago, de calumnias, de abjecções de toda a casta, de conspirações de silencio idiota, depois das ovações incons-

cientes; de muitas e bem tristes miserias, de grandes e sinistras perseguições.

Quem sabe, emfim, se áquelle pobre anonymo foi grande sacrificio o tripudeamento sobre a consciencia derribada e se rasões que desconhecemos não absolvem o desverturado dos seus ataques ao bom-senso e á justiça?

Este viver do nosso indigena é cheio de mysterios.

XII

O sr. Joaquim de Vasconcellos, benemerito auctor de *Os Musicos Portuguezes*, acaba de publicar um volume de 600 paginas intitulado *O Fausto de Goethe e a trndução de Castilho*, sobre o qual a imprensa portugueza guardou um silencio ultra-significativo.

Permitta-se-me que registre uma opinião do sr. Vasconcellos e que a adopte como divisa:

. . . .

E' — que tão condemnavel devemos julgar o *fetichismo* pelos moços como pelos antigos.

Estabelecido isto, prosigamos.

Não sei ao certo, nem curo de saber quaes os livros, muitos decerto, que o sr. Vasconcellos folheou antes de escrever o seu livro. Sei apenas que se ufana de tel-os compulsado.

Bom é que alguem possa ufanar-se de tal n'esta terra onde, já agora, as bibliothecas são privilegio de poucos, para simples distração.

O que posso affiançar ao auctor do *Fausto de Goethe, etc.*, é, que tenho sobre a mesa, ao escrever estas linhas, apenas quatro ou cinco livros sobre o assumpto e que não citarei mais do que essses.

Está aqui á mão, em primeiro logar, a traducção, ou antes — o sacrilegio do sr. Visconde de Castilho; mais: o livro do sr. Vasconcellos, a *Bibliographia Critica* do sr. Adolpho Coelho, a *Philosophie de Goethe*, de Caro, a traducção de Blaze, e *Le Faust de Goethe*, de Blanchet.

. . . .

Com taes materiaes é impossivel *um artigo critico*, mas é permittido *uma noticia*. Dal-a-hei.

Não sei quem disse, — creio que a redacção do *Partido Constituinte*, — que no livro do sr. Vasconcellos existia um lado condemnavel: a severidade, ou cousa peior, da linguagem do critico para com o sr. Visconde de Castilho A opinião do critico do sr. Vasconcellos póde ser *uma opinião*, mas, como facto isolado não tem importancia.

Como insinuação, que parece ser, merece resposta immediata; tanto mais que um jornal qualquer, mercantil, destinado a ser lido pelos admiradores brazileiros do sr. Castilho e publicado em Lisboa pelo sr. A. de Castilho, com o titulo de *Brazil*, — que esse jornal, digo, deu-nos em artigo de fundo a *horrivel* (textual) noticia de dar o sr. Visconde por finda a sua carreira litteraria, em vista da *critica pouco leal* que tem soffrido nos ultimos tempos.

Pelos modos, a critica séria e digna era a de José Agostinho de Macedo, quando ar-

. . . .

remeçava á cara de Pato Moniz um epicedio do sr Visconde!

A critica leal consiste nas cartinhas preambulares do sr. Visconde e nos folhetins alambicados dos seus meninos, na guerra traiçoeira aos que trabalham, no apedrejamento pago, no pão roubado aos adversarios, no silencio covarde, nas replicas anonymas do sr. *Roque da Fonseca*, admiradas pelo visinho confeiteiro, e nas parvoiçadas, em local, de determinadas e sapientes folhas jornalisticas

Seja!

Discordo do sr. Vasconcellos em tres pontos, em quatro, digo, que me lembre, e, usando da divisa que me concedeu e que regeita a idolatria pelos moços, direi a razão do meu dicto.

Em primeiro logar, o sr. Castilho estava condemnado poa todos os homens de boa fé,—note que não digo *os escriptores* de boa fé,—existentes em Portugal; sabia-se que o distincto metrificador, sem dignidade de pensamento, e sem ideia do sentimento e da

. . . .

poezia, commettera um attentado inaudito ao erguer a mão para o monumento do gigante de Weimar; a cella do doutor *Fausto* não era uma choupana de *Sganarello; Mephisto* não era um *Leonardo; Margarida* não era uma *Martinha;* Goethe consubstanciára a idade media n'um individuo e o assombroso monumento que eregia á admiração dos seculos era vedado, desde a sua edificação, aos rapsodistas de Florian.

O livro do sr Visconde estava, portanto, abaixo d'uma analyse critica e não merecia uma refutação estrondosa.

Fallando da critica de Graça Barreto, escreve o sr. Vasconcellos:

«Diz ainda Graça Barreto: *Eu, indignado mais pela arguição feita a Goethe do que pelo crime da traducção*. . . e d'ahi parece que o segundo attentado é para o critico secundario.»

Aqui, divirjo completamente.

Disse o sr. Graça Barreto: «o sr. Castilho propozera-se a traduzir Goethe, cousa que todos os homens de boa fé litteraria

tomaram logo por impossivel, etc.» Ora, para o sr. Graça Barreto era ponto discutido a inepcia da traducção do sr. Visconde, regeitava-a com desdem; o que o surprehendeu, *e mais indignou*, foi o irrisorio attentado do sr. Visconde—*censurando* Goethe e *corrigindo-o*.

Diz o sr. Vasconcellos: «Ha 13 annos em relação constante com a Allemanha, em communhão de ideias com os seus sabios, não podiamos ver, etc.»

Eu diria que a *communidade* com os sabios allemães leva por vezes o o auctor do *Fausto de Grethe* mais longe do que póde ir quem preza a communidade litteraria em qualquer paiz, ainda mesmo no valle de Andorra, se a confraria litteraria portugueza não fosse excepção tristisssima, afora 3 ou 4 dos seus membros.

O auctor do *Fausto de Goethe* tracta com soberano desdem a pobre gente que não sabe allemão. Não faz bem.

Não faz bem, se dá licença, porque nos obriga, a nós, simples mortaes, a fazer alarde

d'umas pobres cousas que sabemos e que o sr. Vasconcellos porventura olvidou; isto, deixando de parte a *lama de Bandelaire...*

Dá-nos pois o sr. Vasconcellos uma lista das poucas obras francezas sobre Goethe, dignas de estima; o numero é limitado: cifra-se em Marmier e na *Philosophia de Goethe*, de E. Caro.

E ahi está porque eu louvo o sr. Vasconcellos, quando me aconselha a que não adore cegamente os idolos novos: se eu não fiquei em Caro! se eu, sem saber allemão, mas sabendo, como qualquer dos meus patricios, dois dedos de francez,—vi que a obra de E. Caro não é, como diz o sr. Vasconcellos, *digna de estima*, e só sim um atrevido plagiato ao livro de Blanchet! Se eu sabia que o auctor do *Mysticismo no 18° seculo* era, máo grado os Pontmartin, dado a forragear em ceara alheia, como o sr. Osorio de Vasconcellos! Se eu perdera desde muito o mau sestro de acreditar na sapiencia humana pelo alarde de sabença!

Não prosigâmos...

XIII

Era em 1872.

Continuou a coherencia. O sr. Alberto Pimentel (?) *tambem* fallava do Fausto do sr. Castilho; o *Diario Illustrado* continuava a existir; a burguezia continuava a decifrar enigmas; o merceeiro ali do lado condemnava as *grèves*; a Parvonia era governada por um tal Fontes; o sr. Teixeira de Vasconcellos *fulminava* a Internacional; o sr. Castilho creava a *noite de S. João* — de Shakspeare; Vidal gemia; a *Nação* vociferava; adulava-se o *povo soberano;* existia Christovam de Sé; a sr.ª Emilia Adelaide passava de *terceira* a *segunda* actriz de D. Maria II, emquanto não era expulsa a actriz Virginia; fallava-se da sr.ª Emilia Adelaide a proposito da illustre EMILIA DAS NEVES; prendia-se grande numero de sargentos; o duque de Saldanha era embaixador; o *barão do Zezere* representava a *ordem;* o sr. Biester fazia dramas; Vidal suspirava; o *fe-*

minino fazia critica; no café Martinho espionava-se e havia pugilato; a gente do sr. Barão do Zezere era *logicamente* brutal, estupida, e dada a espancar mulheres; a gente do sr. D. Diogo de Sousa lia Vidal, amava, e era casta e meiga; discutia-se o padre Serrano.

Fervilhavam os *amigos do povo*; os operarios começavam a acotovellar os seus *senhores*; fallava-se no *sympathico* Barão do Zezere para a solução do problema social; o sr. Osorio de Vasconcellos era um sabio; o mesmo sabio escrevia *Ante-Christo* por *Anti-Christo*; pullulavam os bachareis analphabetos; o droguista do lado defendia Fontes.

O sr. Vidal fallava em *canitos velhacos* e em *traducções ineptas*, deixando em paz os *canitos alvares* e os *originaes imbecis*; em certo conciliabulo do *elogio mutuo* diziam-se cousas d'estas: — «E' preciso esmagar estes vermes que vem roer os calcanhares dos litteratos *já entvados*...;» preparava-se furiosa reacção contra a geração nova e in-

sultava-se o primeiro vulto d'essa geração *porque sabia muito*...; exaltava-se o chefe da velha escola *porque nada sabia*...; os moços de esperanças continuavam... a dar esperanças; Vidal teimava em fazer versos; um sujeito militar chamava ao auctor da *Lenda dos Seculos* «o poeta dos ladrões;» o *Diario Illustrado* teimava em existir.

Condemnava-se as *gréves;* o sr. Mello e Faro era considerado um genio; o sr. Pereira de Miranda era gloria do paiz; depois do joven Lauro de Almeida, com o pó sabonatico, tinhamos o sr. *André* do Quental decifrando enigmas; o sr. Guilherme Braga amava as creanças louras; o sr. Guilherme Braga jantava com o rei; o sr. Guilherme Braga recebia o habito de S. Thiago; Victor Hugo era um doido; Napoleão ex-*terceiro* era um *finorio;* Gambetta era um valdevinos; Castellar não passava d'um utopista; Garibaldi era um aventureiro; Guilherme da Prussia era um heroe; Portugal tinha um Moltke: o Barão do Rio Zezere, e dois Bismarks: Fontes e Antonio de Vizeu; o

burguez chamava a Sebastião José de Carvalho—*um despota*, e a José 1.º o imbecil, —*um grande rei;* o duque de Saldanha devotava hostias; Pio IX era um grande homem.

Um soldado *assassinava* um superior: pedia-se o *assassinio* do soldado; elogiava-se o padre Jacintho, catholico... quero dizer: — protestante... isto é: semi-catholico ou ultra-catholico; o nosso clero continuava a ser ultra-ignorante ou archi-prudente; dizia-se: as furias da *Nação*, a serenidade do *Diario de Noticias*, as inepcias do *Diario Illustrado;* o pobre Mr. Thiers, ex-victima de Alphonse Karr, era querido dos merceeiros da Parvonia; o *Primeiro de Janeiro* existia; Meyrelles não era um mytho; Vidal soluçava; os pequenos esperançosos buscavam alento no *cognac;* a Parvonia suspirava pelo *fim do mundo* ou *destruição dos folhetins de Mesquita;* os professores de instrucção primaria pediam esmola; Fontes não era apedrejado.

Tudo isto se passava no anno de graça — 1872.

O ESPECTRO DE JUVENAL [1]

1872-73

Leitor burguez, que lanças não d'esta revista, esperando encontrar aqui mais um corretor dos teus negocios, mais um emoliente nas tuas horas d'irritação, alguma cousa complementar da chavena de café, tomada ao cahir da noute, nos botequins:

Operario, que julgas encontrar, em nós, mais um grupo de cortezãos que saudam

---

[1] Nos 5 numeros publicados d'esta revista, conta por collaboradores: Gomes Leal, Guilherme d'Azevedo, Luciano Cordeiro e Magalhães Lima. Claro é que hoje reproduzo, apenas, a minha collaboração.

. . . .

em ti o sol nascente e que esperam fazer brotar do connubio da tua força e da tua ignorancia o seu bem estar e, quiçá, a sua elevação:

Militar, que buscas n'estas linhas um applauso ás tuas insubordinações frequentes e um appello á tua bellicosa intervenção nos negocios pnblicos:

Litterato official, que nutres esperança consoladora de encontrar aqui um ecco do teu psalmodear lyrico-erotico-resmungão e das tuas conspirações contra o trabalho alheio:

Liberalões corruptos, que esperaes ouvir a nossa voz associar-se ao côro das que celebram as bacchanaes de qualquer partido vosso:

Falsos republicanos, democratas *ad hoc*, que envergonhaes a causa dos povos e que, justificando as espectorações dos Sardous, contaes com o nosso apoio:

Legitimistas, atacados, inconsciente ou systematicamente, por uns que valem menos do que vós e de quem não confiaria-

mos, talvez, a nossa magra bolsa; partidarios das velhas tradições, que julgaes ver em nós um novo aggressor inconsciente e irreflexivo:

Vós, todos que esperaes ver surgir mais um apostolo da falsa Ordem que mascara a immensa podridão, mais um apologista da Rotina, do Erro e da Mentira, mais um grupo de vendilhões que offerecem *boa doutrina* em troca de *bom emprego:*

— Passae de largo! Errastes o caminho vosso!

*

Professor primario, que auferes da tua missão augusta os lucros de *noventa mil réis annuaes:*

Empregado publico, que sustentas tua familia com o teu ordenado de marçano e que tens ainda contra a ti a execração publica e, por vezes, a brutalidade d'um chefe indigno:

Operario modesto e humilde, que vês na educação de teus filhos, e na tua propria,

o primeiro passo para a tua emancipação; que reclamas serenamente *justiça* e que vês nas palavras Direito e Dever termos correlativos da mesma idéa:

Batalhadores obscuros e ignorados, de *todas as condições e de todos os partidos,* que sentis no vosso peito o germen d'um sentimento nobre, no vosso cerebro o esboço d'um pensamento util, e que, algemados e dilacerados pelas grandes provações e pelos grandes preconceitos, careceis d'auxilio, d'incitamento e de conforto em vossas luctas:

— Vinde! Disponde da nossa penna!

Em 1872, a imprensa portugueza, animada de santa indignação, discutiu e fulminou um attentado contra o direito individual praticado na pessoa de um cidadão portuguez, por parte da policia e de alguns particulares.

O facto a que alludimos é de todos bem

conhecido e não faltaram á victima — o sr. Martins Roxa — protestos de sympathia e manifestações de toda a classe, que significam para nós o mais completo e estrondoso desaggravo.

Emquanto, porém, a imprensa e o publico desaffrontavam o caracter honrado do cidadão a quem alludimos, passava-se na sombra um sinistro caso.

Era o seguinte:

Quando alguem se lembrou de lançar sobre o sr. Martins Roxa uma suspeita affrontosa, hoje destruida, fôra já arremeçado á enxovia do Limoeiro um pobre moço de 25 annos, gallego, e creado do individuo de quem partiam as reclamações perante a justiça. Depois d'alguns dias d'aquelle *suave captiveiro*, foi o moço em questão posto em liberdade, por ter sido reconhecida a sua innocencia, como mais tarde se reconheceu a innocencia do sr. Roxa.

Muito bem.

Agora, duas palavras: o pobre creado de servir tractara, ao tempo da sua prisão,

d'um companheiro e patricio seu, gravemente enfermo. Privado dos soccorros do preso, este homem.. *morreu.* — Queira a imprensa tomar nota d'este *incidente*, que vae como *áparte.*

Voltemos ao caso. O moço é posto em liberdade, sem explicações, e, cremos que sem desculpas. Tambem... não havia motivo para tanto. O labéo de *ladrão*, a enxovia do Limoeiro, a sua vida embaraçada pela accusação sem desaffronta, o seu companheiro morto á mingua de soccorros, o seu nome, — porque é preciso que acreditem os senhores de *lá de cima* que um moço de fretes tambem tem nome e ás vezes mais honrado do que os seus,—o seu nome infamado, diziamos, a indifferença geral pelas suas affiicções, etc.; tudo isto realmente fórma um conjuncto de miserias que não valem decerto a pena de attenção do publico, nem quatro linhas da imprensa jornalistica.

Sr. embaixador de Hespanha! v. exc.ª sabe decerto melhor do que nós quaes são

os deveres do seu cargo e seria triste que apenas soubesse apresentar-se nos saráos da côrte e dar chá aos litteratos portuguezes. Crêmos que entre as varias e multiplas attribuições que lhe cabem, incluindo aquellas que v. exc.ª se arroga, devemos contar a de *proteger os membros da nação que entre nós representa,* sem curar de saber se o seu compatriota põe sobre os hombros uma capa elegante do seu paiz, ou o barril d'um aguadeiro. Se v. exc.ª se arroga o direito de fazer distincções, sejam elles em favor do ultimo. A prova de que o estrangeiro d'alto nascimento é *supportado* com resignação evangelica entre nós redide no facto praticado pelo antecessor de v. exc.ª, quando insultava em altos gritos, e *impunemente*, o chefe da primeira casa fiscal d'este paiz. Agora, para os que sem processo e sem culpa são arremeçados ao fundo das enxovias é que nós pedimos a v. exc.ª *um olhar da sua misericordia.* Iamos dizer: *o cumprimento da sua obrigação.*

. . . .

Pense v. exc. n'isto, pensemos todos: Confundido n'uma turba de vadios e de ladrões esteve durante alguns dias um filho da nobre nação hespanhola, expiando o delicto da sua pobresa, que attrahia sobre elle as suspeitas mais infamantes. Do abysmo da sua miseria estabelecia talvez um processo, este desventurado, contra os que o abandonaram, pobre e fraco, ás torturas d'aquella posição. V. exc.ª dirá, *como outros*, «que não passámos d'uns declamadores, *como tantos outros.*» Talvez... O que é certo é que *morreu um homem e gemia outro sob o peso d'uma accusação infame, ambos hespanhoes, ambos com direito á protecção de v. exc.ª e á dos nossos governantes*, á hora em que o sr. Fontes pensava nos seus espiões e v. exc.ª... não sabemos em quê!

Os leitores do *Diario de Noticias* assistiram, ha dias, a uma pugna ridicula de dois membros do clero portuguez.

. . . .

Ameaçára-nos o rev. padre Amado com a colera vingativa do Eterno, traduzindo-se em proximos flagellos, tudo porque algumas mulheres são convidadas para cantar n'algumas festividades religiosas. N'uma terra, onde os flagellos fossem mais raros do que entre nós, seria caso para graves temores a ameaça do reverendo.

Aqui não. Desde a *Revolução de Setembro* e o *Diario Illustrado*, até ao abysmo erotico, não escasseiam os flagellos entre nós.

Ao sr. padre Amado respondeu o sr. padre Brito, aquella victima casta e meiga do *Jornal do Commercio*. Espiritos malevolos attribuiram a refutação do sr. Brito ao desejo de realisar uma reconciliação, que seria edificante, com os seus perseguidores. Façamos justiça inteira : os dois reverendos attingiram o mais alto comico, com as suas interpretações de S. Paulo ; os reverendos Amado e Brito sentiam as grandes febres dos enigmas sombrios, aquellas febres ter-

riveis que torturavam Luthero a proposito da *Justitia Dei!*

O refutador do sr. padre Amado veiu, com ares de triumphador, formular a seguinte ingenua e sapiente interrogação: «Se o Divino Legislador, ou a santa egreja prohibiu que as mulheres cantassem nas egrejas, como é que as freiras cantam em todos os paizes catholicos?» Esta miscellanea das *mulheres* com as *esposas de Christo* revela — ou má fé assustadora, ou assustadora decadencia de espirito.

As affirmações do sr. padre Amado não se discutiam, porque baqueavam perante o bom senso publico; o sr. padre Brito julgou pequeno o ridiculo e augmentou-o com a sua refutação.

Não somos defensores estrenuos da egreja, mas lamentamos a sua decadencia profunda. Estas questões irrisorias que a expõem aos sarcasmos dos seus inimigos, pungem-nos sinceramente. Os reverendos, a quem alludimos, são decerto n'este momento mais prejudiciaes á egreja romana

. . . .

do que os padres italianos do tempo de Leão X, quando ao consagrarem a hostia murmuravam: *Panis es et panis manebis!*

Em 1872 um jornalista de Macau censurou na sua folha *(O Oriente)* alguns actos do governador d'aquella possessão, o sr. visconde de S. Januario. S. exc.ª, — alludimos ao sr. visconde, — aferindo a medida do seu procedimento pela dos nossos dignos governantes, Fontes e Companhia, julgou dever ser terrivel n'esta época em que Vidal suspira e Meyrelles vocifera.

Foi. O jornalista foi encerrado n'uma prisão e a publicação do jornal suspensa; tudo isto sem *formulas* de processo.

Alguns honestos e candidos burguezes, d'estes que ouvem, sem dormir, os dramas do sr. Ernesto Biester, lançaram um olhar de confiança para as regiões governamentaes e murmuraram: «Fontes será inexoravel.»

. . . .

Faça-se-nos justiça: nunca esperámos que o governo portuguez desaffrontasse a opinião publica ultrajada pelo regulo de Macau, mas tambem não ousavamos esperar que fosse ridiculo

A imprensa da metropole, que protestára contra a arbitrariedade inaudita do sr. visconde de S. Januario, dava-nos pouco depois a seguinte noticia:

«O governo *não approva* o procedimento do sr. visconde e julga necessario tomar medidas sérias ácerca dos ataques de que é alvo o governador de Macau.»

Esta resolução do governo é d'um comico inexcedivel. Os srs. Fontes e Companhia declaram que *não approvam* o procedimento insolito do governador de Macau. Mas esperara acaso o sr. visconde de S. Januario pela approvação do governo da metropole? Carece acaso o governador de Macau da sancção dos seus actos, pelo sr. Fontes?

Que importa a quem não trepida perante a indignação geral e em face d'um attentado contra o direiro individual e as liber-

dades publicas, que lhe importa, dizemos, a *não approvação*, apparente talvez, do sr. Fontes Pereira de Mello e dos seus collegas?

Depois: carece o sr. visconde de S. Januario de incitamento a novas gentilezas? Lá o tem na resolução pusilamine do governo portuguez que não ousa *reprovar* o seu attentado e que se limita a não tributar publicamente ao sr. visconde um testemunho de reconhecimento. Lá tem o incitamento, a animação, na *necessidade de adoptar providencias* contra as offensas dirigidas á auctoridade *n'estes ultimos tempos*, necessidade reconhecida á ultima hora pelos nossos governantes.

Mas a imprensa ministerial não tem a consciencia dos seus direitos; chega a sua degradação mercenaria ao ponto de defender estas miserias! Nem o perigo, que resulta da conservação d'ellas, realisada sem um protesto vigoroso, accorda alli o sentimento da dignidade abatida e aviltada! Quando ámanhã os seus adversarios lhes

. . . .

quebrarem nas mãos a penna opposionista e os arremeçarem a uma enxovia, clamarão talvez contra a violação dos seus direitos, sem lhes acudir á mente a lembrança de os terem calcado aos pés!

Quando uma instituição, sagrada como aquella, se prostitue e arrasta n'um lamaçal hediondo de venalidade e de mentira, quando a verdade tem de passar através as pennas assalariadas d'uns farejadores de conezias, essa instituição baqueou e perdeu o direito a ser respeitada. Do descobrimento ou desprezo dos seus deveres, resultou a perda dos direitos d'outr'ora. No seu aviltamento vemos a justificação de todas as tyrannias e a explicação de todas as torpezas.

. . . .

A' ultima hora sahe a defender o governador de Macau o sr. Thomaz Ribeiro. O tal poeta pede ao publico que *suspenda o seu juizo* ácerca da arbitrariedade do sr. visconde de S. Januario.

Appella o sr. Thomaz Ribeiro para o es-

tado grave da colonia governada pelo sr. visconde, e pretende com esse facto justificar a arbitrariedade a que alludimos.

Da defeza do sr. Thomaz Ribeiro só podemos tirar a seguinte conclusão:

«O sr. visconde de S. Januario declarou Macau em estado de sitio.»

Não póde ser outra.

Ao publico aconselhamos, se a nossa voz póde ser ouvida depois da do sr. Thomaz Ribeiro, que *não suspenda a sua opinião* sobre o inaudito attentado do governador de Macau. Haja incorruptibilidade ao menos n'este tribunal supremo, já que vemos acolhidos attentados d'aquella natureza pela mais revoltante impunidade!

O *Diario Illustrado* de 21 de janeiro insere, a proposito d'uma charada do sr. D. X. L. Vieira e d'um livro do sr. José Maria d'Andrade Ferreira, socio da academia das sciencias, uma carta do distincto metrifica-

dor portuguez o sr. Antonio Feliciano de Castilho.

A carta vem boa: ha ali orthographia regular; etymologia sensata; syntaxe irreprehensivel; certa regularidade no uso dos plebeismos, d'esta vez; e, no fim de tudo, não diremos um *ideal*, mas uma ideia fixa e predominante.

Tomamos a liberdade de transcrever algumas linhas, permittindo-nos ao mesmo tempo annotal-as com a nossa humilissima opinião.

Ahi vae:

....

«Por este molde, que v. ex.ª talhou com tanto acerto, quanto a mim, é que se deveria regular um curso de litteratura moderna e especialmente portugueza, [1] para se tornar coisa de prestimo, doctrinação sisuda, convincente para os entendimentos noveis, sympathica e attractiva para as vontades juvenis. [2] N'um curso assim professado châmente e com tamanha amenidade, havia de se colher doctrina applicavel para bem, que foi essa de certo, e não

[1] A escaldar!... a escaldar!....
[2] O pequenito ali de lado está d'accordo.

podia ser outra a intenção do curso do fundador do curso superior de lettras, principe realmente merecedor do elogio posthumo que v. ex.ª lhe consagrou. [1]»

. . . .

«*Coisas e não palavras* [2] dizia um antigo preceitista da arte de escrever, como homem que ao mesmo tempo era de inteira probidade. *Palavras e vãs coisas*, dizem hoje lá por dentro, e por essa maxima regulam tudo quanto escrevem certos talentos abortados, [3] oracelos para espiritos aleijadinhos, e com os quaes todo um Mephistopheles zombeteiro, [4] sob apparencia de phantasma philosophico allemão, nos anda hoje em dia apoquentando a paciencia. [5]»

. . . .

—«N'este particular (na cortezia applicada á critica) é que v. ex.ª deu com o seu livro uma nobre lição a muitos que por ahi se teem arvorado, de motu proprio e insciencia certa, em contrastes e aquilatadores das producções alheias. Esses taes cujos

[1] Oh Lopes de Mendonça! Lopes de Mendonça!...

[2] Vidal diz tambem o mesmo.

[3] O Mephistopheles de Goethe, ou o Mephistopheles *maloio* do sr. visconde?

[4] E' o caso de dizermes: — Deus nos dê paciencia!

[5] «Nem fôra decente citar... *em publico*... lá em conciliabulo preparatorio de resisteacia á *outrance* é conveniente citar e até mesmo *diffamar*. E' cousa que fica entre amigos... e que fica bem.

. . . .

nomes não é necessario nem fôra decente citar, [1] pois se proclamaram mestres sem jámais terem sido nem sequer aprendizes, deviam vir agora estudar aqui muitas cousas de que parecem não terem a minima noção.»

. . . .

«E aqui dava-me agora gana [2] de rir do pregoado aphorismo: *a critica é facil e a arte difficil*, porque realmente por cada critico merecedor, como v. ex.ª, d'esse honroso nome, podem-se contar dez ou vinte artistas estimaveis.»

. . . .

«Verdade é que poetas chochos, litteratos sobre posse, eruditos de casquinha e philosophos vasios [3] tambem pullulam de todos os cantos como insectos, e sevandijas no verão; mas ao menos essas especies importunas, não são tão peçonhentas, nem de entranhas tão damnadas, nem tão insupportaveis de philancia como os pseudo-criticos que andam por cima de tudo, zumbindo e ferreteando por zumbir e fer-

[1] *Dava-me agora gana* é portuguez ao menos!... Não, lá de afrancezar ninguem o accusa, senhor Castilho; durma socegado!

[2] E traductores que nem sequer conhecem o idioma que traduzem?! E' uma praga, sr. visconde! nem fallar n'isso!

[3] Imaginemos que viam e percebiam, estes maraus... Que calamidade! Nem um triste methodosinho repentino deixariam fabricar em paz. Valha-nos ainda a stulticia dos sugeitos!

retear, sem perceberem nem verem nada distinctamente. [1]»

. . . .

«A segunda coisa de que os criticos feitos á pressa, lendo esta obra, deveriam morrer de vergonha, se vergonha conhecesse n'elles, [2] era reconhecerem pelo confronto do que elles escrevem (e continuarão a escrever, por peccados nossos [3]) como o que sahiu da penna de v. ex.ª, o que alias toda a gente de juizo soube sempre, isto é, que apedrejar e calumniar [7] não é ensinar; que a critica é uma arte nobre, util e necessaria e não um pugilato de regateiras ebrias; que os erros e defeitos se podem, sim, e devem apontar, se realmente se está convencido de que o são, mas que os primores que porventura se encontrem de envolta com esses defeitos, não se devem escrever, antes o castigo, ou, por melhor dizer, a correcção, se ha de dar com suavidade e o galardão e esforço com alacridade. [4]»

Desavergonhados .. é bom, mas é forte! Lá está Biester, pessoa competente em cousas de moralidade, que fulminou, ha pouco, a corrupção da época, mas não ousou dizer uma d'estas.
E' muito!

E' provavel, sr. Castilho, e olhe que já o não largam! Deram em chamar-lhe *ignorante* e em proval-o, que é o peior . . e acabou-se. . — Forte embirração!

Conforme! conforme, sr. Castilho! Indo a gente, é feio, mas . . mandando os pequenos .

[4] Desforges é da mesma opinião

. . . .

Nada mais transcrevemos. Ahi fica um documento que as gerações futuras hão de apreciar com justiça. Na ultima nota pediamos a Deus *paciencia ;* agora. em attenção aos que nos querem mal, pedimos ao Omnipotente que mande para cá *juizo.*

*

* *

Até aqui o lado *comico.* Vejamos agora o *pungente.*

A carta do sr. visconde de Castilho é *seguida* de outra firmada pelo sr. *Alexandre Herculano.* Confessamos que nos foi grata a surpreza. O nome do auctor da *Historia de Portugal* só podia vir ali como um protesto e não como um testemunho de gratidão. Esqueceramos que o sr. Alexandre Herculano affastado da litteratura, publicara ha dois annos, em *Almanach,* uma confissão (?) do rebaixamento do seu espirito. Estes factos que o muito respeito pelo historiador de outr'ora apagara da nossa me-

moria, foram-nos tristemente lembrados *a proposito* dos livros do sr. Andrade Ferreira e da carta do sr. Castilho.

A carta do sr. Herculano encerra periodos d'este quilate:

«Pouco li, porque em geral *pouco leio* Um merecimento tem para mim o seu livro. *E' que o intendo*. Ando tão *alongado da litteratura* e está este *espirito tão velho (mais velho ainda que o corpo) que frequentemente me escapa o sentido* de muitas cousas, que por ahi se escrevem.»

«As *intelligencias decadentes*, atidas á antiga e porventura erronea doutrina de que claramente se exprime o que cl aamente se concebe, hão de todas, *como eu*, ficar agradecidas a v. ex.ª por um livro escripto ao alcance das suas pobres faculdades.»

Exultaram com estas tristes palavras todos os homens de má fé, e algumas familias burguezas de *intelligencia decadente* celebraram em reunião nocturna o apparecimento da epistola de Val-de-Lobos. Houve enthusiasmo nos estancos, nos botequins e

. . . .

nas casas de ensaio de actores curiosos. Foi um tripudear de madraços e d'analphabetos, digno de reflectido estudo. A nós... subiu-nos ás faces o rubor do pejo, porque admiramos o homem de lettras de outr'ora, sem que nos sirva de guia unico a tradicção popular. Pungiu-nos deveras a confissão de *decadencia intellectual* feita pelo sr. Herculano.

No *Diario de Noticias* de 27 de dezembro de 1872 lê-se, entre varias cousas, o seguinte:

«Ao cenero vê-se a figura da Realeza protegendo a urna em que se lê — escrutinio — e segurando em uma das mãos os decretos da abolição da pena de morte e da escravatura.

«Ao lado direito apparece um lictor quebrando a machadinha e por detraz um negro desenrolando a bandeira portugueza; junto da Realeza está a Caridade que a impelle brandamente, como para a animar a realisar aquellas boas acções; á esquerda apresenta se a Historia sustentando os chronicas dos

reis D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V e D. Luiz I, *e pisando os pamphletos*. Este modelo é obra do sr. Calmels.»

(Isto é um plano arrojado de Calmels para o acabamento do arco da rua Augusta.)

Lê-se mais:

«Sua Magestade el-rei D. Luiz mostrou-se muito satisfeito com o trabalho d'aquelle estatuario e com o pensamento que a elle presidira.»

Nada mais se lia sobre o assumpto.

Muito bem

Temos comprehendido: Calmels enxergou a immortalidade e, enxergando-a, cubiçou-a. Cubiçando-a, caminhou para ella. Até aqui achamos natural: o mesmo faz *Biester*.

Sua Magestade approvou; approvâmos Sua Magestade, e tanto mais que Sua Magestade nos surprehendeu. Confessemol-o para nossa vergonha: não esperavamos assistir ao espectaculo edificante da alliança

da realeza e do genio, n'estes tempos em que Vidal soluça e Fontes organisa.

Imaginemos, tremendo, que Sua Magestade não approvava o plano do illustre Calmels; imaginemos, desmaiando, que o grande Calmels, Calmels o fulminante, Calmels o olympico, esbarrava, no caminho da immortalidade, com a vontade teimosa do *Soberano d'estes estados*: que dirias tu, oh posteridade?! que dirias tu, oh *Biester?!*

Mas, não. Calmels teve, como Laperousse, o seu homem, o seu rei, o seu protector enthusiasta. Foi comprehendido. Bemaventurado Calmels! Agora uma cousa, ó Calmels! (Deixa nos dar-te o *tu* devido ao genio)— Porque è que,não contente com pôres lá no teu grupo a machadinha, o preto, a caridade e a realeza [1] foste pôr, ainda em cima, os pamphletos espesinhados?

---

[1] Disse-nos agora um espirito malevolo que a tua intenção foi — dizer aos povos: «A Realeza só por caridade a conservamos.» Nós não cremos, Calmels: fazemos-te justiça.

....

Ah ! tu não queres pamphletos ?! Injurias, calcas, espesinhas o pamphleto ?! Ah ! tu vaes buscar o voto d'el-rei ?! Não queres a immortalidade, sem seres adulador ? Levas ao monarcha a *Lanterna* espesinhada e pedes á deusa Historia que tome parte na *historia* ? Ah ! tu queres fazer do arco da rua Augusta um instrumento das vinganças do sr. Fontes ? Ah, tu...

Anda aqui, Calmels ! Sabes o que é um pamphleto ? *Elle*, o rei, saberá bem o que isso é ? Olha que nem sempre é a *Lanterna, a rude, grosseira, inconveniente, mas quasi sempre verdadeira «Lanterna»*. A's vezes o pamphletario chama-se Paulo-Luiz Courier, é um hellenista superior ao sr. Viale, é um dos vultos mais distinctos d'uma grande litteratura, escreve as cartas ao *Censor* e ao *Constitucional* e o *Pamphleto dos Pamphletos*, e então... tremei devassos ! surge a Razão armada, ao serviço do Direito humano !

Ah ! pobre Calmels ! tu, que miras, quando muito, a extrahir d'um blóco informe,

uma estatua boa ou má que deve existir ali, segundo Miguel Angelo, queres abafar as vozes indignadas que buscam extrahir do espirito publico abatido a scentelha da indignação que purifica !? Ah, pobre estatuario! Associas-te ao *cache-nez* do sr. Avila e collocas ainda a Arte, a grande Arte, ao serviço da tua adulação?! Coitado de ti! Pobre de quem te applaude!

Calmels, tu não sabes o que é um pamphleto. Certamente, não sabes. Deixa que traduzâmos uma pagina do ja citado Paulo-Luiz Courier, para teu ensinamento. Se não aproveitares com isto, não será nossa a culpa.

Ahi vae:

—«Sahindo do tribunal, encontrei no patamar M. Arthur Bertrand, livreiro, um dos meus jurados, que, depois de me ter declarado culpado, ia jantar. Saudei-o... perguntei-lhe se via alguma cousa aproveitavel na obra condemnada. — «Não a li, disse

elle, mas é um pamphleto e basta-me isso.» Perguntei-lhe então o que entendia por pamphleto...—«E' um escripto de poucas paginas, como o seu, de uma ou duas folhas apenas.—«De tres folhas seria ainda pamphleto? perguntei. —«Póde ser, me disse elle, na acepção commum, mas o pamphleto tem apenas uma folha; duas ou mais formam uma brochura. —«E dez, quinze, ou vinte folhas?—«Um volume, uma obra.»

—«Se eu, em logar d'um pamphleto tivesse escripto um volume contra a subscripção de Chambord, tel-o-hiam condemnado?—«Conforme.—«Comprehendo: tel-o-hieis lido.—«Sim, decerto.—«Mas o pamphleto... não o lêdes?—«Não, porque o pamphleto não póde ser bom; quem diz pamphleto diz veneno.—«Veneno?—Veneno?—«Sim, senhor, e do mais detestavel; é por isso que o lêem» Etc., etc.

Por onde se vê, ó Calmels, que apenas plagiaste o livreiro Bertrand (sem epigramma).

Vae, Calmels, caminha, põe lá o preto, a

....

chronica de D. Luiz I, a machadinha, o *cache-nez* do senhor Avila, o casacão de qualquer rebelde, e o cavaquinho de qualquer 'estadista; trépa, sua, prosegue, *insiste* e *persiste*,—como diria o meigo Vidal,—*estuda*,—como diria Biester, o somnambulo,—mas, olha que se pões lá o phampletos... damos-te a immortalidade que não desejas!

Estamos no theatro de S. Carlos.

Dança-se. — Dança-se mal.

Alguns dos espectadores dão signaes de reprovação; outros applaudem as dançarinas. De um e outro lado nota-se certo phrenesi, pouco vulgar entre o povo da Parvonia.

Alguns dos espectadores neutraes emittem gravemente a sua opinião sobre o assumpto. Ponderam judiciosamente uns que o *pateante* F... menino louro, condecorado com *Salvatori* e com a *Dantesca*, devèra abster-se de manifestações ruidosas; recal-

citram outros, indicando varias figuras sinistras que se distinguem pelo avantajado das... mãos e pelo furor optimista, furor mais que suspeito.

Recrudesce a pateada. As dançarinas tropeçam, escorregam, baqueiam. Indignam-se os burguezes sensatos. A orchestra desafina. O rei abandona o seu camarote. Accordam de profundam somno os *arrumadores*.

Cá fóra prepassa a fresca briza, e Vidal suspira nos telhados.

Subito, uma força imponente de infantes (soldados de infanteria) invade a platéa, o theatro da grande lucta. A' sua frente vem *Joaquim*, guerreiro destemido cuja gloriosa espada aterrou o ferocissimo Sousa e cujo brilhante renome susteve o impeto das hostes do turbulento Angeja.

Joaquim invade a platéa, de espada na bainha, é certo, mas de cabeça coberta.

Estende o braço...

—Mas, antes de dizermos o que succedeu em seguida ao gesto altivo do barão

....

Joaquim, permittir-nos-hemos duas reflexões.

Joaquim é mal-creado. Desculpe-se-nos a rudeza da phrase. *Joaquim* não sabe talvez que devêra ter dado ar á sua nobre cabeça, em attenção pelo menos á praxe estabelecida para o publico, quando empleno espectaculo; devemos crêr que *Joaquim* não soube que foi grosseiro, mas, é por isso que lh'o dizemos.

Bem. Deixámos *Joaquim* de braço estendido. Elle estende o braço, dissémos, e a esse gesto altivo, a infanteria avança denodada...

Ella prende, empurra e atropella; diz tolices, não pela sua ignorancia; diz insolencias, não pela sua grosseria; commette brutalidades, não pelas suas tendencias; mas insulta, aggride atropella, porque porque tem as suas tradições.

E ahi está: a cousa está n'isto: as tradições. E' o que é: — tradições apenas.

Alguns rapazes.—bons rapazes; joviaes, amigos do barulho, da folia, etc., ouvem

fallar, com saudade, de antigas pateadas, pateadas homericas, ossianicas, dantescas, hugolescas, pateadas dadas pelo bom pé dos nossos avós, interrompidas apenas pelo estrondo dos bancos que se quebravam impellidos por vigorosas mãos; bem! vamos lá! Sejâmos dignos de nossos avós: pateêmos, e... em logar de quebrarem os bancos, — querendo conservar as tradições da escola pateante,—limitam-se a um leve acompanhamento de tacão, interrompido pelo olympico *Joaquim*.

Tradições! Os infantes de *Joaquim* ouvem as historias dos seus maiores: luctas, cargas, *guarda* respeitada; o burguez cortejando o *camarada*; etc., etc.

Tradições! Vontade têem *elles* de respeital-as, de conserval-as. E' mister reconhecer isto. Não nasceram porém para estas cousas: querem ser terriveis e são burlescos; querem ser sérios e são mal-creados; querem ser severos e são lanzudos. *Joaquim* é tambem assim. Não é assim, *Joaquim*?

....

A empreza: esta agora é mais difficil de definir. As tradições das nullidades lyricas, das bailarinas de feira, das decorações scenicas regeitadas por D. Antonio Serrate,—conserva-as a empreza; mas na prohibição da pateada, *sob pena de cadeia*, na intervenção dos cavallos e dos infantes de *Joaquim* no espectaculo,—em tudo isto e ainda na tyrannia dos seus homens de mãos grandes e caras archi-suspeitas, concedemos-lhe as honras de invenção.

Dizem-nos agora que el-rei fizera a *Joaquim* um signal de intelligencia, como quem quer dizer: — A elles, meu bravo! — Não ousamos crêlo, porque se crêssemos por um só momento em tal, buscariamos dizer n'esse momento: *a claque* tem um chefe mysterioso e residente nas altas espheras. — Mas, não cremos.

Concordemos n'isto: — os pateantes são porventura exagerados, porque as bailarinas são exaggeradamente insupportaveis e porque a empreza tem burlado exaggeradamente o bom publico de Lisboa. Concor-

dando n'isto podemos concluir que *Joaquim*, os seus cavallos e os seus infantes levaram até ao exaggero o seu respeito pelas tradições que João Feliz condemna furibundo.

Posto isto e, conhecendo por tradição o genio vingativo de *Joaquim* e dos seus, pedimos á Providencia que nos livre por todo o sempre das garras do estrategico de S. Carlos e das dos seus paladinos.

BIBLIOGRAPHIA

«A Actualidade;» — estudo economico-social, por Magalhães Lima

Este não é dos que esperam de braços cruzados o manná da eterna bemaventurança. Trabalha, estuda, pensa e lucta; crê na Humanidade, á mingua de crença na Infallibilidade. Ao passo que coopera para infiltrar nas massas a necessidade das grandes reformas, não volta a face de aterrado pe-

rante a *ultima ratio populorum*. E' assim. Somos assim

Com a grande revolução moral do sentimento mal contido—o Romantismo—veio-nos um sentimentalismo absurdo, que serviu aos homens da deusa *fórma* de base e accusações purfidas e aos incautos de motivo a absurdas resistencias. Assim, na grande lucta que caracterisa o seculo II da Revolução Franceza vêmos um grupo de energumenos sem imputação, sem principios, sem ideas definidas, Marats em miniatura, insultando por assimilações ambiciosas os homens da época gigante, aquelle grande nucleo, expressão terrivel das grandes coleras e das vindictas grandes; caudilhos de suppostas causas populares, conseguem por vezes desvairar a opinião das massas menos illustradas; d'aqui a immensa desconfiança que suscita n'essas massas a palavra do homem convicto que pugna pela causa da Verdade e que não lisonjeia a opinião pública. Ellas estabelecem um processo *á ideia*, que é santa, e baseiam no nos er-

ros de quem as illudiu, mas o principio absoluto da Justiça é insophismavel. E' através o prisma sagrado d'esse principio que observamos o livro que temos na nossa frente. E' sobre a solida base da Justiça que o auctor edificou a sua obra.

«Desmoronam-se as sociedades, baqueiam os imperios, vacillam os monarchas nos seus thronos de ouro e a Liberdade tenta mais uma vez levantar a sua fronte magestosa, por entre o tumultuar confuso que actualmente domina esta Spoca de medonha transicção e de luctuoso penar.»

Abre assim o livro. Antes d'isto dissera-nos o auctor: — «A revolução social deve preceder a revolução politica.»

Nós, observando o curto predominio da sociedade burgueza, agitado desde o berço e que, mal consolidado, parece encontrar o seu occaso no movimento do *servo* da idade média, traduzimol-o como um periodo de transicção entre o aviltamento da dignidade humana e o despertar augusto do Homem abatido. A phrase conhecida, do neto de

Henrique IV: — *L'Etat c'est moi* não merece discussão. No tempo de Luiz XIV, o bandido coroado, existia, como agora, como sempre, alguma coisa superior ao Estado, e ao mentecapto que o absorvia: era o Direito humano.

Este é indistructivel; sobre as cabeças dos que o atropellam, entidades collectivas ou individuaes, paira a accusação tremenda que nenhum tribunal proferiu e que nenhum processo ulterior justificou; a Consciencia humana, essa entidade intransigente e luminosa, colloca o vulto de Munzer em frente de Luthero e sobre o terreno fumegante de um imperio derribado, corôa de laureis a cabeça de Gambetta, esse genio do Protesto!

Temos de ficar no primeiro periodo da Actualidade: *ideias preliminares?* Vemos aqui a synthese do trabalho do auctor e a base das suas luctas futuras.

Diz: — «A burguezia luctou e venceu... agora é o *povo* que procura conquistar por

suas mãos a emancipação que o burguez lhe nega...»

Temos a lucta de castas.

O ideal da Justiça a que alludimos é uno e insophismavel: estava com a burguezia, na grande lucta contra o feudalismo, e com os municipios, contra a realeza. Hoje — com o *proletario*, o servo da idade-média, contra a burguezia vencedora. A tibieza da burguezia municipal, que deixou arrancarem-lhe os seus foros, revéla-se hoje de novo na burguezia moderna, cuja resistencia se traduz em declamações estereis e em *portarias* absurdas. Entre nós, protesta contra as conferencias do Casino, por intermedio d'um governante mentecapto; supprime os jornaes audaciosos (O *Oriente*, etc.); por intermedio ainda de tres jornalistas mercenarios aggride nesciamente a Internacional; estabelece a espionagem e a corrupção, como systema governativo; busca em face da sua ruina proxima desauthorar-se pelos insultos que uns aos outros prodigalisam os seus orgãos da imprensa:

. . . .

assim vêmos o jornal reformista alcunhado de devasso o regenerador e provando-o; vêmos o regenerador demonstrando a inepcia e a vileza do seu antagonista, etc. ; o povo lê, e um vago instincto lhe faz adivinhar por vezes a eterna verdade. A burguezia esfrega as mãos, sem reparar n'estes symptomas de desmoronamento e parodia Sardanapalo e a sua orgia. A *casta*, producto sociologico, regulado nas suas transformações na hierarchia social pela lei suprema da Evolução: a *casta* productora e soffredora, expoliada e escarnecida, vê approximar-se rapidamente um dos grandes periodos da transformação hierarchica.

Falla-se da ignorancia do povo. *Ah! la belle phrase!* E' moda hoje o dizel-a. Um sugeito nescio e analphabeto falla da ignorancia geral, com uma sem-cerimonia sublime. A burguezia condemna o povo *ignorante*, do alto da sua stulticia e dá ao professor primario *noventa mil réis annuaes*, afim de provar o seu amor pela instrucção. Seja! Poderamos dizer porém, que acima

de qualquer Bismark de *ceche-nez* está o vulto de Lincoln, o rachador sublime...

Parece que nos vamos transviando e que andamos affastados do livro de Magalhães Lima. Não é assim. Seguimos o nosso systema: buscar a condemnação do *principio*, na analyse fria dos *factos*. Algures nos censuraram esta tendencia a condemnar o *facto* no *homem*. Este é o ultimo processo. Adoptamos o de Michelet, que consiste, por vezes, em estudar a historia na biographia e a humanidade no individuo e conciliamol-o com o de Proudhon: — conservar-se livre de paixões pessoaes o critico, ou o pamphletario, embora condemnando.

Rapido exame das questões latentes do periodo hodierno é o que nos deu Magalhães Lima, bazeado d'um estudo serio promettedor de trabalho mais demorado e de maior folego: o processo rapido instaurado ao Catholicismo, a condemnação ainda mais rapidamente formulada, a eterna questão da emancipação feminina pela sciencia e pelas artes, trazida a terreno, — e deixe-

nos dizer-lhe o estudioso academico que n'esta questão *positiva* foi mais *poeta* e *sonhador* do que era licito sêl-o, — o incitamento ás *grèves*, o grande recurso, o grande preparativo, a grande senda, a apologia da ideia democratica no governo: — em todo o prepassar d'estes factos notamos o enthusiasmo, que não exclue a critica severa, e a indignação que a autoriza.

No periodo em que o auctor da ACTUALIDADE arremeça a luva á *sciencia* (?) dos Smith e dos Bastiat só podemos applaudil-o com fervor. Aquella *sciencia nova*, não descoberta por Vico, tomando por base a lei d'interesse, ao passo que busca alliar-se com a moral, é por vezes d'um comico inexcedivel. Minghetti e Baudrillart appellam para o ecletismo: o primeiro na sua conciliação das prescripções do *util* com os deveres do *justo*; o segundo moralisando o *util* e materalisando o *justo*. A materialisação do *justo* só podia vir d'um ecletico, iamos dizer — de um economista de botequim. Apoiados no Genesis, esqueceram as

. . . .

eternas palavras de Proudhon: *O util pode ter apenas a apparencia do justo.* Pobre sciencia burgueza, condemnada a morrer com aquella a quem aproveitou!

N'um capitulo intitulado *A religião do Futuro*, apparece uma saudação ao Racionalismo; — pode ser para muitos um crime aquelle acto d'um *positivista*; para nós é um dever de gratidão. Bom foi que se cumprisse. Aquelle volver d'olhos á origem da Reforma não tolhe a marcha firme e ousada do juvenil e arrojado pensador. Comprehendemos o facto, — nós, que saudâmos na aristocracia, no clero livre e na burguezia da idade media os grandes obstaculos ao desenvolvimento da auctoridade central. Esta veneração não implica, — note-se sempre — a adoração aos privilegios que constituiam a força d'aquelles obstaculos. De modo nenhum! O que não queremos é fazer jus ao desdem dos nossos filhos, ampliadores do nosso trabalho, para com o nosso labor desinteressado. Proudhon e Vacherot, por exemplo, já longe do prin-

cipio *unitario,* não renegaram a sombra de Rousseau. Elos gigantescos prendem-se uns a outros, na corrente enorme da moderna civilisação. O que é triste é ver um Lamartine apedrejando a memoria do cidadão de Genebra, sem reconhecer-lhe, sequer, a prioridade na applicação do grande sonho. Não seremos assim...

Vai longa a digressão; parece que tivemos em vista expôr, antes do assumpto que nos propozeramos tractar, uma profissão de fé. E' que temes por uteis certas minuciosidades, a que não desceu Magalhães Lima. O seu livro, prova brilhante d'um bello talento e de um grande coração, não é um livro de propaganda. E' uma somma importante de materiaes para uma obra de maior folego.

Na parte, decerto secundaria, da *forma,* foi porventura prodigo em ornamentação o auctor da Actualidade. Não podemos condemnar por estas minuciosidades um trabalho d'aquella natureza, mas incorremos no dever de apontal-as. A verdade dispensa

....

a belleza palavrosa. Esta serve apenas a encobrir a carencia de ideias e de estudo. Longe d'este caso está o livro de Magalhães Lima. Deixe pois o talentoso academico as glorias de estylista aos que teem apenas estylo.

Na primeira pagina d'esta publicação deixamos claramente formulado o nosso programma. Não sabemos se agradou a muitos, se desagradou Não queremos sabel-o. Não viemos aqui em busca de sympathias faceis, nem de popularidade de botequim. Aos exploradores da burguezia e aos aduladores da *realeza ou do povo* deixamos o campo livre. *Suum cuique.*

Para nós o *individuo* não existe. Citamos nomes, é certo, mas porque esses nomes symbolisam uma instituição, uma ideia, um preconceito, um sentimento nobre, ou uma infamia estabelecida.

A adopção do titulo da nossa revista foi censurada por muitos. Achamos natural o

facto e tanto mais que a censura não implicitava a comprehensão da nossa ideia. [1] *O Espectro de Juvenal* devia ser, segundo a opinião de varios leitores sizudos, um pallido reflexo das satyras do latino illustre. Foi outro e bem diverso o pensamento que nos aconselhou, ao invocarmos aquelle grande nome das ruinas do Passado.

Juvenal é, para nós outros, o symbolo do Protesto e da Consciencia indignada. Não desconhecemos os deveres que nos impunha a collocação d'aquelle nome na primeira pagina da nossa Revista. Podiam assoberbar homens encanecidos nas lides da penna e nas luctas da politica partidaria ou pessoal: a estes seriam obstaculos insuperaveis as Conveniencias e o respeito

---

[1] Repellindo as opiniões inscientes e inconscientes, devemos declarar que respeitamos o voto de todos os homens illustrados e dignos, ainda mesmo quando entre a opinião d'esses homens e a nossa opinião exista discordancia absoluta sobre a fórma e a idéa do nosso trabalho.

pelo Prejuizo. A nós, homens novos e já *compromettidos* perante a opinião das maiorias e inscriptos no livro dos Incorrigiveis, era-nos licito lançar na balança da Justiça e em defeza d'ella a nossa palavra independente e a nossa vida immaculada.

Viemos. Temos batido. As coleras existem, sabemol-o, mas envoltas na official prudencia. Não lisonjeamos. Não nos thuribulamos, mas defender-nos-hemo mutuamente. Não armamos ás adhesões dos explorados, mas votamos guerra de exterminio aos exploradores.

Realeza somnambula; politicos devassos, sem probidade, sem brios e sem pudor; jornalismo inepto e corrupto; burguezia exploradora e devassa; professorado ignorante e venal; homens de roupeta, lobos de confessionario; generaes de botequim; ministros de ante-sala: n'esta hora suprema, em que as mascaras se arrancam, os Imperios aluem, e os thronos se despedaçam; erguei a vista, miseraveis, e en-

carai-nos se podeis: — nós somos a Indignação!

O *Diario de Noticias*, de Lisboa, noticiando em um dos seus numeros de fevereiro um crime de furto, applicou aos auctores d'esse crime a denominação de *liquidatarios sociaes*.

Até aqui nada mais simples: um gracejo burguez, stulto, alvar, dedicado aos *amigos da ordem* e muito em harmonia com o programma d'uma folha noticiosa.

Dão-se porém os seguintes factos:

No dia em que a local em questão veio ao mundo da publicidade, enviou o auctor d'estas linhas, em seu nome e no de dois amigos seus e correligionarios, á redacção do *Diario de Noticias*, uma reclamação, formulada em termos energicos, mas dignos, que tinha por fim pedir a publicação d'uma local destinada a destruir o effeito da pri-

meira e que seria concebida nos seguintes termos, aproximadamente:

«Quando ha dias applicámos a um grupo de ladrões a denominação de *liquidatarios sociaes*, estavamos longe de pensar que alguem veria em tal facto uma insinuação dirigida a varios homens conhecidos pelas suas opiniões radicaes e de quem respeitamos o caracter probo e a firmeza de convicção, etc.»

E' evidente que os homens a quem se allude nada lucrariam com tal declaração, porque estão muito acima de uma insinuação stulta, mas triumphariam a Verdade e o Bom-senso que o localista da folha noticiosa calcou, mais uma vez, sob os pés sacrilegos.

A redacção não deu as explicações pedidas.

*

É-nos sempre doloroso o termos de sacrificar a Justiça um eentimento affectivo, mas nunca hesitamos am fazel-o. Perante o

procedimento inclassificavel da folha a que alludimos, desapparecem todas as considerações pacificas. Somos insuspeitos, escrevendo estas linhas, psrque temos por vezes defendido a folha noticiosa contra aggressões injustas; somos ainda insuspeitos, porque temos recebido, pessoalmente, provas publicas de muita deferencia da redacção d'aquella folha.

Mas, é forçoso dizer-se isto:

O *Diario de Noticias* tem, a ser verdadeira a indicação existente na sua primeira pagina, uma tiragem de 23.500 exemplares e tem, mais, duas cu tres paginas de annuncios. A' sombra d'estas glorias e escudado por um programma em demasia prudente, julga poder eximir-se ao cumprimento dos seus deveres na imprensa e ainda fóra d'esse campo. D'aqui o facto.

Não é erro o confessarmos que fômos involuntariamente calumniadores, mas é vergonhosa a hesitação em reparar um attentado contra a honra alheia, desde o momeuto em que uma reparação é pedida.

. . . .

Sobre um determinado grupo a quem o stulto localista dirigiu a sua insinuação, pairam desde muito uns odiozinhos rasteiros e infames, que nada valem, embora muito signifiquem. Era apenas no intuito de evitar grandes regosijos, porventura fataes aos pobres possuidos d'esses odios, que, pedimos a explicação recusada.

Em poucas palavras terminaremos o incidente:

Quando lêmos a local, dissemos: «Este homem é mais malevolo que tolo.»

E resolvemos corrigil-o.

Reflectindo, pensámos que esse homem «era mais tolo que malevolo.»

E enviamos-lhe a nossa piedade.

A' ultima hora vêmos que «a toleima é egual á vaidade e á malevolencia.»

E concedemos-lhe o nosso despreso.

*

Estava já composto o que ahi fica, quando no *Diario de Noticias* lêmos o seguinte:

. . . .

«Conta a *Correspondencia de España* que um conhecido banqueiro de Madrid recebeu uma carta, reclamando-lhe uma avultada quantia e fazendo-lhe sérias ameaças. Suppõe-se, accrescenta a mesma folha, que a carta é escripta pelos agentes de uma sociedade denominada *A liquidação social.* Este genero de *liquidação social*, a que já nos temos referido, é o roubo organisado em nome de principios que a justiça absoluta repelle, e a justiça social em toda a parte condemna, e deve chamar-se pelo seu unico e verdadeiro nome — roubo. N'este ponto de vista *liquidação social* e roubo são uma e a mesma cousa.»

O localista, que não teve a franqueza de confessar o seu erro, vem á ultima hora provar-nos que não tem a coragem de sustental-o. Para isto escuda-se com um *suppõe-se* d'um jornal hespanhol e busca justificar-se com a historia d'uma sociedade que tanto póde denominar-se *Liquidação Social* como *Exploração Burgueza.*

Accresce uma circumstancia que convém tornar saliente: A sociedade descoberta pelo jornal hespanhol que exigiu a avultada quantia, etc., ao banqueiro alludido, não é decerto a mesma que em Lisboa manda ar-

rombar janellas e furtar cordões, etc. Conseguintemente: o localista elaborando a sua primeira local não podia ter em vista condemnar a sociedade hespanhola, — se existe — e só sim formular um gracejo tão stulto como repugnante.

Fiquemos por aqui.

Ao sr. Bispo do Porto [1]

Prelado e amigo:

Somos catholicos — apostolicos — romanos, do mesmo modo que somos conterraneos e contemporaneos de Biester e Vidal. Nada temos com isso. Abrimos ainda infantes o olhar pasmado das grandes surpresas e... confessâmos que tudo isto nos surprehendeu medianamente. Um vago ins-

---

[1] D. Americo.

tincto nos fizera adivinhar no collo materno a fórma d'estas cousas terrenas. O que está feito, prelado e amigo, é pelo melhor: Antonio de Vizeu, por exemplo, não podia ser de feitio differente do que lhe conhecemos: corpo grosso, nariz grosso, pé grosso, mãos grossas, tracto grosso e espirito meio-grosso...

O mesmo com Fontes, etc.

Bem. Até aqui vêdes em nós, querido e bom prelado, umas boas e tenras ovelhas, que, se não pódem prometter-vos inteira resignação e gravidade inteira perante os impetos possiveis do vosso cajado espiritual, traductor do vosso furor apostolico, dão-vos, pelo menos, solidas garantias de paz e mansidão evangelica, trazendo aos vossos pés o seu completo desprendimento em materias não mundanas.

Mas, reverendissimo prelado, é aqui que bate o ponto! Trata-se justamente de cousas mundanas e, diga-se entre nós, de cousas pouco limpas. Nem nós sabemos explicar o estranho caso a que assistimos e de

. . . .

que somos irresistixelmente motores; este caso estranho e escuro, que nos obriga hoje a chamar-xos de parte, muito de parte, e a dizer-vos mansinho... muito de mansinho:
—Preparai-vos para córar, reverendissimo: vimos fallar-vos de amor!...

E aqui lavramos um protesto contra supposições anomalas, estranhas, precipitadas e incongruentes que porventura tendam, reverendissimo prelado e caro amigo, a desconceituar-nos no animo das leitores possiveis e dos leitores provaveis d'esta carta. Não; caro prelado, nada de erroneas interpretações! nada de penetrar no intimo das nossas consciencias! Não penetre! Supplicamos-lhe que não penetre!...

Abreviemos:

O caso passou-se n'uma cidade do norte, cujo nome esqueceremos, por evitar-lhe algum castigo do céo. Não nos despertaria os sentimentos de piedade, reverendissimo prelado, a perspectiva d'uma punição igual á que soffreram Sodoma e Gomorrha, de escandalosissima e singular memoria. Não!

. . . .

O fogo do céo tem para nós encantos: antes aquelle flammejar que vem de cima do que as fogueiras do santo officio... não é verdade, caro e bom prelado e patricio?...

Mas, no seculo XIX a Providencia seria inexoravel se não occultassemos cuidadosamente o nome da terra impura. Ella, aquella Providencia que é mão de todos nós,—nossa, vossa, de Alves Martins, de Marianno de Carvalho, de Fontes de Mello, de Sousa, do rebelde Sousa,—essa Providencia, oh amigo, não mandaria áquelles *povos* apenas o fogo celeste:—enviaria uma comedia de *Biester!*

E ahi tendes o *porque* inexoravel da nossa absoluta discripção...

Mas, se occultamos por piedade o nome da terra devassa, incorremos por dever de catholicos, embora frouxos catholicos, na obrigação de vos falar ao ouvido.

Ouvi pois:

Foi em quinta feira santa. Um de nós, convalescente d'uma doença grave, aban-

donou por alguns dias a Babylonia impura onde o *incolor* inculca e a *Nação* pinoteia, e foi passar alguns dias á terra indenominavel, onde um seu collega de redacção anceiava por dizer mal do proximo, em boa e leal camaradagem.

Na tarde em que o habitante da terra impura estreitava nos braços o da meretriz dos empregados publicos, notava-se em... um desusado movimento.

Pullulavam os barretes vermelhos, não phrygios, não cardinalicios, mas *piscatorios*, segundo a phrase luxuriante de uma folha idiota de Babylonia. As fémeas expunham aos olhares do proximo abundantes cordões de ouro sobre eburneos e não almofadados seios. Ouvia-se ao longe o estourar de foguetes e o som plangente de varios instrumentos *philarmonicos*. Havia, no fim de tudo, o rumor vago dos acontecimentos grandes.

O acontecimento era — uma procissão.

Não ousamos asseverar-vos, reverendissimo amigo e tio em Jesus-Christo, que nos

achámos de caso pensado no caminho marcado para a excursão das bentas imagens e dos bemaventurados fieis; pode ser que um sentimento de curiosidade nos tenha conduzido ali; pode sar que um simples acaso... emfim — achamo nos no caminho da procissão.

Cavaqueavamos serenamente, falando ácerca de Biester, de Christovam de Sa, e de *uns taes cujo nome infame ha de sobreviver ás producções gafadas*, quando fomos arrancados a esta singela distracção por uma terrivel vozearia.

Lançámos sobre as turbas o olhar curioso proprio do curioso caso e... imaginae, prelado e amigo, o nosso espanto doloroso ao reconhecermos que — eramos nós o alvo escandaloso das apostrophes escandalosas!

Convergiam de todos os lados sobre as nossas personalidades tranquillas e isoladas os ditos não picantes mas reprovados por João Felix, professor encyclopedico de Babylonia; eram terriveis os olhares; eram

....

tremendas as apostrophes; eram medonhos os furibundos gestos: — era solemnissimo o momento!

Na nossa absoluta indifferença pelo que se passava em redor de nós, esqueceramos a praxe respeitavel e por nós respeitada, quando attentos: — tirar o chapéo. Sobre a cabeça de um de nós estendia-se irreverentemente um chapéo de abas largas; sobre a do outro, ostentava-se severamente equilibrado o chapéo burguez, o chapéo tambor, o chapéo de grandes commoções...

Retirámos em boa ordem. Não ousamos vangloriarmos de termos conservado a attitude primitiva em face da publica indignação. Não, prelado muito amigo! As nossas cabeças descobriram-se e os nossos corações palpitam n'esta hora solemne, ao recordar d'aquelles momentos solemnissimos.

A procissão continuou o seu transito glorioso e nós quedámo-nos cobertos de vergonha e de arrependimento, a pensar na grandissima vantagem d'aquella excursão

das bentas imagens atravez a turba rude, a turba *piscatoria* e *mystica*...

Prelado amantissimo. Até aqui só tendes que córar de jubilo; ides córar de pudor. Attenção!

Duas horas depois do episodio que deixamos descripto, resolvemos penetrar n'uma egreja, a observar nos rostos crestados e rudes das boas massas e nos rostos menos crestados e expressivos da classe *elevada*, o fervor da crença austera e a serenidade das boas consciencias em colloquio com o espirito divino.

Entramos n'uma egreja. Afigurou-se-nos que o era, aquelle edificio illuminado, cheio de flores, de cruzes, de paramentos roxos e de gente de cabeça descoberta, pela maior parte ajoelhada.

Afigurou-se nos que fosse egreja *aquillo*, prelado e amigo; duvidámos depois. Ali cavaqueava-se em colloquio amoroso, arremeçavam-se amendoas em todas as direcções, aprasavam-se entrevistas mais que suspeitas; era assustador o piscur d'olhos .

— córae, senhor! córae!... — o apalpar infame... o tripudear sobre a decencia, a moral e o decoro, o espectorar villão sobre a respeitosidade apparente do logar em que nos achavamos. Perguntámos ao nosso visinho mais proximo que recinto era aquelle immundo... Disseram-nos que era o *templo do Senhor*... O *templo do Senhor*; ouvides prelado?! O tagante de Jesus estremeceu d'impaciente, como no dia em que expulsou os infames do recinto sagrado; mas o braço do mestre não achou successor e a bacchanal prosegue, proseguia...

Oh prelado, patricio e bom tio em Christo; dilacera-vos a alma de bom christão e catholico o espectaculo que deixamos esboçado? Animo! Animo, pastor! Deixae que derramemos uma gota de balsamo santo nas feridas do vosso coração: — toda aquella gente estava de *cabeça descoberta;* todos aquelles homens, duas horas antes, haviam fustigado na sua palavra dura e inspirada a nossa irreverencia, reveladora da nossa impiedade.

Que mais quereis, prelado? Nós nada queremos tambem, senão formular um pedido em termos os mais submissos, e é n'este intuito que lançamos mão da penna, a dirigir-vos esta epistola.

Pedimos que, á similhança do que se usa com estabelecimentos, etc., sejam afixadas na fachada das diversas egrejas que accummulam, taboletas contendo a seguinte inscripção:

N'ESTÁ CASA IMPERAM
SOBERANAMENTE E EM LEAL CAMARADAGEM
PIO IX E O DEUS CUPIDO

Nada mais diremos, prelado e amigo, senão que ficamos pedindo ao Altissimo a conservação dos vossos preciosos dias, a prosperidade da nova e florescente industria e a glorificação da santa Egreja.

. . . .

Aos habitantes de Braga

Devotos patricios muito amados. De boa fonte, — não diremos de fonte limpa, — nos vem a noticia archi-tetrica do vosso proceder singular durante as horas solemnissimas do sabbado d'Alleluia derradeiro. Conhecendo por tradições as vossas tradições, beatissimos patricios muito amados, ser-nos-hia desenxabida novidade aquella que nos trouxe aqui a conversar comvosco, ao abrigo dos policiaes regulamentos se o proceder nefando dos habitantes d'essa terra traduzisse apenas os sentimentos indignados da parte *veneravel* da população.

Mas, beatissimos cidadãos e conterraneos queridos, as informações que temos á vista, aqui na nossa frente, em cima d'um numero do *Diario Illustrado* e do retrato de D. Miguel de Bragança, são positivas, terminantes: — «Os seminaristas percorreram a cidade sobraçando grande numero de exemplares do *Diario da Tarde*, destinados (os exemplares) ás fogueiras onde a publica

indignação arremeça annualmente a figura do discipulo desleal.»

Tomaram pois gloriosa parte na cruzada santa os rebentos das santissima geração bracarense, geração que julgaramos n'uma hora d'impiedosa descrença morta para a Posteridade.

Abençoados pequenos!

*

* *

Jovens! Não temos a honra de conhecer-vos pessoalmente, mas o desconhecimento não exclue a admiração. Admiramo-vos. Vós sois o protesto do Passado. Sois dynamisações de *Santa Cruz*. Adivinhamos os vossos rostos macerados pelas abstinencias longas e pelas canceiras d'um acarretar insano de pesada lenha para as fogueiras sagradas e purificadoras.

Jovens! N'este *pandemonium* terrivel de opiniões grotescas, notamos desde muito opiniões para vós desfavoraveis: diz-se que

applicaes a vossa abstinencia ao estudo, á dignidade, á consciencia e... ao senso commum. Não ousamos crêl-o.

Jovens! Não é nosso caminho esse que trilhaes, mas apraz-nos buscar a explicação do vosso proceder. Cae-nos da mão nervosa o latego das grandes coleras, ao confrontarmos o vosso fanatismo, que vos prepara a Bemvventurança, com a abstinencia de vergonha, que é já agora patrimonio dos aspirantes a ministros, — republicanos de hontem, monarchistas de hoje, quiçá ultramontanos de ámanhã,—*infames* sempre...

Parece nos porém que seguis caminho errado perante o senso commum. E' uma desconfiança arreigada a nossa. Diz-nos uma voz secreta que não basta a convencer os povos, do vosso direito, um auto de fé e uma folha liberal, como não basta a convencel-os dos vossos erros e applicação contumaz de affrontosos epithetos sobre as vossas seraphicas personalidades.

Teem pullulado nos ultimos dias sobre vós, interessantes patricios, as maldições e

as ironias. Não as condemnaremos em absoluto, nem as acceitamos. Podem accusar-vos de *nescios* e de *fanaticos* os vendilhões de consciencias, mas na classe primeira figura a *Crença Liberal* sonhando «fritadas de republicanos,» na dos fanaticos... mas não... no grupo dos liberaes monarchicos não entra o fanatismo... São politicos de *transicção.*

O fanatismo pode ser santo: dos labios de Duval pode sair na hora extrema a saudação divina á Humanidade que vae cuspir-lhe no cadaver, mas o fanatismo nunca fará d'um jornalista venal um defensor da justiça, nem transformará em homens de bem os espiões infames.

Posto isto, somos a dizer vos do abysmo da nossa impiedade, que esperamos ter de applaudir-vos em dias de mais reflexão. Tracta-se, no fim de tudo, de uma simples troca de *Ignacios:* Abandonae o sequito de *Ignacio de Loyola* e voltae á *cartilha do Padre Ignacio.*

Saude e moralidade!

. . . .

São 7 horas do tarde. Entramos na estação principal do telegrapho e pedimos um impresso, uma folha, *um papel p'ra encher*, segundo a expressão d'um saloio, que che-ao mesmo tempo que nós.

Dá-nos o papel um sujeito de modo cortez e affavel.

E' uso antigo condemnar a morosidade no serviço da parte dos empregados do telegrapho. Appressamo-nos em declarar que o sujeito a quem alludimos foi archi-veloz: Tres tempos:—abrir a pasta, tirar o papel, estendel-o para nós. Tudo com um sorriso.

Enchemos o papel. — Era destinado a um amigo residente em Mafra. — Findo aquelle acto, devolvemos ao sugeito o telegramma e buscamos no bolso — duzentos réis.

Então, s. s.ª, contemplando-nos com modo pesaroso, murmurou a seguinte breve mas eloquentissima oração:

« — Não ha communicação telegraphica com Mafra, depois do sol posto, senão quando o rei lá está. Ora, como *elle* lá não está...»

. . . .

Tomámos os nossos apontamentos; saudámos e iamos partir, quando s. s.ª, com o mesmo ar grave e modesto, nos disse:

« — *São cinco réis.*

— Cinco réis?!...

— Sim, senhor, *Cinco réis*, *d'uma parte estragada*. A's vezes, quando se dá com estrangeiros este caso, envergonho-me, e pago os cinco réis da minha algibeira; mas o senhor bem vê que não posso pagar do meu bolso muitas *moedas de cinco*...

— Tem rasão.

Démos *dez réis*: cinco por nós e cinco pelo estrangeiro que nos succedesse.

Sahimos, profundamente commovidos.

*

* *

Façamos alto.

Dividâmos. Temos em primeiro logar a questão *real;* em segundo a questão *financeira:* duas questões nacionaes,

* * *

Vamos á primeira: Durante muitos annos invejámos com uma inveja surda, entranhada, feroz, inveja de redacção noticiosa, inveja de poeta lyrico, a situação dos habitantes de Mafra. — Não alludimos á situação geographica. Aquelle povo,—mas não é um povo,—aquella raça,—mas não é bem uma raça,— aquella gente, emfim, passa boa parte de seu viver, triste, é certo, e esmagagada pelo espectaculo do *grandioso* deposito para carvão de pedra, edificado pelo rei Magnanimo, mas, n'aquelle abysmo de *spleen*, constellado de bocejos e de murmurações sobre o viver intimo dos visinhos, está-se livre do maior aborrecimento d'uma cidade : — o aborrecimento da perpetua distracção.

De mez a mez, o *soberano d'estes estados* pensa em Mafra, pensa no terreno inculto denominado *tapada*, boas tres leguas de terreno que justificam os *liquidatarios* do

Diario de Noticias das suas *utopias;* pensa, dizemos, em furtar-sea os *negocios do Estado* e transporta-se á terra já citada, ao trote largo de seis cavallos, que deve á nossa monificencia.

E' então que o saloio de Mafra, o invejado saloio, o saloio ditoso, attinge o ideal de ventura: Vê *o rei*, cumprimenta *o rei*, explora *o rei*, e uma voz secreta diz-lhe que a *exploração* é uma *restituição.* O saloio despede o remorso; como coelhos da tapada, exulta, tripudia, coça a cabeça, pisca o olho, é a seu turno *camarilheiro*...

Durante este tempo, afortunado pelas soluções de cantinuidade que se operam, o telegrapho *trabalha sempre* para Mafra e o saloio *gosa*, além dos restos das caçadas e da mesa real, a faculdade de poder a uma hora adiantada da noite expedir o seguinte telegramma:

«Manoel. Manda pelo Gato dois covados de bombazina. Calças do Zé da Ignacia. Um albardão para o burro de teu pae. Um taxo vidrado. Um podão. Recados á comadre.»

. . . .

Não será isto o Ideal de Ventura, oh Biester !?...

*

* *

A par dos telegrammas possiveis do saloio, ha os telegrammas provaveis de familias ali residentes, de alumnos do collegio militar, etc. Acima d'esta questão de interesse publico, ha porém uma questão revoltante e desaforada : O PRIVILEGIO D'UMA FAMILIA.

Convém averiguar isto : é o telegrapho um dom da munificencia regia ? Sahe do bolso do rei de Portugal a somma destinada ás despesas do serviço telegraphico ?

Estabelecido isto : pedimos que nos seja restituida a importancia dos telegrammas por nós expedidos até hoje, e agradecemos ao rei os seus favores.

E' o telegrapho sustentado *por nós*, por todos nós, para *nosso* serviço e *aproveitado*

pelo Estado e pelo rei, para o seu serviço particular?

N'esta hypothese, pomos generosamente de parte a questão de se aproveitarem aquella collectividade e aquelle individuo do que é a propriedade nossa, exclusivamente nossa, e passâmos á questão do PRIVILEGIO.

E' absurdo, é vexatorio, é vergonhoso, é d'uma revoltante indignidade o facto que registrâmos! A familia do rei, residindo em Mafra põe o telegrapho á disposição do publico; com a retirada da familia do rei termina a concessão. Que se diria d'um particular que tal exigisse? A imprensa fustigaria justamente, as pretenções stultas do sugeito. Para o *privilegio* da familia em questão nãs ha uma palavra de censura. Não se trata no fim de tudo, apenas do interesse publico: trata-se da publica vergonha!

. . . .

*

* *

Abreviemos:

Da questão *privilegio* passamos á questão *financeira*. Trata-se de *cinco rèis*, pedidos com o mais incrivel impudor, a um homem que se engana ao elaborar a sua participação telegraphica, ou que não conta com os privilegios *reaes*, e que, por um d'estes motivos, inutilisa um *papel*. Apparece, é certo, um pobre empregado que tira da sua algibeira os *cinco réis* em questão, afim de poupar ao seu paiz mais uma vergonha em frente d'um estrangeiro. Aquelle homem tem a um tempo vergonha por si, pelos seus chefes e pelo Estado que nos explora. E' a suprema lei das compensações. Prophetisamos ao patriotico empregado uma triste carreira. Conhecemos o paiz em que vivemos.

Não nos lembra se havia mais que dizer sobre o assumpto. Cremos que não. Submettemos em todo o caso os factos expen

didos á critica severa, independente e illustrada do *Diario de Noticias* de Lisboa.

Publicou-se o livro do sr. A. Herculano, desde muito annunciado pela imprensa. Intitula-se *Opusculos*. Insere *A Voz do Propheta*, *O Theatro*, *Os Egressos*, *Conferencias do Casino*, etc. Deu-se com este livro um facto notavel : aos clamores antecipados da imprensa jornalistica succedeu, logo depois da publicação, o silencio mais profundo.

Não seguiremos o exemplo da maioria : transcrevemos algumas linhas.

A pag. 280 diz o sr. Herculano o seguinte, alludindo ás opiniões expostas pelos conferentes do Casino :

—«...Não se deveria dar ás exuberancias sinceras da mocidade mais importancia do que teem realmente. Ha verduras da intelligencia, como ha verduras de coração... Quando as tempestades moraes, as

longas e acres tristezas da existencias... não será raro que se vá encontrar o impio dos 25 annos, lá pela tarde da vida, assentado ao pé da cruz, a scismar no futuro e em Deus...»

Isto disse o sr. Herculano...

E a mocidade a ouvir a palavra do *solitario de Val-de-Lobos* e como que a sentir de antemão os desenganos da terra, os profundos desenganos dos homens e das coisas, principalmente *dos homens*! E a mocidade a calcar as suas exuberancias sinceras sob a hypocrisia que resulta das tempestades moraes! Pobres impios de 25 annos! Não esperaram pelo cair da tarde da vida para se arrimarem ao sopé da cruz, d'olhos fitos no céo! Não esperaram pela brisa do outomno, que devia trazer-lhes o arrependimento profundo...

Pobre mocidade! Pobre mocidade!

Isto pensavamos e sentiamos... e choravamos pelo futuro que sonharamos; futuro que não leramos na abobada estrellada do firmamento, mas que adivinháramos na consciencia universal... Futuro que não viramos através o prisma d'uma solidão profunda, abraçados nós mesmo ao instrumento do supplicio de Jesus, mas que entreviramos claro, sereno cheio de paz, de bondade e de amor, através as ruinas fumegantes da Egreja que se despenha, dos thronos que se despedaçam, das sociedades que baqueiam n'um abysmo de lodo e de sangue!

E nós preparados de antemão para o *arrependimento*, ensaiavamos *os olhos em alvo* e collocavamos ao alcance da nossa mão os celicios e as vestes duras e grosseiras... Faziamos mentalmente a nova profissão de fé e lamentavamos a fraqueza do nosso braço que não nos permittia a applicação de punhadas contrictas sobre um peito peccador e arrependido.

Machinalmente abrimos de novo o livro

do sr. A. Herculano e deparámos, a pag. IV, as seguintes linhas de advertencia:

—«Eu olhava com uma especie de *horror* para as vagas revoltas da immensa lucta das *intelligencias*, contraste profundo da vida rural a que me acolhêra. Depois, *o espirito sentia bem a propria decadencia*, cujos effeitos a interrupção dos habitos litterarios *devia aggravar...»*

Abandonámos, cheios de colera e de *arrependimento novo*, os celicios, as vestes rudes, o livro do sr. Herculano [1] e a mascara da contricção nova. Volvemos de novo á

---

[1] Ao concluirmos estas linhas assalta-nos a lembrança dos anathemas (verbaes) de que fomos victimas, quando no 2.º d'esta revista expuzemos a nossa opinião sobre uma carta do sr. A. Herculano. O caso era grave e a argumentação por parte dos descontentes era gravissima. *Que audacia! O grande historiador!... Atacado!... Não sei aonde isto chegará*, etc., etc.

A estupidez é mais digna de attenção do que muitos julgam. Não discute, mas é dotada de verbosidade prodigiosa e possue dotes de regateira. Para

terra e ás miserias da terra e ás humanas loucuras o olhar desvairado dos arrobamentos mysticos. Contemplámos essa mocidade, esses impios, já dispersos e em busca da bemaventurança e vimol-os que se agrupavam de novo em torno da fatal bandeira da Negação, d'essa bandeira a cuja sombra jazem os restos inanimados e augustos dos Washington, dos Lincoln e da turba sagrada e resplandecente dos Desconhecidos do Peletan.

Ah! é que o luctador dos tempos que

---

destruir-lhe os effeitos, provaveis em cabeças fracas, é mister a mais evangelica paciencia e a mais fria obstinação.

No caso a que acima alludimos — o do sr. Alexandre Herculano,—lembrámo-nos das eternas palavras de Aug. Thierry, ácerca de Cromwell: — «Il n'y a pas de pays où l'on ait moins lu qu'en France les faits de l'histoire de Cromwell, at il n'y a pas de pays oh l'on n'affirme plus intrépidement que Cromwell est grand.» (Dix ans d'études historiques).

Lá, como entre nós, o mais digno de riso e lastima é a *intrepidez* dos mentecaptos.

passaram quedou-se arrimado ás tradicções da sua velha gloria e o mundo marchou depois e sempre... e sempre... O colleccionador das folhas dispersas e creador de folhas novas é o sr. Alexandre Herculano, socio das academias de Lisboa, Madrid, Turim e Nova York; o outro, o athleta, o batalhador indomavel, o caudilho da deusa Liberdade era *apenas*—ALEXANDRE HERCULANO!

Temos aqui, aberto, na nossa frente, um livro notavel. Intitula-se LEONOR DE BRAGANÇA (drama em verso) e é fructo das vigilias honestas e proficuas de *Alfredo Ansur*, advogado.

E' offerecido a *el-rei D. Luiz I*. E' este o gracioso soberano a quem *Luiz d'Araujo* offereceu um livro e *Calmels* submetteu um plano.

Voltâmos aos tempos de Luiz XIV...

. . . .

*

* *

Ao percorrermos com a vista algumas paginas do livro de *Alfredo*, incorrêmos n'um dever sagrado: o de chamar para o seu auctor a attenção do publico que comnosco admirou e applaudiu *Namorado*, o vate gigantesco da «Elveida.»

Por tudo isto e mais razões que vaes conhecer, aqui estamos para te servir oh *Alfredo!*

Vaes ser servido...

*

* *

Não curemos de saber que enorme cadeia de circumstancias de extrema gravidade levaram, ou antes trouxeram *Alfredo* ao terreno da litteratura dramatica, terreno escabroso, onde Hugo e *Biester* caminham de ha muito, em busca da immortalidade.

Abaste á curiosidade importuna e vene-

radora, das turbas, o saber-se porque foi escripta *em verso*, e não em prosa rude, a obra do illustre Alfredo.

Ouçâmol-o:

«Não foi por mero capricho que escrevi este drama em verso. — A frequentação assidua da Comedia Franceza, foi causa de, etc...»

A prosa de *Alfredo* é opulenta: tem pontos de affinidade com a de *Desforges*, escriptor lisbonense muito festejado e apreciado como representante d'um genero de litteratura eminentemente nacional.

Temos de registrar a opinião de *Alfredo* sobre o seu trabalho; é a seguinte:

«Leonor de Bragança não discute nem resolve nenhum problema social. Limita-se a registrar um facto.»

«No campo litterario *pertende* mostrar que a lingua portugueza é susceptivel de ser tambem manejada em *parelhas* de versos de 10 syllabas, *sem descambar no comico.*»

Estamos d'accordo. O drama de *Alfredo*

não discute e muito menos resolve um problema social. Registra um facto. Nós, accumulâmos: registrando a apparição do drama de *Alfredo*, discutimos implicitamente um *producto social* — o auctor.

Em quanto a *descambar no comico*, cremos que não succedeu tal desastre á producção de *Alfredo*. Decididamente *não descambou*: conservou-se sempre na mesma altura...

Antes de transcrevermos alguns trechos poeticos da producção de *Alfredo*, permitta-se-nos a reproducção da seguinte arrojada affirmação:

«A arte foi, e ha de ser sempre, uma cadeia de ouro.»

Com isto impõe *Alfredo* um silencio eterno ás pretenções exaggeradas, e modernamente trazidas a terreno, d'uns *soit-disant* explorados, que protestam contra a imprevidencia do Codigo Penal das sociedades modernas; d'esse Codigo que não olvidou o *furto* d'um pão e que conserva a mais absoluta indifferença pelo trafico da escra-

vatura branca; d'esse codigo que previu o *roubo* d'uma camisa e que deixa em paz á espera d'uma hora de justiça, as sanguesugas do suor alheio...

Foi completa a lição applicada por Alfredo: se a arte é uma *cadeia de ouro*, como é, ó proletarios, que os vossos exploradores a deixam nas vossas, e, mais ainda vos deixam sem disputa o uso exclusivo d'essa preciosidade?!

Sois uns ingratos! — Tens razão, Alfredo; saudamos-te reverentemente...

Agora, transcrevâmos:

O drama começa do seguinte modo:

«Ante o pagem na India combatesse
Que um caso tão estranho succedesse!
Melhor fôra que as ondas do alto mar
O tivessem podido sepultar.
Pungente, cruelissima certeza
Me opprime o espirito e enche de tristeza;
Agora já não posso mais tardar
De tanta indignidade revelar.»

Como se vê, o poeta *não descamba*: conserva-se sempre na mesma altura.

. . . .

«Com o aio fiel Lopo de Sousa
Descendente de rei por varonia,
E' certo que viveram com sua tia
Até á exaltação de D. Manoel,
Em que findou destino tão cruel.»

Continúa *Alfredo* a manejar com inalteravel primor as *parelhas* de dez syllabas e continúa *a não descambar.*

«Omnipotente Deus! Quiz o destino
Dar existencia ao throno Manuelino!
Quem predisséra tal filho, *cadete.*
Quando surgiste á luz em Alcochete?!»

N'uma terra onde o mister das *lettras* fosse cousa respeitada, este *Alfredo* seria enviado em commissão a frequentar assiduamente a Comedia Franceza, durante o resto dos seus dias: que fonte inexaurivel!

«Celeste Leonor, candida pomba,
Se tudo, tudo no universo *tomba*, etc...»

Temos graves duvidas sobre o verbo existente na *parelha* supra: não será aquillo

um substantivo? N'esse caso, ó Alfredo, declaramos-te inexcedivel, mesmo por parte de *Namorado!...*

«... Ah! ciume, ciume,
Medusa cerviz, fonte de betume
Investiste-me esta alma! oh! delirio!
Sentimento cruel, és um vampiro,
Que sem dó me trucidas a existencia!
Abraso. Escaldo Invade-me a demencia.»

Temos: a *Medusa cerviz.* Não percebemos, mas, não façamos caso d'essas miserias! Temos mais — o *ciume, fonte de betume, vampiro, sentimento cruel,* que investe a alma de F... o qual *delira, abrasa, escalda*, e sente-se *invadido pela demencia.*

Ha verdade n'esta ultima affirmação. Nós, mesmo, transcrevendo, sentimos que alguma cousa nos invade o cerebro escaldado e abrazado. Por conveniencia propria e dos leitores, pômos termo ás transcripções e curvamo-nos perante a Natureza, que produz gratuitamente estes fructos singulares.

Alfredo, ao elaborar o seu *drama*, dedi-

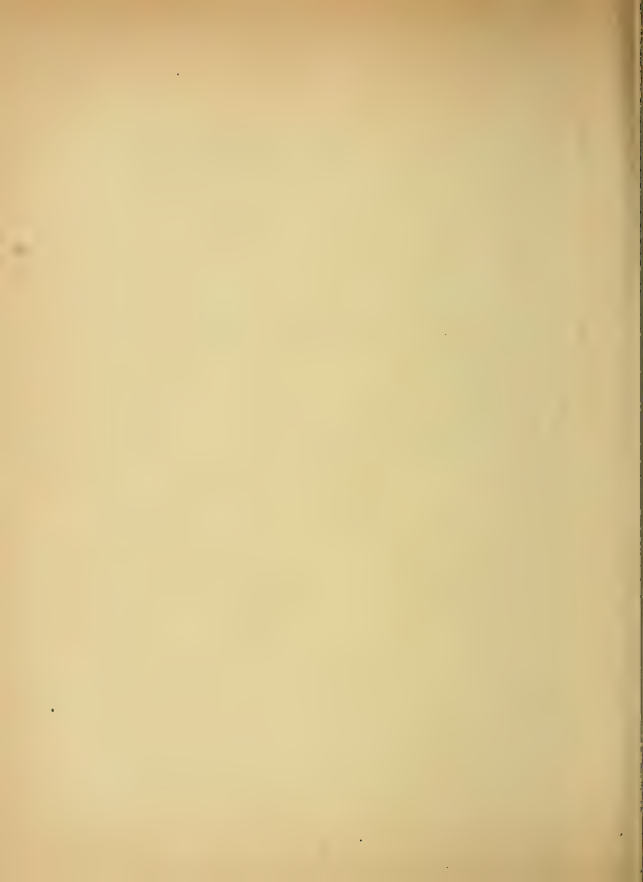
. . . .

cando-o ao *soberano d'estes estados*, tem, pelos modos, em vista levantar do charco a reputação de Leonor de Bragança.

Esqueceu porém ao singular escriptor um facto curiosissimo:

No dia em que buscou reabilitar nas suas *parelhas* a memoria da duqueza de Bragança, accusou implicitamente o duque de um crime monstruoso.

Sahiu a *adultera* e entrou o assassino...

Dá o braço a Biester, ó Alfredo! Toca! Vamos para a gloria! Deixa passar, *Christovam!*

Horas de febre

(1873)

Contos phantasticos

(1875)

Sur son trône d'airain, le Destin, qui s'en raille,
Imbibe leur éponje, avec du fiel amer.
Et la Necessité les tord dans sa tenaille.

TH. GAUTIER.

O Berloque Vermelho

Remorso? não... não é bem o *remorso*, isto que me assalta e opprime. — Remorso... porque? e todavia, sinto que a minha alma immortal divaga *desde aquelle dia* por uns mundos que o homem não trilhou. Tento por vezes definir o mixto de sentimentos estranhos, que dentro em mim se atropellam e não sei como fazel-o. Ora me sinto dominado por um prazer vertiginoso, ruidoso, inexplicavel; ora me assoberba subitamente, dolorosamente, uma angustia que dimana do Terror... Por vezes me parece entrever, além das nuvens brancas, e do fundo azul onde prepassam, a face luminosa d'*Aquelle que adorei n'outros tempos;* mas a visão succumbe e, em lugar d'ella, surge, pavoroso, ensanguentado e rangendo os

dentes n'um sorriso extraordinario *Aquelle que n'outros tempos eu temi...*

E todavia, é bem simples, bem natural, o que eu fiz. Ouve-me Deus e basta-me o seu testemunho eterno, em face da eterna e provavel duvida dos homens.

Recordam-se todos, da amizade que durante largos annos existiu entre mim e Samuel: amizade que tinha a violencia e a profundeza do amor, sem ter como elle o lado impuro. Viviamos um para o outro; tinhamos horas de confidencias mysteriosas em que um ao outro desvendavamos o duplo abysmo das nossas tristes almas.

No meu vigesimo terceiro anniversario, ao regressar a casa, indo de uma orgia, encontrei sobre o travesseiro um pequeno embrulho. Abri-o. Era um presente de Samuel — um pequeno berloque vermelho: um coração de coral, com a primeira das minhas iniciaes sobreposta, em ouro.

Agradeci ao meu amigo, em transportes de jubilo e apaixonei-me desde então pelo berloque vermelho.

Trazia-o na cadeia do relogio e acostumára me a caminhar de olhos baixos, no intuito de não perdel o de vista. Todas as noites eu passava largas horas a contemplal-o e sentia uma alegria suave e dôce, ao apertal-o entre os dedos, levemente... muito levemente... parecia-me sentil o pulsar!

....

Furtaram-m'o, n'uma tarde de inverno, em uma sacristia, onde me abrigára da chuva.

....

Oh! o meu supplicio, como hei-de dizervol-o, eu, n'esta lingua dos homens? Largas, largas horas decorreram, durante largos, largos dias de um desespero que ninguez traduz... Procurava-o com os olhos —*nada via!* Apertava uns contra os outros, os dedos da mão esquerda, julgando poder sentil-o—*e nada sentia alli! nada!... já nada existia!*

Foi n'uma noite clara e alegre... Conversavamos, eu e Samuel, no seu quarto d'elle. Sentia-me triste e gelado: compre-

hendia em fim, que era força morrer. *Morrer!* Nunca, oh! nunca sabereis, vós a quem me dirijo, o que é *vêr aproximar-se a Morte, sem que a vida nos fuja*

— Pobre rapaz! — disse-me, rindo, Samuel — que tristeza a tua... por um coração de coral! Lembrei-me ha dias de substituil-o por outro, que vale tanto como elle! — *o meu!*

Aqui, sinto-me desfallecer... Apenas... apenas Samuel proferira a ultima palavra, ouvi um rugido espantoso, que só mais tarde reconheci por meu... *Era no coração d'elle que eu pensára até alli:* o pensamento esboçára-se, por outra, e só pude distinguil-o na sua hediondez, ao ouvir os echos d'aquella voz!

O resto... deveis comprehendel-o: *Matei-o*, não sem soltar altos gritos, gritos de desespero profundo, *gritos mais horriveis que os d'elle!* Matei o — e lembro-me ainda do rugido de prazer por mim soltado, ao entrever lá em baixo, no peito d'elle, ao fundo — pela abertura que lhe fiz, o co-

ração vermelho, pequenino, palpitante — *mais palpitante do que o outro.*

Hoje, trago-o na cadeia do relogio e caminho de olhos baixos, afim de não perdel-o de vista. Todas as noites passo largas horas a contemplal-o. Aperto-o entre os dedos, levemente... muito levemente — e sinto-me avergado, immensamente avergado, a uma dôr que ninguem explica. JÁ NÃO SINTO PULSAÇÕES.

O Cahos Bacchico

— Tens razão, tinha-o o homem que disse estas eternas palavras: «Quando o homem se vê compellido a reconhecer uma superioridade no seu semelhante, fórma d'elle um semi-deus, porque então já não é outro homem que o sobrepuja.» É Christo transformado em divindade, e Homero reduzido a symbolo; é a creação das divindades allegoricas... tens razão... bebo aos que teem razão...

O meu homem é *Marcas*, creando fórmas de governos n'uma trapeira, em quanto come rodellas de salpicão; é Grantaire, espojando se sobre a mesa do botequim e restituindo ao mundo, em discursos não apreciados, o vinho espantosamente horrivel a que o condemnou a sua pobreza. Tenho

. . . .

noites assim; vivo em uma velha trapeira, isolado e triste, e já não saio á rua, nem os amigos sobem a minha escada; queixam-se de que é ingreme, e soffrem todos do peito, soffrem como verdadeiros condemnados, pobres... pobres rapazes... depois, á noite, estou fatigado, muito fatigado; passo o dia estendido sobre o leito, lendo discursos de Robespierre e mofando dos Girondinos moribundos; de quando em quando bebo agua com assucar, muita agua... muito dôce; ás vezes está frio, um frio satanico, *e, todavia, refrigera-me* aquella agua... além d'isso, leio Historia; — sei muitas cousas ignoradas; sei entre outras que Victor Hugo mente quando nos falla da grandeza de Cromwell, esquecendo Sydney e Ludlow e Vanes e Huslerig; sei que o Guizot desculpando Monk torna-se mais torpe do que o miseravel que defende; entro no quadrado dos homens celebres e bano o respeito a pontapés; esbofeteio Paolo Sarpi, que disse: «O maior acto de justiça que um principe póde praticar é conservar-se», e

. . . .

Machiaveli, que em 1526 dizia a Guicciardini: «Estou para entrar em individualidades e com medo de desagradar a alguem...» depois — qual é a theoria d'este velhaco? — Centralisação apoiada na exploração!...

Estamos em plena biltraria: Machiaveli é torpe, porque se aluga ao irmão do cardeal de Medicis, mas Leopardi, que o defende é mais torpe ainda... depois tudo prostituido: Calderon a Filippe IV, Lope de Vega ao publico; o Aretino a todo o mundo; o bom-senso aos homens gordos... fallo-te do bom-senso dos homens gordos; ouves ao longe um echo de risadas? São os elephantes da India, que me ouviram; são os habitantes da terra de Witt na Oceania, são os velhos deuses do Olympo, hoje desthronados e collocados nas sentinas dos abysmos; é Satanaz que faz para o firmamento uma prodigiosa quantidade de *pieds-de-nez*. Oh prodigioso brodio do inferno!

Tenho febre e sêde — além d'isso tenho theorias: sei que o aperfeiçoamento total do homem resulta do desenvolvimento pro-

gressivo de todas as suas faculdades, e que, supprimida uma parte d'essa evolução essencial, teremos o homem incompleto. Se não me pertencem as palavras, prézo-me de havel-as pensado desde o berço, onde já pensava no carro do progresso e nos guerrilheiros papalvos da deusa Idéa... e onde já fazia annotações aos compendios de Philosophia.

Esvae-se-me o viver em annotações. Ha tres dias pude lêr Deus, em um dia escuro e sombrio. Li-o, comprehendi-o... puz-lhe uma nota á margem. Hei-de mostrar-te essa nota no dia em que o tiveres comprehendido. Veremos se estamos d'accordo... Fallei-te de Philosophia: a Philosophia é a cadeia enorme das interrogações continuas. Separa-lhe os élos: cada um d'elles é grotesco. O todo é formidavel: é a anciedade humana. Deixa sem tentativa de solução aquelles problemas: tens a Humanidade de rosto erguido, encarando o Ignoto. Tenta resolvel-os: tens o pygmeu patinhando no charco. A ignorancia consciente é a sabe-

doria summa. A sapiencia é a gargalhada continua, que desperta. O Pangloss de Voltaire está acima do Prometheu, de Eschylo. Aceitemos tudo isto. A ordem nas idéas é a desordem nas fauces: riso eterno! Deus é Deus, porque não tem senso-commum. O senso-commum é o abysmo das nullidades pretenciosas. Raciocinaes? — sois um imbecil. Estaes d'accordo, ó homens!? — eis a perfectibilidade.

Esgota-se-me a vida n'estes convites ás toupeiras... Estou em plena luz! Ha vinte e quatro horas que não cómo e tenho uma febre que me cóme lentamente; estou apaixonado por essa febre e começo a sentir a embriaguez da abstenção. O homem póde embriagar-se pela tortura; é por isso que os martyres não valem mais para mim do que os discipulos de Baccho. Se não comi, é certo que bebi e bebo e beberei eternamente...

Era á mesa. A ceia attingira o seu termo. Na taberna estavamos sós, os dous. Deram tres horas da manhã. Senti-me arre-

. . . .

batar por mãos invisiveis, por ventura as da ronda espirital das orgias. Subi... subi... no alto olhei cá para baixo e vi que elle descia, escorregando lentamente, muito lentamente, para debaixo da mesa. Fechei os olhos e ouvi-o murmurar as seguintes assustadoras palavras: — E digam que não existe o céo!...

Esperando a Valsa

— E' realmente encantadora—proseguiu a viscondessa, assentando sobre a desconhecida a dupla bateria dos seus olhos divinalmente fulminantes—ha porém n'aquella pallidez um não sei que de...

— Medieval...

— Não é verdade, senhor Raphael Garção?

— Não, minha senhora, conheço de perto a gentil desconhecida e assevero a v. exc.ª que nada tem de *fossilismo* aquella pallidez: pelo contrario: e a pallidez *positiva.*

— Meu Deus! Conhece-a de perto e deixa-nos agonisar de curiosidade, vai para duas horas! Que crueldade n'um poeta lyrico, senhor Garção!

— E' uma historia realista, snr.ª viscondessa, mas de um realismo cru, pungente, cheio de operações anatomicas... Apraz a v. exc.ª ouvil-a?

—Mas, de certo! Ninguem nos ouve... a não ser o doutor (voltando-se para mim), que é um modêlo de discrição.

Inclinei-me. Raphael sorriu.

— Direi pois, *em quanto esperamos a valsa*. Estamos em 1873; temos de retroceder uns dous annos: o prazo necessario para destruir um dever e divinisar um homem. Chegamos pois a 1871. N'aquelle tempo a esculptural creatura que logrou chamar a attenção de v. ex.ª ás miserias da terra, era simplesmente uma pobre rapariga, por nome Magdalena — um nome predestinado — e propriedade d'um cavalheiro d'industria, lisbonense e de nome para mim desconhecido. Quando digo *propriedade* não dou á palavra o sentido restricto e infamante que poderiam attribuir-lhe. — Vou tentar a demonstração da minha idéa: O cavalheiro tinha por occupação habitual *viver desoccu-*

pado: fadigosa profissão, por mais que declamem os moralistas! Viam-n'o, durante o dia, encostado a um dos humbraes d'uma casa de tabacos muito conhecida, fumando um charuto pyramidal e olhando, com um olhar frio e velado, ora os transeuntes do Chiado, ora as nuvens brancas de Baudelaire. De cinco em cinco minutos bocejava lentamente. Fallava pouco. Vestia um fato elegante e usado. Respondia por monosyllabos as reflexões dos *collegas*, sobre a prima-donna Tirolini e a bailarina Tirolezzi. Bebia singularmente e possuia uns musculos de bronze. De resto: face pallida, bigode ruço, cabello cortado rente, voz cavernosa e palavras de caverna: *um homem feito*...

Ella trabalhava á machina, durante o dia; ganhava os seus dezoito vintens, fazendo camisas de *bretanha* para v. exc.ª (inclinou-se para a viscondessa, que sorriu tristemente) e para outras damas do grande mundo. A' noite apparecia *elle*. Recebia os dezoito vintens. Tomava-*lhe* o braço. A pobre crea-

tura fitava-*o* como se fita um arvorado em Deus, depois da queda do Eterno... beijava-*lhe* as mãos, que *elle* abandonava e que de ordinario conservava pouco limpas — e acompanhava *o*.

Dirigiam-se ambos a uma casinha situada perto do theatro lyrico. Entravam. Subiam até ao segundo andar; chegados alli, afivelava-lhe elle uma mascara de velludo negro; fazia-a entrar n'uma sala enorme, áquella hora já cheia de gente, e retirava-se: eram horas de começar o espectaculo em S. Carlos. Elle tinha, como é de crêr, entrada franca e consumia todas as noites no botequim *dezoito vintens de grogs de França.*

Meu Deus! desculpe-me v. exc.ª estas minuciosidades, que hão de fatigal-a, creio. Vou entrar no *realismo* á Flaubert; previno mais uma vez a senhora viscondessa...

— Prosiga, senhor Garção, respondeu, acompanhando as suas palavras de um triste sorriso. Terei a coragem *expiatoria* de ouvil-o.

— *Ella* despia-se... separava-*a* dos espectadores um cordão, preso a umas columnatas volantes, de madeira. Cruzava os braços e ficava immovel. *Elles*... aproximavam-se lentamente e paravam a tres passos de distancia, separados apenas d'ella pelo intervallo marcado pelo cordão.

Olhavam... o invento não é nosso. Veionos de França em um romance...

— Depressa, senhor Garção, murmurou a viscondessa, occultando o rosto com as mãos.

— Nada mais, minha senhora... continuou elle. *Aquillo* durava *apenas* cinco minutos. Por detraz *d'ella* estava uma porta de vidraça .. ao cabo de cinco minutos, *ella* desapparecia.

A' sahida, depositavam os espectadores uma moeda de cobre em uma tigella de barro collocada sobre uma mesa, junto á porta.

Depois da opera, vinha *elle* buscal-a. Recebia o dinheiro contido na tigella; dava-lhe o braço e reconduzia-a a casa. *Ella* chorava

. . . .

ao chegar alli, mas *elle* estendia-lhe a mão e o chôro entremeava-se de alegria e de sorrisos.

Um dia — esquecêra-me dizer a v. exc.ª que esta mulher tinha algures um pai, sujeito de boas relações, rico, *sério*, cortejado e um tanto amigo de... aventuras. Expulsára-a de casa, por simples questões de decóro. Era uma filha illegitima...

Um dia, dizia eu, no meio do espectaculo aproximou-se do cordão um velho de apparencia respeitavel. Era ao *terceiro minuto*. Os olhares dos infames faiscavam... O velho senhor deu um passo para *ella*. O cordão partiu-se. O velho aproximou se e, feroz, arrancou-lhe a mascara...

Ella encarou-o, pallida, fria e serena.

— Meu pai! — disse — e cahiu desfallecida.

. . . .

N'este ponto interrompeu se Raphael. Olhei para a viscondessa. Estava livida e tremula. Tinha os olhos cheios de lagrimas.

— E depois? — murmurou encarando-nos.

. . . .

— Oh! *depois?!* — proseguiu Raphael — *depois* decorreram alguns dias. O *velho senhor* teve um desgosto profundo. Espalhou-se o caso; todos os homens *sérios* lastimaram a desgraça d'aquelle *pai*. O *cavalheiro* desappareceu, parece que por falta de receita. Os espectaculos interromperam-se. O caso deu que fallar: appareceu um homem *caridoso*, que teve *dó* d'aquella miseravel. — Esquecera-me dizer que depois d'aquella noite se operára uma transformação profunda na alma da rapariga. Queria dar espectaculos *sem mascara* e annuncial-os, pondo nos cartazes o nome do pai. Que escandalo! O *homem valedor* chegou a tempo. Ahi tem vossa excellencia a Magdalena dos nossos dias...

N'este ponto um elegante diplomata abeirou-se graciosamente de nós e suspirou a seguinte phrase:

— Concede-me v. exc.ª esta valsa, senhora viscondessa?

. . . .

O Intoleravel

Por muito tempo diligenciei afastar de mim aquella idéa horrorosa. Em fim, renunciei: o caso tornára-se evidente e só a um doudo seria licito desconhecel-o. Espreitei-os durante largos dias, friamente, pertinazmente, com uma tenacidade natural no meu temperamento. Pareceu-me um dia têl-os surprehendido. Miseravel illusão, aquella!

Eu tratava-a brutalmente, mergulhando-me na crapula mais infame e ostentando os meus vicios depravados aos olhos d'aquelle monstro de virtudes. Espreitava, ao regressar a casa, de madrugada, avergado ao peso do *deboche*, o olhar da creatura *nem um vislumbre d'impaciencia, de despeito, de resentimento eu podia encontrar alli!*

. . . .

Deixei-o por largos dias *a sós* com ella. Elle era gentil, elegante, espirituoso;—conversavam *ambos* por largas horas, sempre fallando em mim *com carinho*, *com veneração*, *com affecto desesperador*...

Perdi, em fim a paciencia. Dissimulei por largo tempo — eu sou medonhamente, espantosamente dissimulado e tenho uns sorrisos de tigre, ou, peor ainda, sorrisos de padre catholico; insultára-os na vespera d'*aquelle dia* até á loucura mais absurda e singular. Vejo ainda o sorriso de bondade com que elles me receberam as infernaes injurias.

— Miseraveis! *sempre*, oh! *sempre* aquelle duplo olhar de amor fito em mim; sempre o balsamo consolador á minha alma sedenta de desprezo! Nem um olhar de odio! Nem um sorriso de ironia! Nem uma palavra insultadora, em troca dos meus insultos e das minhas infamias sem limite!

. . . .

Depois de mortos limpei o punhal ao forro do meu velho casaco. Sobre a chaminé

de marmore da minha sala existe um relogio soberbo representando a morte de Sardanapalo: um bom trabalho artistico; desde *aquelle dia* flanqueiam-n'o as duas cabeças collocadas symetricamente, — lividas, ensanguentadas, d'olhos dilatados, fitos em mim, sempre fitos em mim, é certo, mas *com a mesma expressão de doçura*...

E desde então vaga, por esses mundos que só eu vejo, a minha alma immortal, inconsolavel e sem abrigo, e o coração, apertado por mão de ferro, agita-se-me, miseravel, sobre um infinito abysmo de tristeza...

Na hora final

Foi ha tres dias, n'um dia como os outros; não me recordo se chovia, ou não, nem julgo necessario prefaciar o que vai lêr-se; é uma pagina arrancada ao livro immenso do viver humano, escripta por vezes sem nexo, não visando aos applausos da critica e não lhe temendo a reprovação: é escripta por um grande explorado, á beira da valla commum.

Foi ha tres dias que recebi a carta do pobre moço, de quem fôra amigo. Chegou-me ella ás mãos quando eu me preparava para ir vêl-o no seu quartosito, no alto de um quinto andar. Ainda na vespera do successo terrivel eu passára pela rua onde *elle* morava e hesitára em subir, ao contemplar de cá de baixo a elevação do albergue do infeliz. Mais uma vez foi sacrificada a ami-

. . . .

zade á commodidade. Arremesse-me a primeira pedra quem não praticou vinte vezes este delicto.

Recebi a carta, ao voltar do meu trabalho, cançado, aborrecido e doente. Conheci a letra do involucro, rasguei-o negligentemente e li o seguinte:

— «Creio que é praxe estabelecida, meu velho e bom amigo, o deixarmos uma justificação do nosso acto derradeiro, quando resolvemos partir, antes de terminada a tarefa que nos impoz a mão desconhecida. Eu parto. A justificação, tenho a por escusada, para comtigo, que conheces profundamente o *porque* d'este passo extremo. Aos outros não a devo. Deixar lá os jornaes baratos tripudiando, em nome da religião e da moral, sobre o meu cadaver! Bem sabes tu que não estarei morto á hora em que lêres esta carta, por ter lido um capitulo de Werther. Quero ser-te util na minha hora ultima: envio-te esses apontamentos, para base d'um trabalho que meditas.

. . . .

Acabo de me levantar do leito; são quatro horas da manhã; está frio; sinto fortes dôres de cabeça; sem embargo de ter de *partir* ás 5 horas, desejára sentir-me alliviado do soffrimento physico, ao menos. A justiça dos homens concede aos condemnados á morte certas regalias no seu final momento. Porque não hei-de eu tel-as?

O vento está assobiando lá fôra; é a musica da *partida*. No mais, socego absoluto. A criança do lado chorou toda a noite, não me deixando dormir: queria talvez obrigar-me a pensar. Agora calou-se: aguarda a minha resolução.

A criança do lado é nervosa, colerica e debil; é um rapaz. Que destino será o d'elle? — Pobre, fraco, irritavel, de certo orgulhoso... melhor lhe fôra *partir* commigo...

Agitei-me toda a noite no meu leito. Sabes que ha poucos dias perdi meu tio, um tio velho, pobre, meu amigo, prompto a defender-me, — elle, o indefeso, — contra as aggressões que soffria o meu orgulho. Pois

. . . .

bem: no meio da agitação que me dominou em toda a noite, ergui por vezes os olhos e dirigi-os para o fuudo do meu quarto: vi-o alli, com os olhos fitos em mim... Queria talvez ser-me guia ainda na eterna viagem...

Pobre homem! rude, ignorante, mas cheio de bondade, parecia derramar sobre mim a jorros a luz do seu immenso e exclusivo amor! Que d'illusões as suas sobre o meu futuro! Aos sessenta annos cria ainda na probidade recompensada e no respeito pelo infortunio obscuro! Eu digo te: «pelo infortunio obscuro»; bem sabes que nunca faltam lagrimas sobre um infeliz celebre: é que as carpideiras pedem uma scentelha da celebridade que o desgraçado gozou em vida e é dôce distinguir-se no *chorus mysticus* dos *amigos* do gigante que passou...

Pobre homem! — dizia eu,—quantas vezes não o vi enthusiasmar-se ao lêr uns queixumes indignados que, na minha ingenuidade, eu traçava sobre o papel e que

. . . .

tu lêste por vezes, sorrindo mysteriosamente! Ah! não eram lamentações em verso lyrico, meu amigo, aquellas que eu punha alli! Eram explosões d'uma indignação profunda; o involucro era de fel, como o fundo; não mirava ás lagrimas do feminino, nem as obtinha; não almejava pelos laureis da celebridade, d'esta celebridade que vai do café Martinho ao café Suisso: não os obtive; deixa que me congratule n'esta hora, da immensa verdade!

E tambem tu me animavas no meu labor... mas tu, na communidade de soffrimento, de aspirações pelo Justo e de crença n'um dia de claridade que ha-de vir a este inferno, tu... sabias o que te esperava, o que nos esperava, a nós — pobres rapazes, sem futuro definido, sem pão para dous dias, anemicos, febris, desamparados; *sem um curso*, n'esta terra onde o meu aguadeiro tem um, completo; vivendo do nosso trabalho e roubando ás horas do nosso descanço os momentos do nosso estudo; insultados n'esse trabalho que nos dava o pão;

odiados, perseguidos, invejados, pelos nossos companheiros, que suspeitavam a existencia da nossa superioridade moral; alcunhados de *doudos*, de *poetas*—ultimamente inventaram o *petroleiro*, — de *impostores* e de *visionarios*, por quantos mentecaptos, devassos e hypocritas vão por esta aldeia; atacados ha pouco em o nosso labor honrado, duro e esmagador por um quidam desconhecido, que, á mingua de coragem para ladrão de estrada, fundou um jornal burlesco; sem familia; longe da época das *santas crenças* que a tantos amparam; triturados e atropellados n'este inferno de intrigantes sem talento e de nullidades que vão trepando, caminhavamos e insistiamos, — eu a querer illudir a minha fraqueza, o meu enorme desalento; tu a desvendares-me cruelmente e a apontar-me o peor do caminho, que percorriamos para castigo de peccados... não commettidos.

Não vás suppor, amigo, que n'esta hora, já bem diminuida, é o *despeito* que me serve de guia! Não é. E' o *desanimo incuravel*,

. . . .

como o classificou Armand Carrel. Despeito, de que? O despeito allia-se á inveja: inveja de quem?—Não sei, não sabes, não sabem todos que cortejam reverentemente S... que este homem passou ao lugar importantissimo de... *em recompensa* dos roubos clamorosos, provados pela falta de desmentido ás accusações da imprensa... opposicionista e de parte do publico,—não falo do publico invejoso?—Não sabes, como eu, como todos, que F..., respeitado pelos seus compatriotas, metteu a pique o navio em que trazia uma carregação de escravos—uns trezentos—afim de escapar ao cruzeiro?—Inveja?! De M... chefe de repartição, analphabeto e inhabilitado para dizer-nos como arranjou a sua fortuna? De S...?—De P...?—De todas as letras do alphabeto, applicadas como symbolos de sinistros patifes de todas as condições e officios? Não é a inveja, não, meu velho amigo. E', como te disse, — o desalento.

Se esta carta fosse lida por um bom homem credulo, ou por um dos velhacos aqui

. . . .

esboçados, a resposta — sei eu qual seria: nada menos que a de Mirecourt aos *Miseraveis* de Hugo. Estou ouvindo o homem: — «A sociedade não é composta das aberrações que você nos dá como generalidade,—demagogo audaz! — como o clero não é composto de typos repellentes, que os atheus da sua igualha nos indicam como modêlo.» — Estou ouvindo o homem.

Para esse deixaria eu como resposta uma pergunta aqui formulada, e é a segninte: — «Quantos protestos *desinteressados* surgem, durante o anno, do seio d'esta sociedade virtuosa, d'este clero modêlo, contra as torpezas e as infamias clamorosas das taes aberrações?» — Resposta franca de porte...

Creio que estou gracejando e faltam apenas dez minutos... O que é certo, meu amigo, é que parto, por causa da superioridade numerica das *aberrações*.

Ha poucos dias offereceram-me *um lugar*. Faça-se justiça: não me deixavam morrer á mingua. Offereciam-me *vinte mil réis*

mensaes, o que não é mau para um rapaz como eu. A minha obrigação era esta: — escrever locaes n'um jornal.

Eu traduzo: — Elogiar as composições dramaticas dos amigos da casa; dizer das obras de A... — *recebemos e agradecemos*; idem das de B... — *recebemos*; idem das de C...—cousa nenhuma; *fallar* dos livros de sciencia com autoridade dogmatica; isto é: *mais um livro*, etc., *parece-nos um bom livro; vamos lêr e fallaremos* (este *fallaremos* é heroi-comico); apoiar a policia quando o chefe é dos nossos, e dar-lhe a matar, em caso contrario; condemnar os suicidas em nome da religião e da moral, descrever minuciosamente as peripecias do esfaqueamento de Maria Rosa por José Maria; fallar do *promettedor engenho* e das *auspiciosas provas* do intelligente e sympathico joven R... que estaciona á esquina da Havaneza; mostrar sobresalto pelo mau estado de saude do rico capitalista T...; fallar dos incendios, da carestia dos ananazes, e fazer espirito com os ladrões...

— Faltam cinco minutos. Tenho alguma febre, pouca. Dóe-me menos a cabeça. Começa de novo a gritar a criança do lado.

Resumia-se n'aquillo a minha tarefa; era amena, como vês, e parecida com a do Lousteau das *Illusões Perdidas*. Não aceitei, tive vergonha... que queres tu? — São cousas de *doido*, de *visionario*, de *petroleiro*, cousas que tu sabes, como eu...

Estou cançado de escrever. Faltam tres minutos. Vou fechar a carta. Perdôa-me, se não fui despedir-me de ti, mas deves ter notado que ha dous dias, a ultima vez que te vi, foi mais apertado o abraço: estava pensando *n'isto*.

Guarda os meus livros. Vende os outros objectos que me pertencem e dá o producto d'elles aos paes da creança do lado, que são pobres.

Deus! como a creança grita!

E' verdade... e Deus?!...

Oh padres! porque nol-o haveis pintado assim?!...

Falta um minuto... Estou sereno; já

não tenho febre. Calou-se a creança: adivinharia o innocente que é contemplado no meu testamento?...

Perdôa a ultima duvida, a ultima, porque de ti não duvido.

Adeus. Está dando a hora.»

....

Nos jornaes de Lisboa lia-se, no dia immediato áquelle em que recebi esta carta, o seguinte:

«Suicidou-se hontem, na sua casa, na rua de S. Joaquim, o snr. Alberto de Freitas, typographo, com um tiro de pistola na cabeça. Parece que o suicida era dado, nos ultimos tempos, ao abuso das bebidas alcoolicas e que não foram estranhos á sua fatal determinação uns amores mal correspondidos. Era rapaz de genio extravagante e deixa algumas composições litterarias em varios periodicos da capital. Que o seu triste fim sirva de exemplo aos que se deixam desvairar pelas suggestões de uma descrença reprovada pela religião e pela sociedade.»

Pobre Mortimer!...?

Não me recordo do emprego d'aquelle dia, nem me lembro porque me achei, á noite, em frente d'um theatro qualquer, murmurando os ultimos versos de certo soneto de Scarron, que termina do seguinte modo:

> Maint poudré qui n'a pas d'argent,
> Maint homme qui craint le sergent,
> Maint fanfaron qui toujours tremble,
>
> Pages, laquais, voleurs de nuit,
> Carosses, chevaux et grand bruit :
> C'est là Paris, qui vous en semble?

Estava, como disse, em frente d'um theatro. Entrei.

A sala estava replecta de espectadores. Representava-se *Os Solteirões* de Sardou. O

espectaculo começára desde muito; applaudia-se com furor.

Olhei para o palco; estava em scena uma actriz semi-nua. O publico applaudia a Natureza.

Subito, os applausos irromperam com dupla violencia; absorto na contemplação do lustre, não dera attenção ao espectaculo; voltei-me para o meu visinho da frente e pedi-lhe que me explicasse aquelle delirio.

— Ah! é soberbo, isto! não sabe? Onde diacho tem o senhor a cabeça? E' aquella tirada soberba de Mortimer, quando á noite, — noite fria e agreste, — vê todos os homens casados recolhendo-se ao lar domestico, emquanto que elle pensa no seu isolamento moral e soffre tormentos desconhecidos. Palavra! depois d'isto só conheço aquella comediasinha *Je dine chez ma mère*; sabe? — é de Lambert Tiboust; — Sophia Arnould vê...

— Bem sei.

— Ah!...

. . . .

Este *ah!* do meu visinho significava uma demonstração de verdadeiro regosijo. Deixei-o entregue a elle e sahi.

A noite estava fria e humida. Não sei porque, assaltou-me a lembrança de Mortimer, ao dirigir-me ao meu albergue; olhei ao longo das ruas silenciosas; alguns burguezes caminhavam apressadamente, como que recolhendo-se ao lar domestico.

— Pobre Mortimer! — murmurei — como elle declama, o infeliz! O *lar domestico!?...* Nem sempre...

Pensei no caso d'aquelle pobre Henrique S...

Foi ha poucos dias; recolheu-se a casa, pensando, caminho do *lar*, com alvoroço, no beijo da esposa e no sorriso infantil da loura Jenny; como que se lhe antepunha em frente do olhar beatifico o quadro do *chá em familia* e o de certo jogo innocente que lhe servia de intervallo entre o chá e o leito; voava, caminho de casa, enviando um olhar de commiseração aos celibatarios de todos os tempos. Chegou; bateu; demora-

. . . .

ram-se em abrir. Afinal, appareceu-lhe a criada, tremula e livida; elle pergunta pela mulher, não lhe respondem; corre, vóa, precipita-se; a porta do quarto estava fechada; elle tem uma chave sua; abre...

Estava lá o João de Sousa, o alferes, aquelle de luneta, que toma café no Martinho, á noite, e que discute o genio de Victor Hugo.

Tableau.

Pobre Mortimer!...

Ha dias, o caso de D. Henriqueta: desposára aquelle vilão de Carlos, a despeito da vontade paterna. Ella fôra visitar uma amiga, recolheu-se a casa mais cedo que de costume, — uma enxaqueca,—entra, pé ante pé, gozando antecipadamente a surpreza do marido; abre a porta da alcova e esbarra com Julieta, aquella bailarina morena da Trindade...

Pobre Mortimer!...

E o Julio?! Sahe do theatro, com a mulher, ha dous dias; vão de trem; dous varredores que os veem passar dizem: —

«Estes ricaços... não ha mal que lhes chegue.» Muito bem. Chegam a casa: — Como está a menina? já dorme? — a criada soluça. Durante a ausencia de Julio e da esposa, a menina, que ficára em casa, pretextando um incommodo passageiro, fugira com um bacharel em philosophia.

Pobre Mortimer!...

E a D. Candida? Pobre mulherzita! dava chá a um poeta lyrico-erotico, que lhe comia as torradas, esperando ensejo de seduzir-lhe a sobrinha. Foi ha dous dias. O maldito publicára uma poesia em que dava a conhecer os pensamentos lubricos que lhe buliam lá dentro: vai lêr a poesia a casa de D. Candida; choram todos; a criada limpa os olhos, com o avental; a tia com a manga do vestido; a sobrinha com... cousa nenhuma... o demonio!...

D. Candida vai ao quarto, não sei para que, e julgo conveniente não investigar o facto; esquece-lhe, porém, o lenço; volta á casa do jantar; o poeta estava dentro d'um armario.

. . . .

A sobrinha... estava... dentro d'um armario...

— Que? do mesmo?

— Justamente: do mesmo. Pobre tia! Pobre Mortimer!

. . . .

Foi absorto no relembrar d'estas peripecias da vida do homem civilisado, que subi a escada do meu albergue. A sós, tentei afastar de mim a lembraça dos criticos de Hugo, dos bachareis em philosophia e dos poetas lyricos: tentei chorar o meu isolamento. Não pude fazel-o.

Pobre Mortimer!

A Luz através o Cognac

— E a Consciencia?... bradou Raphael.

Disse... e bebeu.

Bebeu tres copos de cognac. Ao terceiro copo, subiu-lhe a côr ao rosto pallido e cahiu-lhe a cabelleira sobre os olhos.

Era alto, magro, nervoso, anemico, febril. Durante a discussão agitada, que nos demorára no café, até ás 11 horas da noite, em redor de uma mesa, conservára-se silencioso, despejando copos, uns após outros e deixando perceber no olhar desvairado os progressos d'uma embriaguez sinistra. Costumados desde muito ao espectaculo d'aquelle suicidio lento, conscientemente operado, continuavamos a arremessar com vehemencia uma multidão de paradoxos aos quatro cantos do botequim. Entre uma apostrophe

. . . .

violenta de Carlos Garção sobre a Communa de Paris e uma dissertação academica de Julio Telles sobre a Emancipação da Mulher, observámos vagamente o dilatar das pupillas de Raphael, o entreabrir dos labios e um movimento de quem se preparava para lançar na balança o peso do seu voto. Julio Telles, arrebatado pelo calor da discussão, não percebeu a intenção de Raphael e proseguiu no seu improviso. A monotonia da voz de Julio fizera passar sobre o auditorio uma certa somnolencia de academia pseudo-scientifica. Despertámos d'este estado de fadiga, ao ouvirmos a voz vibrante de Raphael proferindo a seguinte interrogação:

— E a Consciencia?...

— Qual? — perguntou Julio interrompendo-se — a do *c* maiusculo?

O olhar de Raphael tornou-se momentaneamente fouveiro; foi um relampago. Encheu de novo o copo, encarou-se no espelho collocado em frente da mesa e disse, com voz entrecortada a principio, mas que, pouco a pouco, foi adquirindo firmeza:

. . . .

— É assim... discutiram tudo: a materia indestructivel, o ideal absoluto—Deus—, a mulher anjo, a mulher demonio, a mulher azemola, — esqueceu-lhes apenas a mulher-*mulher*, — trouxeram para aqui, para a mesa cheia de café entornado e de cinza de charuto, pegajosa e symbolica—symbolica, porque não? — os politicos de toda a casta, os litteratos de todo o feitio, as escólas de todas as classes, e as *fórmas* de todas as bailarinas. Este Julio, admiravel pela ingenuidade do impudor, pela inconsciencia do descaro, condemna a Communa de Paris e o collectivismo na propriedade; ha dous annos defendia tudo isto, fallava a toda a hora da justiça com *j* grande e da consciencia com um grande *c*. E' espantoso, mas é logico; é homem do seu tempo e ha-de ir longe; é tambem como a mesa pegajosa da taberna ou do café; é um symbolo... Meus senhores, tenho a honra de lhes apresentar Julio Telles, aspirante a deputado e membro da Academia, jornalista distincto, moço de esperanças e symbolo da nossa época...

. . . .

— Bebado! murmurou Julio.

— E bebado tambem — continuou Raphael — mas embebedando-se em casa. N'outro tempo, não fazia ceremonias com o mundo, bebia como eu. Eu bebo e não direi porque; não direi mesmo *porque quero*... isso seria descer a explicações e não as dou ao mundo. Bebo... porque *sim*. E' assim mesmo...

Despejou o copo e encheu outro.

— Que collecção de Faustos! Este Carlos, desmamado apenas e sceptico! Sceptico aos dezoito annos... é de se lhe dar açoutes. Passa a vida á esquina da Havaneza, fumando charutos que não paga (ligeiro movimento de Carlos); não te agastes, meu rapaz, não sou o primeiro que t'o diz. Faço justiça aos teus amigos; nenhum d'elles t'o diria; fumam comtigo... Quem te disse isto já, foi a consciencia do *c* maiusculo!... (Tomou a respiração com força).

— Que collecção! Soberba! Vasta! Incommensuravel como... este adjectivo de muitas letras! Carlos, o Carlitos, o pequeno

sceptico, já não faz a Deus a honra de discutil-o, nem á humanidade, nem ao progresso, nem á sciencia... O seu deus, o seu ideal, é a santa madraceira, os charutos, o cognac não pago nos cafés, uns folhetins que dão colicas á pobre gente e que são tão pegajosos como esta mesa symbolica, os bilhetes de theatro que recebe a redacção do *seu* jornal e o epitheto de *jornalista*. Jornalista, é bom! proseguiu, encarando Carlos; Carlos, meu pequerrucho, não franzas o sobr'olho; deixa-me dizer-te o que só é dado dizer-se e ouvir-se quando se tem bebido de parte a parte uns vinte copinhos d'este nectar petrolisado... Acho-te ridiculo: é a primeira phase. Adivinho-te a segunda: has-de ser deputado e ministro, bom Carlitos. Tens a bossa de pedante e o sangue frio do diplomata: és mau e tolo, sem dares por isso, meu velho menino: has-de ir longe sem dares por tal! (Procurando com a vista em redor de si). Falta-nos aqui o Custodio, o sublime Custodio, o das comedias roubadas como n'uma estrada; o Aris-

. . . .

tophanes de Liliput... Quem o não conhece? Faz comedias allegoricas, epigrammas, somnolentas, rabugentas, sem grammatica, sem espirito, sem assumpto, que nauseam, que atordoam, que cheiram a... que não cheiram a rosas nem a violetas, que são esguias e mal feitas como elle mesmo, o Aristophanes somnambulo da Parvonia occidental... (Encarando o grupo). Eu disse da Parvonia occidental. A Europa, não vamos mais longe; deixemos lá socegados os habitantes de Bornéo; a Europa é uma vasta Parvonia, nada de ambições ridiculas! Não queiramos fazer monopolio da toleima, só porque temos Custodio, Carlitos e companhia... Os Carlitos são de todos os tempos e de todos os paizes. São velhaquetes felizes. Não se julgam amarrados a preconceitos. Ensaiam o vôo pela mentira, passam á calumnia e eil-os na estrada. Ultimamente teem soffrido privações. Ha muitos. Custodio é um Carlitos *manqué*. Aqui está o Julio Telles: este sim! respeita se para que o respeitem. Quando calumnía, quando men-

te, é em estylo academico e com boa orthographia. Paga os seus charutos, mas lança-os em debito da sociedade. O dia do grande saldo ha-de chegar. E' arranjado, economico e austero; incapaz de tocar no alheio; soffre privações, até, mas... o livro lá está, e a hora das compensações hade vir emfim... (bebendo um trago); eu bem sei o que te vai n'alma, oh Carlos sceptico: pensas nas calças rotas do Felisberto, um rapaz de genio, honestissimo e cheio de bondade e confrontas na tua imaginação as taes calças com a farda dourada do Gilberto, aquelle mentecapto, ladrão, que contém em si os elementos para tres incendiarios e dez fratricidas. Eu bem sei que não te passa d'ahi, d'esse esgalgado pescoço, o espectaculo do Gilberto cortejado e do Felisberto apontado a dedo como idiota... é isso que te dá serenidade no teu desvergonhamento, — não te irrites sem motivo; — além d'isso, ouves a toda a hora o teu avô conselheiro, patifão sinistro, de cuja cabeceira fugirá a sete pés na hora extrema a

. . . .

legião de diabos que devem conduzil-o aos abysmos, ouvel-o a toda a hora a alcunhar de *petroleiro, de doudo,* etc., etc., os Felisbertos que fumam cigarro, que usam fundilhos, que não se descobrem na frente d'elle e que ousam asseverar que Millière e os *demagogos* da Communa de Paris são martyres da causa da Humanidade e que as cans do snr. Adolpho Thiers comparecerão no tribunal da Historia, e por ventura n'outro ainda, ornadas com o diadema vermelho e gotejante d'um grandissimo assassino!

— São horas, meus senhores — murmurou um criado, aproximanda-se — vamos fechar a porta.

— São horas, bradou Raphael enchendo o copo, são horas! eis a phrase fatidica e o grande epilogo das grandes bebedeiras! Umas vezes é dita pelo Eterno, outras pelo Facundo, que nos traz café. Em Waterloo é Deus quem diz ao homem sombrio: *São horas!* e manda-lhe fechar a porta por Wellington... *São horas!* diz Washington á

Inglaterra e fecha-lhe à porta, e surge a grande republica... *São horas!* diz Luthero ao Papado... *São horas!* diz Castellar aos reis... *São horas, meus senhores!* diz o aquelle, o Facundo, o esplendido Facundo... o cortez, o amavel Facundo, e a porta geme nos ensebados gonzos...

— Já repararam nos gonzos *ensebados?* E' um symbolo... o gonzo. Na idade média diriamos os *enferrujados gonzos... o sêbo* foi a Revolução!... Abençoada Revolução! Vamos para a rua...

Sahimos todos. A noite estava fria. Conservaramo-nos todos em silencio durante a dissertação de Raphael. O pobre rapaz vivia apenas d'aquellas expansões; seria crueldade interrompel-o. Ao separarmo-nos aproximou-se elle de Julio Telles e, com ar mysterioso, ao accender o cigarro no charuto d'este, murmurou: — O Ideal... o Cognac: — eis a vida... eis o homem...

Historia d'um Systema

Encontrava-se todas as noites aquelle homem no café Suisso, no Porto. *Elle* estava sempre só... Eu, quasi sempre. Encaramo-nos por vezes, durante algumas semanas, mas parecia que uma especie de temor dictava em mim o afastamento por *elle*. Da sua parte havia apenas, segundo notei, uma absoluta indifferença por tudo que via em redor de si.

Uma noite cheguei mais tarde e encontrei-o sentado no lugar que eu occupava usualmente. Não pude conter um movimento de contrariedade e ia afastar-me, buscando outro ponto, quando *elle*, erguendo-se serenamente, se aproximou de mim.

Em pé e á luz do gaz pude contemplal-o por algum tempo.

....

Era magro e pallido, ligeiramente curvado, olhar vago e sombrio, rosto imberbe, cabello negro, revolto e aspero. Vestia de preto, tinha o gesto acanhado e timido, e parecia dominado por um pensamento occulto, tenaz e por vezes febricitante.

Dirigiu-se a mim...

— Peço-lhe desculpa — disse-me com voz um tanto surda e um modo a um tempo frio e polido — ha dous mezes que o encontro aqui: somos quasi conhecidos. E' isto que me anima a dirigir-lhe a palavra. Creio que é amigo de R***.

— Verdadeiro amigo, respondi.

Sorriu agradavelmente; sentou-se, convidou-me a sentar-me junto a si, encheu o copo que tinha na sua frente e perguntou-me com affabilidade:

— Costuma tomar absintho?

— Raras vezes. Adoro em Musset o *poeta*, mas detesto o *bebedor*.

— Faz mal... muito mal! Musset é principalmente *bebedor*. O *poeta* é o resultado, um simples e fatal resultado. Dá-se o mes-

mo com outros. Tire a Pöe o alcool e busque a imaginação mais possante d'este seculo!... Creia: O alcool faz o homem, meu caro; a abstenção do alcool é a expulsão do *fiat.* O alcool é a suprema lei; é a concreção da vida moral.

(Encarou me com ar de curiosidade.)

—Conhecia-o já—proseguiu—por intermedio de R * * *. Foi elle quem me preveniu da sua estada no Porto. Este facto coincidiu com o seu apparecimento n'este café, onde venho todas as noites estudar o homem. Sabia que me tornaria sympathico para si apresentando-me como amigo de R * * *. E' por isso que o fiz. Disse-lhe a verdade.

— Julgo adivinhar o seu nome, repliquei, não se chama Rodrigo...

— Rodrigo Falcão, interrompeu com vivacidade, e em voz baixa, Rodrigo Falcão em pessoa, mas, tenha cuidado em não pronunciar aqui o meu nome, sou actualmente perseguido pela policia, a qual felizmente para o meu socego, apenas me conhece o

nome. Dei abrigo em minha casa a um refugiado da communa de Paris. Eis o meu crime. Ter-me-hiam recompensado, creio, se o denunciasse; mas n'estas cousas pareço-me com aquelle declamador de Hugo: estou sempre com a minoria. Tem vantagens isto. Desconfio sempre da justiça dos meus actos, quando os vejo geralmente applaudidos.

— Começo a entrevêr o homem tal como R *** o descreve, disse eu.

— Oh!... R *** conhece-me bem. E' talvez o unico. Cahe porém n'um grave erro quando attribue o meu *systema* ao organismo, sendo apenas filho da meditação e da experiencia. Regresso ámanha a Lisboa; quero por tanto abrir-me com v. e explicar-lhe o que chamo *o meu systema*. Não vá agora suppôr que ando pelos botequins do Porto, fazendo prelecções de descrença. Não. Abomino os espectaculos e já deixei de fallar a um antigo conhecido, porque o vi collocar a tres quartos a sua reputação de *austero*. Está em moda a *austeridade* e, no fim

de tudo, é medida economica e recommendação segura no futuro. Fallo-lhe da austeridade que se apregóa e que me nausêa...

— Permitta que o interrompa: sei que o seu *systema* colloca-o n'um estado crescente de agitação, quando definido. O senhor mata-se lentamente.

— Peço-lhe que não prosiga, disse-me com animação. Vejo que 's informações de R *** foram amplas. Fazem-me pensar, essas reflexões, n'um dito curioso de um nosso homem de letras e homem do mundo: «Creia, Rodrigo, o mundo não vale a pena de luctarmos pelo Bem.» E' a opinião geral, no fim de tudo. Creio que lhe respondi aproximadamente: «Creia, Fulano, a nossa tranquillidade não vale a pena de sermos egoistas.» Que me importa a reprovação e a malquerença dos outros? Tanto como os applausos. Se não estivesse *em moda* actualmente a palavra Consciencia, diria que é para ella que appello.

. . . .

Interrompeu-se para contemplar alguem que entrava.

—Repare n'aquelle homem. É proprietario d'uma fundição em Lisboa. Emprega duzentos homens, pelo menos. Aufere da sua industria lucros superiores aos de todos aquelles homens reunidos. E' temido por elles. Nenhum operario o vê aproximar-se, sem terror. Injuria-os no que elles teriam de mais caro, se reflectissem: na sua honra de maridos e de paes e na sua dignidade de homens. Ha um pacto inconscientemente formado e não registrado, entre esse homem e os seus collegas, cinco ou seis antropoides de igual calibre, pacto que nenhum trahiu até hoje e que consiste em calcar infamemente aos pés os mil ou mil e duzentos desventurados que occupam nas suas fabricas. Se um dia um d'estes párias pensar em revoltar-se está perdido: expulso da sua officina buscará em vão trabalho n'outra: *os direitos do homem* são uns devaneios de cabeças doudas, meu caro senhor, e prescinde-se de tal materia n'um

estabelecimento fabril. Durante algum tempo fallei com esse homem que acaba d'entrar; julgava-o capaz de regeneração — eu! — No dia em que dei a conhecer o tedio que me inspirava a sua conducta, afastou-se de mim, com applauso de todas as pessoas sizudas. Entre estas houve algumas que nunca mais me estenderam a mão.

— E' triste, mas natural.

— Naturalissimo! O que é ainda mais natural, é o terem deixado de fallar me muitos dos pobres homens, cujos direitos eu defendia. Receiam uns comprometter se, outros, consideram-me *doudo*, pelo menos. Se algum me fallar hoje, é por espionar-me. Alguns dos meus visinhos evitam-me; outros chamam-me *Communista!* Outros fallam-me com ar risonho. A pobre consciencia d'estes ultimos infunde-lhes idéas que os aterram. Acreditam, a seu pezar, n'um dia de justiça ou de victoria dos *doudos perigosos:* buscam de antemão a protecção de um d'elles.

Encarou-me com ar sombrio e continuou:

. . . .

— A correspondencia semanal que redijo para uma folha estrangeira, tem-me acarretado dissabores, segundo a opinião de muitos; o que é certo é que vivo d'aquelle luctar. Digo o que sinto. Defendo homens e principios, sem me importar com a deusa Opinião e sem esperar gratidão dos defendidos. Quando aggrido, sigo igual systema. Isto tem-me trazido amigos... muitos amigos (sorrindo). Outr'ora estudei os; hoje não. Achei especies variadas e notaveis na collecção: entre outras, a dos *curiosos*, sujeitos que *admiram*, que desejam vêr de perto a fórma do *imprudente;* esses são apresentados no botequim por um da familia dos *intimos*, outras vezes trazem um album ou um manuscripto e pedem o preciso autographo ou o exame consciencioso; convencidos de que o SUJEITO cóme e fuma como qualquer simples mortal, desapparecem como por encanto.

...Temos os *Intimos*, continuou; esses denunciariam mil vezes por dia a pobre victima, chamando-o em voz alta na rua, sob

pretexto de dizer-lhe um segredo. São temiveis. Sentem um prazer sinistro, indo pelo braço do SUJEITO, tomando café com *elle*, em publico, mostrando as producções *d'elle* com dedicatoria pelo proprio punho do author, apresentando-o a todos os imbecis das suas relações; são, como disse, temiveis.

...Ha os *Velhos* — proseguiu — uns que mostram dôr profunda, ao ouvir que o SUJEITO soffre uma enxaqueca. Esses correm em tropel a consolal-o, em busca d'um escandalosinho para o *chá*, em casas particulares. Investigam minuciosamente o que póde existir de lastimoso na vida intima do SUJEITO e chegam a chorar com elle! Sanguesugas do sentimento, estão ao lado do *amigo velho*, *quando elle soffre*, dizem. Prohibem-lhe até a consolação do isolamento e trazem-lhe o insulto do seu dó...

— O senhor é injusto, talvez, n'este momento, para amigos dedicados, observei, quasi indignado.

— Não creia em tal—redarguiu, com vi-

. . . .

vacidade.—Obedeço ao systema de que fallei. Quando recebo uma carta, um convite, uma participação d'um facto, etc., busco o *post-scriptum*, não o que todos podem lêr, mas o *post-scriptum occulto*, cuidadosa e rigorosamente occulto... Por outra, busco a *offensa*, a idéa de me beliscarem o orgulho, as crenças e as sympathias; busco com minuciosidade o elogio a uma idéa, a um principio que detesto, e tal offensa, dictada pelo rancor, pelo ciume, por um simples desejo de distracção malevola, tal offensa, meu caro, lá apparece fatalmente!... E' por isso que o meu isolamento material é maior talvez, ainda, que o isolamento moral. Sei o que pensa n'este momento: «Este homem é um paradoxo vivo». Seja assim. A liberdade de pensamento e a emancipação dos servos foram, são para muitos, uns paradoxos miseraveis.

Ergueu-se da mesa e dirigiu-se para a porta. Acompanhei-o. Sentia despertar em mim um sentimento de repulsão e de desgosto, ao pensar n'aquella descrença medi-

. . . .

tada, ao passo que me enchia de pavor o immenso vacuo d'aquella alma. Pensei repentinamente em R***, uma grande alma que comprehendera as torturas d'aquella; um bom e leal amigo d'aquelle homem, e soffrendo como elle.

— E R***? — perguntei, com os olhos fitos nos d'elle.

— Oh, já me tardava a pergunta! — bradou com desespero — R***? Tenho buscado a offensa... tenho... mas em vão! Que sombria aberração aquelle homem...

Estendeu-me a mão: contemplou-me durante alguns segundos, com ar mysterioso e, ao separarmo-nos, ouvi-o pronunciar com modo sombrio as seguintes palavras:

— «Apertou-me a mão com vigor, este homem... irá elle ter dó de mim?!... maldito!...»

. . .

Um caso vulgar

Passavamos horas inteiras, sentados em frente um do outro, discutindo em silencio, isto é — *pensando* — o Inexplicavel do Visivel. Elle era orphão e pobre; vivia d'uma miseravel mezada, que um tio, sujeito bem conceituado na terra e possuidor de boa fortuna, lhe mandava, por conservar serena a facil e boa consciencia. O pobre rapaz não possuia a coragem do *Marius* de Hugo e ia aceitando, cheio de vergonha e de remorso, aquellas provas de affecto que constituiam o vinculo sagrado do seu amor de familia.

Uma tarde, ao voltar para casa, encontrei-o estendido sobre o leito, com os olhos fitos na parede fronteira e os punhos contrahidos. De espaço a espaço murmurava

palavras inintelligives e sorria convlusivamente.

Toquei-lhe no hombro. Voltou-se, encarou-me com ar estranho, durante algum tempo; por fim ergueu-se e disse-me com modo sombrio:

— Pensava n'uma cousa horrivel: no dia em que nos venderemos.

Encarei-o com assombro.

— Sim — proseguiu com desfallecimento — pensava pela primeira vez n'esse dia de morte moral. Mau é que estas miserias nos assaltem a mente. Sei o que vaes dizer-me: exactamente o que eu tenho dito a mim proprio. Vaes fallar-me das alegrias santas e serenas do Dever... oh, meu amigo! Bem sabes se tenho sido martyr d'esse dever e se tenho luctado com tenacidade e ardor! Bem sabes se tenho importunado as tuas vigilias e o teu somno com o desespero constante do meu luctar! E' obscura a minha lucta, seio-o; será infructifera? Não posso crêl-o: abre pelo menos um exemplo aos que vacillam, aos recem-chegados. Triste

exemplo da fome pela Justiça! Irrisoria aberração!

— Continúa—disse-lhe, fitando-o.

Encarou-me com altivez e desviou os olhos, em seguida.

—Se alguma coisa nos tem prendido ao viver sombrio e cheio de miseria em que nos achamos envoltos é a lembrança d'esses dias de provação. Comprehendes que entre mim e os meus ha o abysmo da Intransigencia *apenas*. No dia em que eu der dous passos para transpol-o, virão esperar-me de braços abertos á beira opposta. Fiz as minhas provas publicas; crêem na minha superioridade moral; lamentam que eu entrasse no *mau caminho*, n'esse caminho que ainda chamo o da *Verdade*. Meu tio é aferrado, como sabes, á idéa de ter um *homem publico* em familia. Pensou em mim para esse lugar...

— Variante possivel da *mulher publica*, interrompi.

O desprezo subia-me em golfadas. *Elle* proseguiu:

. . . .

— Será assim. Fallas com serenidade, tu, que és só e que a respeito de Futuro *pessoal* só pensas no dia d'ámanhã. Eu, tenho uma irmã, pobre rapariga, que não quizera vêr entregue por todo o sempre ás doçuras d'um recolhimento. A minha familia, a minha dôce familia, descobriu um meio simples de castigo: pune-me no amor fraterno. Aquella pobre criança nada tem de commum com a emancipação dos servos, nem com a corrupção dos costumes...

Interrompi-o.

— Ha em todo isso uma certa porção de verdade, embora o caso de tua irmã recolhida seja um mero incidente e uma situação *ad hoc* na comedia-drama d'uma deserção.

— Perdão...

— Mil perdões!... Deixa me concluir; serei breve. Ha n'estas existencias anormaes de lucta promethèana duas phases distinctas; isto se fallarmos apenas dos que encetam de boa fé essa lucta. A primeira phase é nobre, mas irreflectida quasi sem-

pre. Para os dezoito annos, não gastos em camarins d'actrizes e em saraus do *high-life*, ha sempre seducções estranhas na vida do trabalho e do combate desajudado. Entra-se, pois. Succede ás vezes que o neophyto contára, ao entrar na região terrivel, com a camaradagem dos luctadores e com o amplexo dos companheiros de trabalho, no meio do seu labor. A camaradagem nem sempre vem. O amplexo vem raras vezes. Se o neophyto é intransigente de primeira plana, isto é—rebelde a todas as conveniencias e conciliações,—corre o perigo d'um quasi total isolamento. Chega-se d'este modo á segunda phase: á da lucta consciente e reflectida. Este é o cadinho temivel de Hugo, «de que os fortes sahem sublimes e os fracos cheios de infamia!» Bifurca-se alli a estrada. Separam-se os combatentes: uns levam de vencida o resto temivel do caminho sombrio e attingem em vida a immortalidade aos olhos da sua consciencia divina. Os outros põem a preço a austeridade da sua vida passada, da primeira phase em

. . . .

que fallei, e são eleitos pelo seu circulo com immensa maioria...

Interrompi-me para olhar aquelle homem. Escutava com avidez.

— Não é a primeira vez que pensas na deserção. Disséste-lo, é certo, mas é falso. E' possivel porém que o ignorasses. Creio até que só hoje te surprehendeste pensando n'isso. Se assim é — não hesites. Vai! D'ora ávante o teu desespero, que era santo, porque traduzia o desanimo vencido pela Fé, será comico, miseravelmente comico, porque será a expressão do abatimento do teu espirito, disfarçado pelas conveniencias do teu papel!

Ergueu-se repentinamente; encarei-o. Tinha os olhos vermelhos e humidos, Quiz fallar, mas a voz seccou-se-lhe na garganta.

— Lagrimas, quando se possue um tio rico e uma cadeira de deputado em perspectiva?! Não me surprehenderás os sentimentos de piedade; — disse-lhe indignado: — guardo-a, a piedade, que não exclue a inveja santa, para os que morreram na bre-

cha cobertos d'insultos, de escarneo e de maldições! Para os que esmorecem miseravelmente, tendo ao seu lado o espectaculo da miseria alheia, conservo tambem a piedade, mas essa não exclue o desprezo!

— E's severo até á crueldade—disse-me, com ar desesperado—não quero dizer-te que era uma prova o que me ouviste, porque mentiria; oh, meu amigo! Seja-nos licito o esmorecimento momentaneo! Sabes que é preciso coragem, muita coragem, não é assim? Perdôa tudo isto: são impressões d'um outro mundo, que passam, para não volverem...

— Seja assim, respondi, estendendo-lhe a mão.

....

Afastei-me de Lisboa durante algum tempo, tres mezes, apenas. Ao voltar preveniu-me uma visinha de que o meu antigo companheiro de quarto abandonára aquella casa, logo depois da minha partida. Não achei solução immediata para aquelle problema. Sahi, a colher informações.

. . . .

Encontrei no Rocio um amigo antigo, que por vezes me visitára no meu albergue e que conhecia de perto o meu antigo companheiro. Aproximei-me d'elle...

— Sabes de F***? perguntei.

N'este momento uma velha tremula e coberta de andrajos parou em frente de nós e abaixou-se para apanhar do chão um bocado de pão duro e enlameado. Ao mesmo tempo passava com estrondo um esplendido *coupé*. Uma das rodas deu na pobre mulher e lançou-a por terra. Olhámos para dentro do trem e soltámos uma dupla exclamação. Ao fundo, recostado negligentemente e fumando um charuto pyramidal, descobrimos o vulto nédio e transfigurado do meu antigo companheiro.

A velha erguera-se, gritando. O ex-doudo debruçou-se da portinhola, encarou-nos com admiravel expressão de ironia e arremessou á mulher atropellada — dez tostões.

Encarámo-nos, com ar de envergonhados e caminhámos silenciosos por algum tempo.

. . . .

Afinal o meu interlocutor rompeu o silencio, para dizer com ar de veneração:

— Ha-de ir longe aquelle rapaz.

— Já o suspeitava, repliquei, mas não é isso o que me preoccupa...

— Então?

— Seriam para nós os dez tostões?...

Elles . . .

E' n'um sotão em fórma de corredor, tendo em cada extremidade uma janella e ao longo da parede tres mesas carunchosas, gordurentas, flanqueadas de bancos, por egual gordurentos e carunchosos.

A noite está fria e humida.

E' tarde já. Duas horas, talvez.

Na casa de baixo conversam o cozinheiro e dous criados da taberna.

Em cima, no sotão, estão *elles*.

Occupam a mesa central.

As janellas estão fechadas.

A luz do gaz alumia frouxamente o recinto.

Estão alli sete. Reina desde alguns momentos um silencio profundo . . .

. . . .

Subito uma voz grave e solemne fez ouvir as seguintes palavras:

— Não vejo senão uma solução.

Attenção geral. A voz proseguiu:

— Recapitulemos: Trata-se da eleição de presidente. No meio da reacção que se opera lenta e inconscientemente contra a *exploração auctorisada* (do Capital), contra o *roubo official* (do Estado); — permittam os collegas que use das palavras de que se servem os rebeldes, — no meio d'esta reacção ameaçadora é forçoso entrever proximos e graves attentados contra o nosso bem estar, contra instituições e contra a Ordem, base e garantia da prosperidade publica e do bem-estar do paiz que nos deu o ser.

(Pausa).

— Arranquemos a mascara — continuou o orador, — mas, entre nós apenas. Conhecemo-n'os, é certo, mas superficialmente. E' mister muita franqueza. Tenhamos o que os nossos inimigos chamam — o cynismo no crime: apresente cada um de nós os seus titulos á consideração dos seus collegas.

. . . .

Interrompeu-se por momentos. Os commensaes encararam se a furto. Elle proseguiu:

— A sociedade em que vivemos, isto é — a maioria — consubstancia-se em nós: somos uma synthese gigantea. Respeitamo-nos e mutuamente nos temos procurado, mourejando no commum empenho de firmar o Estabelecido em bases solidas, collocando-nos e aos nossos filhos ao abrigo das tentativas d'uns miseraveis que pensam em salvar o mundo sem terem o necessario para viverem...

(Apoiados).

— E' preciso, senhores, que pensemos no futuro de nossos filhos...

(Alguns dos membros do auditorio levam o lenço aos olhos).

— A' associação opponhamos a associação, continuou. *Elles* teem por si a intelligencia, o estudo, a probidade e o fervor da crença, — estamos sós, sejamos francos: — *elles* vencerão! Demorar essa hora funesta; alongar o periodo de transição é o mais a

que podemos aspirar: seja esse o nosso empenho!

(Nova pausa).

— Somos analphabetos, proseguiu, somos apontados a dedo como devassos, como sanguesugas do povo; — sejamos ainda mais francos, senhores: — reina a cobardia nas nossas fileiras... não importa! — Unamon'os em cruzada *santa*. Somos o Capital e o Estado: termos que mutuamente se explicam, idéas que mutuamente se completam, entidades que mutuamente se auxiliam. Somos ainda o poder; é a nossa cobardia que nos prepara a queda, notai bem! —Tenhamos a coragem dos nossos actos: Solidariedade absoluta! — Eis a salvação!

(Muitos apoiados).

— Trata-se de escolher um presidente. Temos discutido largamente o assumpto. Ha pouco fallei-vos d'uma solução por mim encontrada. E' simples: recorramos á *biographia*. Seja o presidente o mais criminoso de todos nós, o mais independente, aquelle que arremessou valentemente para

longe de si o fardo d'uma consciencia importuna.

(Novos applausos).

— Por mim, arranco d'uma vez a mascara e peço-vos que imiteis o meu exemplo: Cumpre não empallidecer, durante a narração dos proprios actos. Somos criminosos, sabemol-o. Para mim, o grande criminoso é aquelle que não procede systematicamente: matai muito embora alguem; roubai esse alguem; explorai a viuva e os orphãos, em seguida, e estareis justificados: ha um plano preestabelecido. Triste criminoso aquelle que obedece apenas á sua organisação ou ao impulso de uma paixão violenta! Esse, seria, no dia immediato ao do seu crime, um homem de bem, se a sociedade previdente não tomasse sobre si o encargo de o arrojar ao abysmo da ignominia, desprezando a idéa de regeneração!... São simples os meus principios na sua ex posição, — proseguiu, — formulei uma variante á opinião de Montesquieu sobre os povos da peninsula hispanica e applico-a

. . . .

aos nossos contemporaneos: — A sociedade condemna ao degredo, annualmente, um determinado numero dos seus membros, afim de fazer acreditar nas virtudes da immensa maioria.

(Prolongados applausos).

— Em quanto a mim, — proseguiu, depois de terceira pausa, — não me alongarei em absurdos pormenores e peço-vos que observeis se existe no meu rosto uma contracção que exprima um sentimento de magoa ou de arrependimento deshonroso. Apunhalei meu avô, homem de 80 annos, que teimava em viver, possuindo uma fortuna regular, de que eu era unico herdeiro. Era, como disse, regular a fortuna por mim adquirida: nunca se descobriu o assassino. Vivo feliz; mereço hoje a vossa estima e tenho influencia illimitada no circulo a que pertenço.

Sentou-se. O auditorio nem pestanejou.

— Eu, — disse, erguendo-se, o segundo commensal, — pedirei que me dispensem do exordio. Perfilho as theorias do nosso

. . . .

illustre collega e só teria de repetir na minha palavra rude o que tão eloquentemente foi por elle exposto : — Sou monarchico, como sabeis e conservador como o mais conservador de todos nós. Achava-me em Paris durante a insurreição da Communa. Aproveitei a confusão dos ultimos dias, para *arranjar-me:* prestava dous serviços: o primeiro — todo pessoal; o segundo era prestado á nossa causa: desacreditava aquelles homens. Sobre elles cahiu a responsabilidade de quantos roubos foram praticados por alguns amigos nossos... Mais tarde, quando o partido da Ordem assumiu de novo o poder, completei a obra, que encetára : nos meus dias de *representação* fui recolhido por uma familia de exaltados, os quaes, — diga-se a verdade. — me trataram como seu filho. D'essa familia, composta de marido, mulher e dous filhos, morreram nas barricadas os dous ultimos, gritando, como aquelle pobre Duval : *Viva a Humanidade!* Em testemunho de reconhecimento pela parte que me cabia n'esta saudação,

....

denunciei ao governo de Thiers o pai e a mãi d'aquelles heroes. Foram fuzilados, já se vê... A terra lhes seja leve!

Ouviu-se um murmuriu de approvação. *Elle* sentou-se. Levantou-se um terceiro.

— Sou padre, — disse com ar grave e solemne; — roubei os vasos sagrados da minha egreja e apunhalei o sacristão meu cumplice. Chegou a Roma, á hora em que vos fallo, a reputação da minha piedade. Espero com tranquillidade a minha hora extrema. Serei canonisado depois da minha morte. Entretanto, vivo sem remorsos e fulmino a impiedade do meu seculo...

(Silencio profundo).

— Sou natural da Alsacia, — disse, erguendo se, o quarto socio; — durante a guerra franco-allemã, minha familia, composta de *patriotas*, distinguiu-se na resistencia; mais tarde distinguiu-se nos protestos. Estas glorias enchiam-me d'inveja; resolvi distinguir-me por meu lado: durante a guerra servi de espião ao exercito prussiano; mais tarde denunciei os meus como

tendo assassinado alguns soldados do exercito invasor. D'esta minha regra de proceder auferi bons proventos. Não me resta a sombra d'uma duvida sobre o direito que me assiste gozando serenamente a minha fortuna.

(Murmurio approvador).

— Sou espião do governo do meu paiz, murmurou, com ar sombrio, o quinto socio — gózo da confiança dos governantes. Apedrejam-me alguns: — invejosos! — no fim de tudo ha sempre quem me estenda a mão, e, como os preconisados homens de vida limpa, tenho tambem uma consciencia que me applaude... Tenho, mais do que elles, seguro o pão da minha velhice...

— Esse homem tem o remorso no rosto, — bradou o padre com indignação — oh meu filho, ha sempre na vida uma hora para o arrependimento; a sabedoria humana consiste em fazer que seja essa hora *a ultima*. Conta com as alegrias do céo; afugenta essa dôr; esse remorso!

— Não é remorso, meu padre, interrom-

peu vivamente e em voz baixa o interpellado: é apenas a inquietação em que vivo. Oh! enganaes-vos, — bradou, a um movimento do padre — enganaes-vos, se julgaes que me amedrontam os assomos de indignação publica: o que me afugenta o somno e em sonhos me persegue é *a turba de concorrentes ao meu emprego*...

O padre apertou-lhe a mão. Elle sentou-se de novo. Ergueu-se outro socio.

— Sou industrial — disse. — Emprégo quinhentos homens no meu estabelecimento de lanificios. Exploro-os, a ponto de os obrigar ao recurso do roubo. Muitas das mulheres, filhas e irmãs d'estes homens vendem-se, a fim d'acudir ás exigencias do viver domestico. Pago a alguns jornalistas razoaveis — artigos substanciosos contra as pretensões da classe operaria. Inspiro a alguns noticiaristas varias admoestações sisudas contra as demasias da mesma classe. Para isto escolho os jornalistas gordos e bons catholicos. A's vezes suicida-se um dos meus rebeldes. O meu jornalista ful-

. . . .

mina-o em nome da religião e da moral e eu vingo a um tempo, n'aquelles miseraveis, o Capital que os explora e o Estado que nos protege.

Calou-se. A assembléa deixou ouvir um murmurio de respeitosa approvação e parecia esquecer o ultimo socio, quando este se levantou.

— Serei breve, meus senhores — disse com voz grave e severa — *penso em ser ministro e trabalho por isso...*

Então... então... aquelle grupo sinistro, diabolico, espantoso, ergueu-se violenta e convulsivamente e, estendendo as mãos para aquelle homem sereno e grave, bradou em côro formidavel e levado por impulso irresistivel:

— *É elle... é elle o Presidente!...*

Ainda a Historia d'um Systema

Encontrei R * * * ha poucos dias em Lisboa.

— E Rodrigo Falcão? — perguntei-lhe.

Tirou da algibeira uma carta já aberta e entregou-m'a sem proferir uma palavra.

Eis o que eu li:

«Meu amigo. — Existem na vida do homem, ainda a mais avergada de todas as vidas, certas horas de consolo que nos reconciliam com tudo e todos. E' como uma perpetua expansão. N'uma d'essas horas o adversario mais implacavel da realeza cortejará o rei, com um sorriso affectuoso, n'um d'esses momentos eu beijaria a mão do meu proximo e seria capaz de conceber

o mais nefando pensamento: crêr na *Virtude pela Virtude.*

«Eis o abysmo! Andava satisfeito commigo mesmo, desde algum tempo: descobrira uma d'estas cousas vulgares para quem as estuda com afinco, medonhas para quem vai maré abaixo dos *affectos puros*: descobrira que Jorge S***, aquelle homem que, *aos quarenta annos, tem ainda uma vida immaculada*,— É IMBECIL, com a circumstancia attenuante de conhecer o proprio merito.

«D'aqui — ondas de luz sobre aquella honestidade, collocada, ora de frente, ora a tres quartos, diante do publico, esta collectividade immunda, respeitavel para os dentistas, saltimbancos e noticiaristas... o nosso homem achára-se estupido, mais do que é permittido sêl-o a um doutor em philosodhia. Ao contrario dos philosophos portuguezes, o nosso homem *pensou.*

«Pensando, resolveu *distinguir-se.* Estou ouvindo aquelle miseravel: «Não vejo senão um modo de tornar-me distincto nos

tempos que vão correndo e n'esta Sociedade devassa: é ser *honesto*. Sejamos honestos!» — E envergou a toga da honestidade, como enverga de manhã a sobrepelliz aquelle homem da egreja que foi nosso *amigo* e companheiro...

«Descoberto isto, julguei-me feliz e era-o por julgal-o. E' transitoria e bem rapida a felicidade n'este velho mundo empoeirado e pegajoso. Foi bem curta a minha felicidade.

«Ha dous dias estava eu no meu quarto occupado em... podia dizer-te que *em lêr Kant*, mas, mentiria... eu occupava-me em enlamear, com terra dos meus vasos, diluida em agua, a parte dianteira das minhas botas, occultando-lhe d'este modos as fendas.

«Occupava-me n'este mister, pensando em... ou antes não pensando em cousa alguma, quando fui interrompido por duas pancadas na minha porta.

«Abri-a...

«Lembras-te de Julieta, aquella Julieta

. . . .

nossa visinha, visinha do lado, com quem durante horas inteiras me aborreci e elucidei, em colloquio cheio de phrases biblicas e a quem abandonei ao cabo de seis mezes, por lhe descobrir á luz do gaz, dous cabellos brancos? Era ella. Larguei no chão as botas e recuei...

«Ella entrou hirta e magestosa, sentouse, ergueu o véo, como nas scenas de reconhecimentos inesperados, e mostrou-me uns olhos inchados e vermelhos, reveladores, apparentemente de muitas lagrimas...

«Lembrei-me, casualmente, de que aquella mulher podia ter bebido. E' *florianica* e eu creio que ao idyllio succedeu a reacção alcoolica. Em fim, esperei, encarando-a.

«De repente atirou-se-me aos pés...

«— Rodrigo, meu amigo — bradou ella, abraçando-me os joelhos, que eu forcejava por livrar do amplexo — soffro muito, muito... Sabes que durante o dia trabalho com minha mãi, trabalhamos juntas em frente uma da outra á janella. Ninguem vae vèr-nos. Juro-te. A's tres horas interrompo o

. . . .

trabalho, para vêr-te passar pela travessa. Nos primeiros dias fiz isto, sem que minha mãi o soubesse. Depois... coitada! descobriu *tudo* e perdoou-me. Falla-me de ti, porque me vê alegre e risonha então. Tu nunca saberias, nunca, meu bom amigo, que eu vivia desses momentos em que te vejo se não deixasses ha dias de passar por alli... Assustei-me, foi sem motivo de certo, porque tu és bom e incapaz de privar-me da minha consolação, da minha hora unica de ventura. Pareceu-me que terias descoberto a minha importunação e fugido de mim. Mas, não é verdade, não, meu querido amigo?

«Levantei-a, obriguei-a a sentar-se e reflecti, em quanto ella, occultando parte do rosto, com o lenço, soluçava.

«— Qual será o movel d'esta resolução? interroguei-me. Julieta — de ordinario timida e incapaz de sahir á rua, sósinha, atreve-se a penetrar no antro d'um rapaz solteiro! E chora deveras, a pobre mulher! Tudo por vèr-me passar á esquina d'uma

rua! Que diria R***, que diriam esses que me alcunham de *cynico,* se me vissem aqui, n'este momento, prompto a chorar com esta mulher?! Que miseria!... eis uma situação aproveitavel para um dramaturgo sem idéas, como os nossos.

«Olhei-a de novo. A pobre rapariga continuava a soluçar. Pedi-lhe que esperasse um momento e fui a um quarto interior, em busca d'um retrato meu, para offerecer-lhe, como lembrança do *ente amado*. Como vês, precipitavam-se os acontecimentos.

«Demorei-me uns dez minutos. Ao voltar, trazendo a ventura á pobre mulher, busquei-a inutilmente com a vista. Tinha desapparecido.

«— Cançou se de esperar; julgou que a desfrutava talvez... Pobre creatura! Mandar-lhe-hei o retrato hoje mesmo...

«Subito, olhei para as botas; tinham sido removidas do lugar em que as deixára; a ligeira *codea* de lama que occultava os buracos tinha cahido.

. . . .

«Comprehendi tudo. A pobre mulher descobrira os artificios do *objecto da sua paixão*—e sacrificára-se, abandonando me...

«Olhei para cima da mesa, em busca do meu relogio e de alguns cobres que alli deixára. Ainda lá estavam. Lá vaes fallarme da *Probidade* de Julieta... Coitada!... foi apenas um esquecimento!

«Achava-me alliviado de enorme peso, com a partida de Julieta; quando tu me dás, inesperadamente, uma prova de dedicação tal que não sei de Balzac capaz de descobrir nas suas excavações do sentimento uma aberração de tal natureza...

«Estou desassocegado, triste, doente. Vou passar alguns dias no campo, mas bem no campo, longe de todos, longe de tudo! Busquei com ardor o motivo *secreto* do teu procedimento. Vejo com desespero que não existe. Beijo-te as mãos.»

—É sempre o mesmo homem: reproducção do Javert dos *Miseraveis,* disse eu, terminando a carta.

—Sim — acrescentou R*** — ha ape-

. . . .

nas uma ligeira variante: em Javert desapparece o Homem, por detraz da Lei; substitue a Lei pela Justiça: — ahi tens o Javert que estimamos — é o puritano dos nossos dias: a nova Crença, firmada na eterna Duvida.

Aquella bebida!

Foi aos doze annos que, pela primeira vez, tomei uma porção, pequena, d'aquella bebida, que mais tarde fez de mim um assassino perfeito, completo, irreprehensivel. Tomei-a ás escondidas dos meus, e de então em diante foi augmentando sempre, sempre, a dóse da agua divina. É apparentemente igual á agua commum. Aos neophytos causa enjôo; mais tarde é preferivel ao olhar da mulher que escolhemos. Bebe-se... bebe-se... e o peito a arfar, e o olhar a reflectir nuvens purpureadas, e a garganta esbrazeada, e as fontes batendo... batendo... batendo... Oh! como é bom beber!

. . . .

Iamos sós, eu e Theodoro, pela estrada de B..., aquella estrada, de dez leguas, orlada de piteiras, de arbustos e de lagôas. Eram onze horas da noite. Tinhamos comido, seis horas antes, em Lisboa e sentiamos fome. Buscamos em principio illudil-a, mas o silencio taciturno do mau estar estabeleceu-se entre nós. Andámos... andámos... ao meio da estrada deparamos uma velha casa isolada e meio occulta por detraz de algumas arvores. Parámos. Por debaixo da porta enxergámos luz.

Olhámos um para o outro e comprehendemo-nos. Fomos direitos á porta.

Batemos, com violencia.

Ouvimos o latir de um cão, o chôro de crianças; uma voz de mulher e o ruido de tamancos.

A porta abriu-se e deixou vêr no limiar um homem alto, em mangas de camisa, segurando n'uma das mãos uma candeia e na outra uma machadinha de cortador. Ao lado d'elle rosnava furiosamente um cão de gado, ordinario.

. . . .

— Boa noite, amigo!

— Santas noites! Que hão-de querer os senhores?

— Alguma cousa de comer, pagando, já se vê...

— Ha pão e queijo: serve? esperem lá... parece-me que ha alli ainda uma botija com *genebra*... O' mulher! não ha ainda genebra?

— Ha, sim! na prateleira de cima.

— Podem entrar, meus senhores... Accommoda-te, *Lazarista!* disse o homem, dirigindo-se ao cão.

Entrámos e sentámo-nos n'um grosseiro banco de madeira, cheio de nódoas de vinho e de gordura. O homem pôz diante de nós o pão e os queijos brancos e começámos a ceia.

— Sente-se aqui ao pé de nós, patrão, disse Theodoro, beba um copo de genebra; nada de ceremonias!

— Sim... Sim... resmunguei; nada de ceremonias...

Tinha já, á minha parte, bebido metade

. . . .

do conteúdo da botija e começava de vêr avermelharem-se os objectos e os rostos presentes.

O homem sentou-se á nossa beira. O cão deitou-se-lhe aos pés. Comemos, todos, durante algum tempo.

De repente ouvi fóra o ruido do vento e da agua, por elle impellida.

—Olá! bradou q nosso hospedeiro, aproximando-se da porta e espreitando pelo postigo... temos agua?! Os senhores para onde vão, se não é segredo?...

Respondeu-lhe o resonar do meu companheiro. Eu ergui-me involuntariamente; sentia um certo tremor nervoso, já meu conhecido; aproximei-me lentamente do homem e vi-o côr de sangue...

—Oh! Oh! bradei, estás aqui, Satanaz! aqui á mão, velho consolador dos afflictos! Que seria do mundo sem ti, velho *debochado*?! Que seria do monotono Paraiso, sem a probabilidade de perdel-o e de trocal-o por ti?... Ah! Ah! caminho para ti, vai em vinte

e tres annos, e só hoje te encontro, meu velho farpeador da Divindade!

Aproximei-me, de braços abertos; *elle* repelliu-me com violencia; cambaleei e ao cahir sobre a mesa, lancei a mão ao cabo da machadinha que o homem puzera de parte. Empunhei-a. O meu companheiro dormia. O cão erguia a cabeça e olhava-me com fixidez. *Elle* sorria, encarando-me, e ao fundo d'aquella medonha garganta, entrevi como que a reproducção do *inferno catholico*...

Tudo vermelho!

Avancei para *elle*. Com um golpe terrivel, despedacei-lhe o craneo; segundo golpe fez saltar a cabeça do cão, deitado junto a mim; agarrei os cabellos de Theodoro, lancei por terra este ultimo e estrangulei-o, em dous segundos. Em redor de mim, tudo vermelho! Abri a porta; entrou uma rajada de vento e lançou por terra alguns objectos collocados sobre a mesa. Ao estrondo acudiu a mulher d'*elle*, com uma criança nos braços e outra pela mão.

. . . .

—Mulher de Satanaz! bradei, enfurecido; acabemos com isto: eu quero que isto termine; mas do teu connubio com o *vigario de Christo* póde sahir uma religião nova! Morre, pois, maldita! Vai ter com teu marido!

D'um pulo, cheguei ao pé d'*ella*. Sentiame na maior agitação. Á roda de mim — tudo côr de fogo. Lá fóra, o céo e os campos tinham a apparencia d'um incendio gigantesco. Com a machada em punho, lancei-me sobre *ella* e as duas crianças e dei tres golpes bem fundos...

Atravessei a casa, que parecia um rio de sangue. Fui á cozinha; sobre a chaminé estava, cheia de café, uma tigella de barro grosseiro. Bebi-o e senti-me alliviado. Fazme bem o café n'aquelles momentos...

A sós

Nos meus passeios de um tempo já bem distante notei um dia aquelle ente singular e estranho, que me parecêra — uma mulher.

Vi, depois, que o era.

Estava alli todas as tardes, sentada á beira do atalho. O sol cahia-lhe a prumo sobre a cabeça curvada.

Tinha junto a si um taboleiro, com tremoços; junto do taboleiro, um lenço vermelho ennodoado de rapé... Sobre o lenço estava, de ordinario, um pedaço de pão.

Por vezes me quedei immovel, de olhos fitos n'aquella cabeça disforme, e formulan-

do, tremulo e vacillante, uma interrogação cheia de assombros.

Mas não ousava dizer-lhe uma palavra...

Presa de um atordoamento indizivel, abeirei-me d'ella, n'um dos ultimos dias d'este inverno, á hora em que o sol ia a esconder-se:

— Boa tarde! — lhe disse.

Ella ergueu para mim o rosto negro, onde pude vêr o sulco enorme das miserias profundas e disse-me, com voz suave e rouca:

— Muito boa tarde!

Baixou de novo os olhos... eu prosegui no meu caminho.

Atravessei as terras incultas, avergado a uma tristeza insondavel. Parei, em fim. Ergui os olhos e interroguei o espaço, as nuvens, o firmamento e o sol, prestes a sumir-se.

— Que faz alli aquella mulher? Que haverá de mysterioso-horrivel n'aquella cabeça feroz e taciturna, n'aquelle velho e carunchoso taboleiro, n'aquelle lenço de ver-

. . . .

melhidão sinistra? — *Que buscará no mundo aquelle vivente?*

Machinalmente, interpellei-me, cheio de cólera:

— E tu? e *os de cima?* Balzac? Proudhon? Hugo? — *que buscavam elles aqui?*

N'este momento, pareceu-me vêr desenhar-se na minha frente uma figura enorme, impalpavel, incommensuravel; senti-me estremecer violentamente; pareceu-me que a terra estremecia em redor de mim, e ouvi uma voz, que dizia: — Um pretexto para viver!

Em 1896

Decorreram vinte e tres annos. Em 1896, no pendôr á velhice — aos 48 annos de minha idade, escrevi as paginas seguintes:

EU

I

O rapaz

Conjecturo que as paginas seguintes vingarão satisfazer um sincero desejo de um meu companheiro de trabalho — quando me exhorta a publicar uma auto-biographia. Poderá protestar contra o meu feito a modestia de que sou dotado — como os meus collegas em geral e o meu leitor particularmente; mas não lhe dou ouvidos — á modestia. É que acima da satisfação de um naufrago que em mil temporaes tudo perdeu, *fors l'honneur,* e que descreve os

pormenores dos naufragios, vejo a necessidade implacavel de *uma justificação.* Careço de justificar azedumes, tão velhos como eu proprio — salvo os breves dias da infancia inconsciente — e de demonstrar que a *Philosophia de João Braz* não é simples conjugação de scepticismo romantico e de troça jornalistica. Dados os incidentes que eu já lhes conto, a minha philosophia não poderia ser melhor; e, se peior a não deploram os meus amigos, deve-se o arranjo benefico á intervenção Providencial na aurora e no poente da minha vida.

*
* *

Rapidamente, e porque é indispensavel, me refiro aos primeiros tempos da travessia. Até onde alcançam as minhas recordações é alli n'um collegio da rua de S. João dos Bem-Casados — tinha eu 7 annos. O mestre primario, o Magalhães, que fôra official de D. Miguel e que rangia os

dentes, de pura raiva, quando lhe diziamos, pelo compendio, *as espantosas victorias dos bravos do Mindello,* foi o primeiro homem que encontrei «na minha carreira». Não falo d'outro, meu pae, porque talvez um presentimento do que eu viria a ser o levava a desencontrar-se comigo. Eu, naturalmente reflexivo, preoccupava-me em tal afastamento, e considerava-o uma injustiça. Que mal tinha eu feito, para assim me ver no lar domestico uma especie de tolerado? Falei-lhes ha pouco de duas intervenções da Providencia, e a primeira foi n'esse inicio da amargura.

Chamava-se *Ludgera* a Providencia. Era uma santinha de cabellos brancos, e parecia viver para me consolar. Se eu não houvesse resolvido contar-lhes agora estas intimidades, não teria ensejo de citar em uma das minhas paginas, o nome da mãe do meu coração. Dorme hoje a santinha no meu jazigo de familia, nos Prazeres, e uma das razões por que eu não me quedei em paiz extranho, foi porque receei que me se-

pultassem longe d'ella. Fomos bem amigos. Beijava-me, quando eu chorava *sem motivo*, e eu comprehendera que ella conhecia *os motivos*.

Morreu o mestre Magalhães, e, da escola do velho miguelista, fui parar aos Lazaristas, alli em S. Luiz, rei de França. Eu era interno, e no tempo das férias, quando os meus condiscipulos eram chamados pelas familias, eu ficava só — com os padres. Observava a extranheza d'esses homens, ao verem-me n'uma especie de abandono, e lembra-me que uma velha creada, engommadeira do collegio, me disse um dia, entre sentenciosa e compadecida: — «Cedo começam os teus desgostos, coitadinho!»

Não me esquece que eu era turbulento, uma vez por outra, mas era-o, sem jovialidade. Berrava nas horas do recreio, mas já então me ria por condescendencia. Foi, ainda assim, o melhor periodo d'aquelles tempos, e recordo-me, com a possivel saudade, dos meus companheiros de então. É no meu livro *N'este valle de lagrimas* que

eu me refiro a alguns d'elles e a alguns episodios da nossa camaradagem.

Foi por occasião de umas questões politicas — irmans da caridade, etc., — que os Lazaristas abandonaram Portugal. Fechou-se o collegio, ao tempo no Poço do Bispo, e eu fui transferido aos Jesuitas, em Campolide. Como se vê, tratava-se de orientar-me no caminho mais favoravel á minha quietação na Terra e á minha felicidade n'outro mundo. Era preciso que um condão funesto á minha tranquillidade reagisse poderosamente contra taes processos, para que eu assim me transviasse — como é publico.

Não conservo do collegio dos Jesuitas recordações suaves. Lembra-me que nada aprendi n'aquella casa e que passei o tempo a pensar n'outra coisa. Por igual me aconteceu ainda n'outro collegio, o do doutor Camara, á rua de Santo Ambrozio. N'esse, como no outro, vivi em desharmonia com os condiscipulos, brutos ou egoistas. Dos professores recordo-me que tambem pare-

ciam pensar em assumptos extranhos á educação dos rapazes. Um bello dia, interrogado sobre as minhas sympathias pela vida ecclesiastica, declarei que as não tinha, e fui recolhido a um estabelecimento industrial pertencente a meu pae.

*

* *

Achei-me alli melhor, e descobri que tinha assumpto para estudo. Creio que do espectaculo da miseria dos trabalhadores, especialmente dos pequenitos, me resultou uma desorientação funesta ao meu adiantamento na vida. Tomei a sério os soffrimentos e a dignidade d'aquella gente, e notei que os pobresitos, não percebendo nada — foi ha trinta annos e tanto, — me consideravam doido. Fui superiormente reprehendido e avisado de que eu ia por mau caminho. E era ainda a minha santa vélhinha quem me consolava, no atordoamento cruel que eu sentia. Comprehendeu-se, emfim,

. . . .

que era urgente fazer-me saír d'alli, e tratou-se de me enfronhar no Commercio. Foi na casa commercial de velhos amigos de meu pae que eu fiz o meu tirocinio, e n'um bello dia, como quer que no lar domestico assanhassem contra os *meus principios* o auctor dos meus dias, lisonjeando-lhe os seus maus presentimentos a meu respeito, fui expulso de casa, sem o incommodo de um pretexto decoroso, — tendo alli havido sempre essa consideração pelos creados despedidos. Nunca perdoei as lagrimas que a minha santa vélhinha chorou n'esse dia maldito.

Continuei no meu trabalho no Commercio, e dei-me a ler constantemente, nas horas disponiveis. Li, a torto e a direito, milhares de volumes de toda a casta de Lettras. Publiquei, então a minha estreia — um folheto a que chamei *Questões do dia*, no qual falava de tudo e aggredia o afamado jornalista triumphal Teixeira de Vasconcellos. Veio á carga esse illustre, no seu *Jornal da Noite*, e levou réplica escanda-

losa, n'outro folheto — *Sciencia e Consciencia*. Ao tempo, João Bonança fundava em Alcantara o jornal *O Trabalho*, republicano exaltado, no qual eu collaborava assiduamente, com uma revista de Litteratura. Um dia, excitado pelos acontecimentos da Communa de Paris, manifestei n'uma carta a um meu companheiro do escriptorio o meu *odio aos burguezes*. A carta foi divulgada, e eu dispensado do serviço. Um mestre da fabrica de meu pae procurou-me, a offerecer-me o regresso á casa paterna, sob a condição de eu confessar *as minhas faltas*. Recusei, furioso, e arrastei alguns mezes na indigencia occulta. Valeu-me por breve tempo, com uma traducção—a da *Eugènie Grandet,* de Balzac—o editor Vieira Paré.

Estava eu, de novo, na miseria, n'uma agua-furtada da rua dos Douradores, quando recebi do agitador hespanhol Roque Barcia a noticia d'uma revolução federal em Madrid, a breves dias de data. Pedi a um amigo os recursos para a viagem e parti para a capital da Hespanha.

II

O homem

É tambem no livro *N'este valle de lagrimas*, que eu descrevo o episodio da minha adhesão malograda aos Federaes e do meu malogrado alistamento contra os Carlistas. N'esse livro, o mais intimo e pessoal da minha Obra, abundam incidentes reveladores, para a formação do meu *cadastro*, e as paginas que hoje escrevo limitam-se a frisar os pontos essenciaes dos meus naufragios, fóra dos dominios da anecdota e pouco a dentro, como veem, da Litteratura.

Regressei á minha agua-furtada da rua

dos Douradores, onde encontrei de novo a Miseria absoluta. Pensei em acabar, pela segunda vez; — a primeira fôra em Madrid. Salvou-me, pela segunda vez, a visita do editor Paré, afim de me propôr a formação de um livro. Tal livro seria resultante da minha estada em Hespanha, em dias de revolução. Puz mãos á obra, e, de 12 a 24 de outubro de 1873, escrevi *O Padre Maldito*, cerca de trezentas paginas em typo meúdo. Não me esqueceu a circumstancia, deveras inolvidavel, de eu só me haver alimentado a pão e agua, durante os doze dias do meu trabalho. Doze pães de pataco — um pão por dia — foi o meu crédito no padeiro.

No dia 24, á noite, subi á rua da Atalaya, onde morava o editor. Eu levava-lhe o original. Ia tremulo de fraqueza e escorrendo em suor. Recebi 40$500 réis — nove libras — e fui-me á *Estrella de Ouro*, casa de pasto na rua da Prata, onde pedi uma sopa. Foi só quando levei á bocca a primeira colhér que eu consegui chorar.

. . . .

Matriculei-me no Curso Superior de Lettras, e ouvi as lições de Antonio José Viale e as de Augusto Soromenho, emquanto não resolvia o problema de ganhar a vida. Por essa occasião, voltou a convidar-me o mestre da fabrica — a que eu representasse de *Filho Prodigo*. Despedi-o, sem explicações da minha recusa em ouvil-o. Foi n'essa época e nas lições do Curso que eu conheci Cesario Verde.

Em janeiro de 74, Theophilo Braga convidou-me a ir trabalhar no Porto, na redacção da *Actualidade*, jornal democratico em via de fundação. N'uma manhã chuvosa de janeiro, fui, a pé, para a estação de Santa Apolonia; um gallego levava os meus bens n'um pequeno bahu; os meus fundos chegavam á risca para o frete do gallego, para a minha passagem em 3.ª classe e para um caldo no Entroncamento. Na vespera, mandara o meu adeus á santinha — á casa de meu pae — e despedira-me de João de Deus, de Cesario Verde, de Barros de Seixas, do advogado Sebas-

tião de Seixas e do medico Leão d'Oliveira, meus ultimos amigos em Lisboa. Os tres poetas estão mortos; do advogado ignoro o paradeiro; com o Leão cortei as relações.

Fui-me embora. O que me esperava no Porto!

*

* *

Como dois velhos criminosos — dois velhos cumplices — que fizeram de alma serena, a medonha travessia da Expiação, assim nos vemos hoje e nos contemplamos, — Mulher, — e vinte annos de soffrimento seriam generosidade extrema do Destino, se com elles cerrasse emfim esse Destino implacavel o periodo justiceiro da Expiação. Creio que soffreremos sempre, ainda além da Morte, pois que usurpámos, fartas horas, o segredo dos divinos contentamentos. É isso o que nós expiamos: são aquellas noites de invernia na alameda

sobre o rio Douro, sentados juntos n'um banco de pedra, silenciosos, o teu rosto pallido, os teus olhos sem côr e sem expressão designaveis — dois abysmos! — e o meu presentimento: — «Olha que serei muito desgraçado, porque Deus não deixará de ter ciumes!» — E tu: — «Já falei com Deus. Está d'accordo com o nosso amor!» Mentias, ou Elle te enganara. Foi no dia da tua perda que eu entrei n'esta escuridão desolada, lamentosa, onde vivem as Almas da Noite... as Aves da Noite! E é nas Trevas que eu vejo os teus olhos — os dois abysmos — sem côr e sem expressão designaveis!

*

*   *

Sossobraram a essa paixão inolvidavel — primeira e eterna e agora extra-humana — todos os meus projectos de vida. E passei, não altivamente, mas indifferente, por cima das deslealdades e das persegui-

ções todas. Trabalhei simultaneamente em livros novos, no theatro e no jornalismo. Fiz as campanhas do *Diario da Tarde* contra a Reacção Ultramontana, e a do *Diario Portuguez* contra a Alfandega do Porto. Valeu-me a ultima uma alluvião de processos correccionaes, e uma subscripção entre os amigos dos atacados — para o fim de me reduzirem ao silencio. Foi longe a subscripção, mas um instincto de prudencia dos cavalheiros embargou o inicio das suas combinações. No entanto, a Indigencia acompanhou-me, inexoravel. Remunerações miseraveis do meu trabalho, os jornaes ricos ameaçados da perda de assignantes, dado que me admitissem á sua redacção; outros jornaes, moribundos, pedindo á minha energia a prolongação da existencia — e pagos para morrer e inutilisarem-me. No Bomjardim, em frente do theatro da Trindade, n'uma trapeira, soffri doente a fome, ao tempo em que me accusavam de haver alugado a penna a não sei que potentados, em aggressão a bandidos aduaneiros. So-

brevieram dois *factos* que me teriam lançado na loucura, se eu não tivesse, por bravata, desafiado para novos lances o Infortunio. A mulher do meu amor pôz termo ao nosso idylio, e a mãe do meu coração saíu da Vida, por se julgar mais util ao seu protegido — indo algures pedir por elle.

Eu, mal convalescente, arrastava me furtivamente, de noite, — porque o meu fato quasi andrajoso não fizesse rebentar de jubilo os meus inimigos, — até casa de um amigo que me fornecia tabaco, uma chavena de chá e um pouco de pão. Foi n'essas noites, ao regressar a casa,—assobiando o vento pelas frestas do meu quarto arruinado, e caíndo a chuva sobre a minha cama, — que eu me preoccupei no *Realismo na Arte* e nas peças theatraes de Antonio Ennes. Essas paginas de critica foram, mais tarde, especialmente estimadas pelo meu grande e adorado Camillo. Como não morri eu então, maldito em toda a linha, salvo a sympathia de raros amigos quasi tão des-

graçados como eu proprio? Quiz viver,—por curiosidade.

Um dia, os Progressistas do Porto resolveram fundar um jornal, com uma feição abertamente hostil ao rei D. Luiz. Fui convidado a redigil-o, dizendo me os doutores do Centro — que elles eram republicanos puros. Foi no tempo da *Albarda, real senhor!* Abri o fogo; fui injuriado; fui alvo de esperas aggressivas, com intuitos de exterminio. Eu já em 74, n'um theatro, repellira a tiro uma aggressão d'essas, e por tal motivo dera entrada na cadeia da Relação; estes precedentes entibiaram os aggressores. Venceram os Progressistas as eleições, e, no dia immediato, fui chamado pelos doutores e d'elles ouvi o seguinte:

— «Como sabe, vencemos, e v. bastante nos ajudou. Agora vamos ser chamados ao Poder, e é, portanto, indispensavel mudar de tom. Nada de aggressões ao rei! Serenamente, hein? e conte comnosco!»

Fui d'alli ao jornal, inserir a minha despedida, e fiquei sem pão outra vez.

. . . .

*

*   *

Resolvi emfim expatriar-me. Empenhou-se um amigo meu, Ernesto Pires — já fallecido — por me obter passagem. Acompanharam-me, succumbidos, á partida, Narciso de Lacerda, Ernesto Pires e Fernando Leal. Fui. Cheguei ao Rio, sem recommendações. Estava ausente um amigo com quem eu contara: Pessanha Povoa; mas o publicista Augusto de Carvalho recommendou-me ao *Jornal do Commercio*, onde me apresentei e fui admittido.

Não cheguei a trabalhar n'aquelle jornal, pois que no dia da minha admissão definitiva vi entrar o gerente Picot na sala da redacção, seguido de uma matilha de cães e assobiando-lhes, e inutilisar os *originaes* dos redactores, á medida que os ia lendo. Pasmei da insolencia do villão-ruim e da *paciencia* dos meus futuros collegas, e saí, sem explicações.

Outra vez sem recursos, pois que Au-

gusto de Carvalho, que me albergara nos primeiros dias, teve de saír do Rio, em busca de fortuna. Vem a proposito um episodio interessante, que implica a minha confissão d'um furto. Convidara-me o actor Phebo a almoçar com elle; cheguei á hora indicada; a meza estava posta e ia servir-se o almoço, quando a dona da casa foi accommettida de uma colica. Grande azafama e almoço addiado. Eu, esfaimado, perdido, apoderei-me d'um bocado de pão e fui comel-o para uma escada. Saboreava-o sem remorsos, quando, olhando para a humbreira da porta, vi os seguintes dizeres: — «Retiro Litterario Portuguez».

Na escada do retiro um litterato portuguez devorava a côdea do outro!

Regressei a Portugal, em 3.ª classe, entre os infimos desgraçados e com a passagem paga pela Caixa de Beneficencia Portugueza, — ignorado lance até hoje! Não me dei mal com os companheiros de piolheira, nem elles suspeitaram que o seu amigo de occasião era uma *pessoa notavel.*

. . . .

Não se riam, que eu já explico. Foi ao chegarmos ao Lazareto que um *reporter* do *Diario de Noticias*, o sr. Eduardo Martins, me perguntou — se, afóra eu, vinha mais alguma pessoa notavel. Perguntou-m'o nas barbas dos passageiros de 1.ª classe, que ficaram estarrecidos, lembrando-se do *Rodolpho de Gerolstein* dos «Mysterios de Paris», em scena com o *Rolante* e o *Mestre-Escola*. Fui, por uma commissão, convidado para um baile no Lazareto. Recusei. Farto estava eu d'outras danças. Consideraram-me um notabilissimo urso, bem entendido.

*

* *

Qual era a minha idéa, regressando a Portugal? Escrever um livro, sobre o Brazil e ir vivendo d'elle. Escrevi-o a vapor, e fui-o vendendo. Mas a receita acabara-se e a minha velha amiga Miseria espreitava-me de perto. Trabalhei com furia, e

data d'essa epoca a minha reconciliação com Camillo. Um dia recebi noticia do fallecimento de meu pae e a offerta por parte de amigos seus, os meus antigos patrões, de me ajudarem a tratar da herança. Vim para Lisboa, e, graças aos cuidados d'aquelles bons amigos, entrei de posse da minha fortuna.

Formara-se uma sociedade de *Olho vivo* para disputar-m'a, ou obter de mim premio da sua renuncia. Não premeei e combati. Foi o meu mal. Emquanto volviam quatro annos de chicana, organisou-se no Porto outra sociedade — de superiores vistas e habilidades. Quatro cavalheiros, sendo tres directores de um Banco e um gerente de uma fabrica de Portalegre, embrulharam-me n'uma sociedade de *exploração* — diziam elles que *da fabrica*, mas era a da minha fortuna. Fizeram-me pagar suppostas drogas, lans e fazendas em fabrico. Nada d'isso existia, pois que o gerente pagou com esse meu dinheiro as suas dividas aos outros. Depois formámos uma so-

ciedade, elle e eu — ignorante e descuidado. Tão bem administrou o homem o meu dinheiro, sustentando rebanhos de odaliscas em Portalegre, que, ao termo de seis annos, veiu a dar me contas da minha ruina!...

Registrarei de passagem que o meu primeiro cuidado, ao achar-me *rico*, fôra o de garantir fim de vida socegado a velhos servos de meu pae, que haviam passado a vida a intrigar-me junto a elle. Este desaforo teve o castigo inevitavel: — nenhum d'esses sujeitos, com a velhice confortada por mim, me dirige a palavra, e cada qual me accusa de má rèz.

*

* *

Estava eu pois roubado, e duramente roubado — por individuos ácerca dos quaes eu recebera as mais horriveis informações. Que fazer? Queimar os miólos de um? E os outros ficavam impunes, a recommen-

dar-me ás justiças da terra. Esperei. D'ahi a pouco, um dos quatro apodrecia no cemiterio, e outro despedaçara o craneo, á beira do rio Douro. Ha dois ainda. Um d'elles é um desgraçado em bolandas, com a nostalgia das pórcas odaliscas e sem dez réis para um cego; apenas rico de *duro* descredito. O outro é titular; está gordo e retirado dos negocios; o seu nome succedeu no Porto ao do *Fajardo*. Dizem os amigos do alentado ladrão que elle não tem vergonha — e que todo o mundo é seu. Esperemos, que eu tenho visto na terra todas as maravilhas do Improvavel!

*

* *

Não chorei o regresso á Pobreza, pois que não exultara com as regalias da Fortuna. O Trabalho encontrava-me mais velho, mas nunca interromperamos relações, e de novo as estreitámos. Desde esse *naufragio,* ha dez annos, os infortunios tèem

. . . .

sido razoaveis, e toda a gente os conhece, pois que a minha vida é livro aberto n'esta aldeia que vae do Algarve ao Minho. Contas novas abriram se, não haja duvida, e hão de saldar-se, com as porvindouras inevitaveis.

Perguntava eu, ha pouco, a um dirigente de povos, em palestra affectuosa, — se não tenho razões para ser *o que eu sou* — sob o ponto de vista da amargura, algo aggressiva. Eu narrara-lhe os episodios que ahi ficam. Respondeu-me elle — que me considerava bem justificado. Foi porque assim o pensassem os meus amigos desconhecidos, que eu escrevi as paginas de agora.

Falei-lhes de duas Intervenções Providenciaes. A primeira foi a da santa mãe do meu coração, ha quarenta annos A outra é dos ultimos tempos: é a do Marius; e assim eu terei tido aquella santa velha a encaminhar-me á Vida e este anjo a amparar-me ao tumulo.

NOTAS

N'estes ultimos tempos, alguns escriptores novos, como que desaggravando-me, por demasias de generosidade, dos safanões do mau destino, deram-se a applaudir o meu trabalho, — o que eu acceito nos dominios da compensação, — e a designar-me para o estado-maior das nossas Lettras, — o que se affirmaria em armadilha perigosa para sujeito menos circumspecto. Volveram semanas apenas sobre a mais solemne intimação que eu recebi: — de occupar o posto de general na campanha litteraria e revolucionaria dos nossos dias, ou, n'outra metaphora, o logar de architecto na coustrucção do edifiio novo. Reagi detidamente e essa resposta será reconstruida, — isto é, desenvolvida,—em um dos meus proximos livros.

. . . .

Não me parece inutil a reproducção, n'estas paginas, do ponto essencial da minha *defeza*, pois que já em mim suspeitou um d'esses camaradas, de breves annos e vasta generosidade, os altos destinos de convulsionar as lettras patrias e de iniciar uma nova critica resolutiva. Não eram assim magnanimos uns Novos de *curtos annos e vasta ignorancia*, ha um quarto de seculo nas garras de Camillo. Vamos, porém, á minha defeza:

«... Ha annos se deu o caso de eu me interrogar, um dia, sobre a utilidade dos meus dotes e dos meus recursos — no vasto e complexo terreno das reivindicações dos Opprimidos e dos Explorados. Pensei *com força* e brevemente, pois que se eu não resolvo em alguns minutos os meus *problemas*, terei de abandonal-os, em demasias de perturbação: é do meu estado morbido. Em tal perturbação e a seu termo, estabeleci, metaphoricamente, o seguinte:

— Trabalha-se nos cavoucos de um edificio novo. Ha falta de trabalhadores, pois que a consciencia dos altos meritos não permitte á maioria dos recem-chegados e á dos que vem chegando rebaixarem-se ás *subalternices* do aterro e dos alicerces. N'estas condições, tu (era commigo que eu falava), no res-

valo de uma vida atormentada a um final libertador, podes consagrar a uma obra util, embora subalternissima, a tua sinceridade e o teu esforço. Vae, pois! Emquanto os Novos, cheios de vigor de enthusiasmo, de talento, e mal nascidos, se preparam para a construcção do edificio, tu, velho tropego, esfalfado, de orientação dos Affonsinhos — cumpre o teu dever! Leva o teu cesto de entulho aos alicerces do edificio, pois que pora mais não serves, e terás direito a um esquecimento honrado, ao resvalares da tua fadiga a um final descanço!...

Tal eu disse a mim proprio e desde logo metti hombros ao trabalho rude. O entulho que eu levei á *obra* compunha-se do registro, da denuncia e da flagellação de tudo qnanto nos dominios ao meu alcance me appareceu como Iniquidade, Embuste, Traição, Improbidade, Tyrannia, Pedantismo, Hypocrisia, ou Descaramento. Não é com materiaes nobres que se formam alicerces revolucionarios: é com os detrictos de uma *civilisação*. Sem empreiteiro, que não fosse a minha consciencia, eu cumpri o meu encargo; dei conta do meu destino: isto é, trabalhei até agora, sem recompensas, sem direito a ellas, sem louvores que não sejam os das almas generosas, com alguns sacrificios que não metterei na conta, e com algumas contusões e esfoladuras, curadas por mim proprio, no meu santo isolamento. Se não almejei recompensas immerecidas, esperei, ao menos, que me deixassem acabar em paz. Vejo que nem isso conquistei!

. . . .

Não é outra coisa, senão perturbar o fim da vida de um pobre trabalhador de cavoucos, intimarem-n'o a assumir, na construcção do edificio, uma superior direcção de trabalhos de architectura e, quiçá, de artes decorativas. Eu, por diversas metaphoras, convertido em guia, em *general,* em orientador, — a imposição dos recem-chegados, que dispõem da terraplenagem feita e dos alicerces construidos! Eu, abatido por soffrimentos intimos, que me deram, ao sair da infancia, a nitida comprehensão de «um inferno»: eu, que na travessia da existencia amaldiçoada — e é assim a explicação da *minha velhice*, regeitada pela certidão baptismal, — que n'essa travessia, digo, me dispensei de auxiliares, e supprimi, como que methodicamente, todas as futuras *étapes* de consolação e descanço: eu, convidado, á ultima hora, aos brilhantismos e ás fascinações de estado maior, em campanha annunciada e inevitavel! Não haverá ahi delicada malicia, em tal cumulo de generosidade?

*

*   *

Tal eu disse e não dei por findas as minhas considerações. Mas ha hoje outro *caso* a impôr-me esclarecimentos e estes não serão levados pelos meus amigos á conta

. . . .

de modestia extrema. Ha antes, pelo contrario, muito orgulho na referencia a este ponto na travessia. Estabeleceram alguns meus camaradas, para meu uso e gloria, a antonomasia *O discipulo amado de Camillo*. Reagiram outros, accusando-a de arbitraria e de immerecida. *Discipulo* de tal mestre já era titulo para envaidecimento, embora eu de todos os discipulos o menos aproveitado. *Amado* pelo mestre não daria accrescimo de consideração litteraria: porventura Camillo amava simplesmente uma qualidade moral do seu discipulo. *O discipulo amado* poderia ser uma iniquidade dos seus amigos. Importa-me esclarecer; o nome de Camillo Castello Branco vale bem as minudencias de hoje.

Não entrou no mercado, mas foi lido, em 1890, um opusculo intitulado *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco,* por Nuno Castello Branco, visconde de S. Miguel de Seide. É um trabalho de 86 paginas escriptas pela sr.ª D. Anna Placido, viuva de Camillo, mãe do visconde

Nuno e senhora de educação litteraria — que seu filho estava longe de possuir. O visconde assignou apenas.

O opusculo fecha a corrente de superiores iniquidades. Resentimentos de orgulho offendido foram aggravar uma senhora distinctissima, a digna filha de Camillo, que o Mestre como tal apresentara aos seus amigos e tratava com disvellos de bom pae. Todos os homens, intimos amigos de Camillo, que manifestaram indignação pela odiosissima campanha, foram no *Protesto* em questão violentamente aggredidos: entre elles, Alberto Pimentel, Antonio d'Azevedo Castello Branco e José d'Azevedo Castello Branco. Tambem eu fui contemplado, com relativa moderação. É a paginas 52 a 55, o seguinte:

«No *Correio da Noite* n.º 3218 escreveu o ex.mo sr. Silva Pinto:

«*Gravou-se-me no espirito a physionomia insinuante da virtuosa senhora que tinha no rosto os traços da physionomia de seu pae, e que veio a ser a*

unica herdeira do seu espirito. E não posso hoje explicar o sentimento de amargura com que os fui olhando na sua passagem — aos dois. D'ahi, talvez possa, ao vér, quinze annos volvidos, escrever-se e publicar-se á beira da sepultura do grande homem, entre-aberta ainda, como ultrage para a filha do seu amor : — Ella não era sua filha !»

«De tudo quanto li respeito a esta questão, nada me causou tanto desprazer E por uma rasão muito simples. E' que o sr. Silva Pinto foi o discipulo amado do Mestre, e se lá d'além do outro mundo se vê o que se passa n'este, o espirito de meu querido Pae sentirá a dôr de me vêr tão mal comprehendido pela alma que elle tão altamente aquilatou.»

. . . .

Ahi está o *Discipulo Amado do Mestre.* Eu sabia que o grande Camillo me *aquilatara altamente* a alma; e porque o não ignorava, nem esquecera, abstive-me de responder — á lettra — ao *Protesto* da sua viuva e do seu filho, produzindo provas — em meu poder ainda hoje — não dos direitos sagrados da sr.ª D. Amelia Castello Branco Carvalho, a filha do seu amor e

unica herdeira do seu espirito, pois que taes provas eram inuteis,—mas do juizo de Camillo ácerca da sinceridade com que viriam um dia, a publico, *defendel-o:* isto é, ultrajar os seus sentimentos. Pedira-me elle silencio sobre o seu desabafo. Guardei-o. Eu era *o seu discipulo amado*, e creio ter cumprido os deveres impostos a uma alma que *tão altamente elle aquilatou.*

Hoje: uns 40 annos depois

7 d'agosto, 1909.

A'lerta está?

Um extracto da camara dos deputados, — 30 de julho:

«O sr. *Anselmo Vieira* — O orador, referindo-se á Reforma da Caixa Geral dos Depositos, ataca com violencia o projecto, que considera um expediente do governo, a fim de conseguir 14.000 contos para inscrever no orçamento e ficticiamente diminuir o «deficit».

«Considera o paiz irremediavelmente perdido, se não mudarmos de systema de administração.

«Desde 92 até hoje a nossa vida tem sido

toda de expedientes: temos vendido 72.000 contos de titulos de divida, empenhado todos os rendimentos e augmentado em 20.000 contos a conta entre o governo e o Banco de Portugal. Estamos perdidos e o projecto nada resolve.»

«Responde-lhe o ministro da fazenda: Acha a nossa situação delicada, mas não perdida, pois o paiz tem ainda grandes recursos.

«As receitas do Estado augmentam, mas não proporcionalmente ás despezas.

«Julga indispensavel o augmento de novos impostos. Procurará não os lançar, mas seguramente, elle ou quem lhe succeder, os lançará.»

Zé Burro ainda tem pelle: cheguem-lhe!

*

Não senhor: o caso do *Murinello* haver *murinellisado* a Santa Casa da Misericordia de Lisboa está abafado no *Ministerio do Reino*.

O outro caso, — a remessa de 120$000 rèis por mez, ao Fajardo *(pardon!)* é com a excelsa, catita e sublimada *Virtude Protectora*, a dos azulejos côr de bispote em servico.

Dois casos — de tapar o nariz!

*

Nunca mais se falou do *João Franco!*

Diz Tiberio: — que o mentecapto veio tomar o pulso á patria amada. Apanhou um gesto significativo, — e, pernas para que vos quero?!

(Eu sempre sou muito ingrato, ó *Bocca de fávas!*)

*

Escreve-me *um fatigado*, a consultar-me ácerca do suicidio.

Eu lhe digo: — Evite *em quanto puder*, tal solução. Primeiro, porque sempre faz falta a alguem; segundo, porque *elles* teriam gosto n'isso! Almas de coisa molle e fétida — e de coisa dura e retorcida!

. . . .

4 de agosto.

Ha tempo, recebi uma carta pretendidamente anonyma, na qual o maior dos parvos, ao serviço do maior dos tachados, me accusava de, como director da Casa de Correcção de Lisboa (Caxias) ser um algoz das creanças e *entender-me* com os fornecedores.

Um composto de malvadez do *João Franco* e de *murinellice* do outro!

Estas coisas incommodam sempre, — como o zumbir do mosquito. Se eu dispuzesse de saude, o descoberto canalha, a esta hora, já não dispunha da tal cara de parvo com que Deus o castigou *a priori*: antes de elle fazer recados ao tal tachado patrão. Mas eu limito-me a denunciar a torpeza aos meus coevos, perguntando-lhes: — «Alguem crê que eu fosse cruel e *murinello*?»

Bem sei que ninguem o acredita. Tomára *aquelle ventrudo* que assim fosse!

O' relissimos patifes! contae commigo até ao Fim; e crêde que só me inspiraes

. . . .

nojo, — como o Fim me inspira... indifferença: sentimento negativo.

Bugiar, *murinellos!*

4 *de setembro.*

A fémea Maria Eduarda da Silva, já entrada nos 47 annos, atraiçoou o marido e emprestou ao amante uma filha menor!

No tribunal da Boa Hora, o juiz (?) condemnou-a em 2 annos de prisão — *sespendendo a pena por dois annos*:

— Em attenção aos antecedentes da infame.

— E para ella crear mais 6 filhos menores!

Em vista dos precedentes, é de crêr que as scenas se reproduzam — abonadas pela clemencia do juiz...

Tudo isto pede terramoto!

A proposito, vem isto na *Voz Publica,* do Porto — em 26 d'agosto:

....

Um monstro

«Pouco depois das nove da noite de terça feira, uma pobre rapariga, tentou suicidar-se.

Alguns populares e um policia evitaram que a tresloucada levasse a cabo a sua extrema resolução, entregando-a á familia, com morada n'uma ilha da rua do Principe.

A moça, segundo declarou, buscava na morte a defeza das sevicias que o proprio pae se apostava em praticar!

Sómente n'essa noite, desesperada, e cheia d'angustia, a rapariga contou a sua mãe a torpeza de que era victima.

O monstro exasperara-se nos ultimos tempos, ao saber que a filha tomára namoro com um rapaz da sua edade. Espancava-a ferozmente, dirigindo-lhe improperios de inaudita baixeza.

O estranho e repugnante episodio provocou, na visinhança, enorme indignação.

O selvagem, que tem o nome de José Jeronymo e é carpinteiro de officio, certa-

mente merecerá as attenções da auctoridade competente.»

... Se a auctoridade pudesse ser a tal da Boa Hora, tinhamos patife acalentado — para outras!

A especie humana, quando lhe dá para ser vil, é incomparavel. Por ahi giram bestas-féras como as que eu citei; mas vale-lhes o nome das victimas: essas esgotariam, sobre o desdouro imposto, o calix da amargura — a que voltariam o focinho ignobil os asquerosos auctores dos seus dias!

Para taes infames é que é preciso Deus!

15 de setembro.

Outro!

Foi agora preso no Porto (*Seculo* de 10 do corrente) o cavador João Diogo, o *Gago*, da freguezia de Loureiro, concelho de Oliveira de Azemeis, — por haver violado sua

filha Anna Dias, a qual ficou gravida do pae. E' a quintessencia da candura das aldeias!

O amantetico pae espancou a filha por ciumes. Tem-se visto, na cidade e nos campos. E' humano... Eu creio que ha Deus.

*

Pergunta-me, por escripto, um *concidadão:*

«—Que ha publicado, em Portugal, ácerca do Divorcio, combatendo-o, em artigo ou capitulo especial e com auctoridade mental do escriptor?»

Eu lhe digo:

—Tem o meu concidadão—no livro *A Questão Religiosa*, de Bruno; edição Lello, do Porto, 1907,—o capitulo intitulado *aspecto objectivo*, pag. 164 a 204. O trabalho de A. Naquet, em França, e o do sr. Roboredo Sampaio, entre nós, são discutidos pelo illustre publicista portuense, com os

seus caracteristicos recursos de erudição profunda e de meticulosa investigação. Bastar-lhe-ha essa leitura.

18 de setembro.

De Oliveira Martins, no seu livro *A Inglaterra de hoje*, pag. 108:

«... No seu conjuncto, pois, este povo (o povo inglez) parece um exercito, pela disciplina e pela submissão consequentes da propria fórmula que encontrou para a vida: um combate. — *Is life worth living?* — Vale a pena viver? — Esta pergunta, excellente e suggestiva, dada como titulo a um livro mediocre, de ha pouco tempo, era respondida affirmativamente. De certo, vale a pena! Nem a resposta pode ser diversa, para quem não embaraça a vegetação animal com as applicações torturantes do sentimento e das idéas, nem com as collisões, por vezes tragicas, sempre crueis, da dedicação, do sacrificio, do cavalheirismo...»

....

Bem observado. E devo affirmar aos desprevenidos que Oliveira Martins retratava com *amor* aquelle povo. O nosso escriptor foi assim: *incapaz de naufragar, ou de triturar-se em collisões por vezes tragicas, sempre crueis, da dedicação, do sacrificio e do cavalheirismo.*

Foi um egoista e, conseguintemente, um odiento. Não conheceu as *horas de paz espiritual*—dos taes sacrificados. Pobre d'elle!

Maior, porém, muito maior do que Oliveira Martins e de que os seus *retratados*, é Ch. Dickens, o grande inglez, cuja doutrina é assim *condensada* por Taine:

Sede bons e amae. Deixae aos sabios a sciencia, aos nobres o orgulho, o luxo aos ricos; compadecei-vos das miserias humildes; o ser mais pequenino e despresivel pode valer tanto, por si só, como milhares de seres poderosos e soberbos. Acreditae que a humanidade, a compaixão e o perdão são o que de mais bello existe no homem; crede que a intimidade, as expansões, o en-

. . . .

ternecimento e as lagrimas são o que de mais doce existe na terra. Nada é o viver; pouco vale ser poderoso, sabio, illustre; não basta ser util. Só tem vivido e só é um homem aquelle que chorou a lembrar se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu.

Horacio Ferrari

Do *Diario de Noticias*, de 14 do corrente:

«Uma carta de Silva Pinto

«*Sr. redactor.* — Uma referencia que no seu jornal eu vejo, em data de hoje, relativamente ao meu convivio com o illustre e saudoso Horacio Ferrari, sepultado agora, auctorisa-me, no meu fôro intimo, a offerecer a v. e nos seus leitores as seguintes indicações complementares. São ellas tambem uma expansão enternecida da minha dolorosissima saudade.

Em 1873, fomos companheiros em Hespanha, na guerra aos Carlistas, dirigida

pela republica do paiz visinho. Perdi-o de vista durante mezes, até que, em 1874, fazendo eu parte da redacção do «Diario da Tarde», do Porto, com Urbano Loureiro e Borges de Avellar, tambem já fallecidos, o encontrei de novo, como meu companheiro de quarto e de miseria, na rua da Lapa, d'aquella cidade. Horacio Ferrari cursava a Escola Medico-Cirurgica e creio que eram limitadissimos os recursos de que dispunha. Eguaes aos meus.

Nós viviamos n'um quarto de 1.º andar, alugado a umas senhoras pobrissimas de Vizeu, de appellido Saccadura. Não possuiamos mobilia, a não ser uns bancos de pinho, com umas taboas sobre-postas, nas quaes assentavam dois enxergões. Havia, além d'isto, uma bacia de mãos collocada n'um poial, junto á janella—que dava para os quintaes. Comiamos uma especie de rancho, na taberna que ficava no nosso predio e que era frequentada por soldados e carroceiros.

Horacio Ferrari comia bem, porque não

reparava no que comia; eu passei muita fome, porque tinha nojo da alimentação. A nossa mocidade foi muito triste; d'ahi resultou ficarmos «irremediavelmente» desgraçados. Quando, volvidos muitos annos, nos encontrámos, primeiro em Bellas e depois em Lisboa, tinhamos os cabellos brancos e a alma cheia de rugas. Adeante!

Horacio Ferrari mantinha, nos ultimos tempos da vida, inalteravelmente, o seu credo na hegemonia de Portugal na Peninsula Iberica. Na mocidade escrevera elle largamente, em defeza de similhante these. Independente d'este credo politico e d'este sentimento patriotico, tinha o culto da Honra levado ao ponto de ser uma pedra de toque a estima d'aquelle grande homem de bem. Só apertava a mão a quem julgava honrado e na sua alma sensivel e ao mesmo tempo severa, só ficava espaço para outro sentimento—de uma intensidade commovedora: refiro-me ao amor da familia.

Agradeço-lhe, sr. redactor, o ensejo que me facultou, de reavivar recordações que

. . . .

teem o «gosto amargo de infelizes.» Um pensamento dôce me assalta n'esta hora : o de que, ao termo de agitada e dolorosa existencia, eu poderia ter sentido apertada a minha mão pela de Horacio Ferrari, ha 24 horas, em despedida altamente compensadora.»

Sou de v., etc.

14-10-1909.

«Silva Pinto»

*

30 de outubro.

Na primeira parte da aventura de *João Franco*, foi ministro da Justiça um bom homem chamado *José Novaes*,—um que se fez politico, tendo-o Nosso Senhor fadado para ouvir tolices na tabacaria do *Arnaldo*, do Porto. Um bello dia constou-me que *José Novaes*, quiçá farto do *malfeitor*, resolverá abandonar as Justiças ao *advogado dos mortos*—Teixeira de Abreu. Fui-me ao gabinete do ministro, de manhã cedo, e

....

alli o vi — a arrumar coisas. Despedi-me respeitosamente, como subordinado d'aquelle homem de bem, e ouvi d'elle boas palavras de adeus.

Depois, veiu o *Teixeira d'Abreu*, que eu nunca vi mais gordo. Desenhou-se a segunda parte da ridicula aventura: o rei foi victima do feroz idiota dos figados de vacca, voltou *isto* que se está cheirando, e até se fallou, para ministro, no *visconde da Torre*, um director geral que não sabe ler...

A que nós descemos!

Ha dias, foi-se o honrado e intelligente ministro Medeiros, escouceado por mirificos bandalhos. Isto entristece, porque degrada, porque enlameia o paiz.

Porque fede, — chiça!

Podem esfregar os pés de cima — *Bocca de Favas*, — *Cú de chumbo*, — *Salta Pocinhas*, — *Durindana ferrugenta e virginal*, — *Citrato de magnesia*, — *Olho vê e mão pilha*, — *Principe dos contrabandistas*, — *Benemerito cornudo*, — *Murinello*, — *a Virtude*

côr de bispote em serviço, — etc., etc., etc.; — certo é que *tudo isto* se afunda e que dá vontade de morrer — como dizia o pae dos videiros!

Aonde irá *isto* parar, com burros cá dentro e *camellos* lá fóra: *isto* que já foi vaso de glorias e que hoje está a despejar-se de pús? Aonde nos levaes, canalhas!?

JESUS

Uma resposta — um tanto inutil

8 de novembro.

Pede-me *um mais novo* que eu lhe responda publicamente a esta sua consulta:

— «Discutiu-se agora no terreno scientifico a existencia de Jesus. V., que teve uma educação religiosa, tem combatido o Ultramontanismo. Pois que é um espirito independente, deve manifestar a sua opinião, — não esquecendo que não ha depoentes *insuspeitos — coevos* de Jesus. E' tudo lenda.»

Responderei:

Quando, ha pouco, a especulação mercantil, appellando para o escandalo garantido pela inconsciencia, se deu a negar a *existencia de Jesus Christo*, eu limitei-me— velho adorador do immortal symbolo da Bondade — á indicação do seguinte facto, burlesco documento de criticismo: o livro de *negação* era louvado pelos que, pouco antes, applaudiam a affirmação da *loucura de Jesus*. Tanto bastava á demonstração da miseria mental, conjugada com a miseria moral, dos especuladores litterarios e dos seus adherentes.

Não falta, porém, quem exija discussão. Dado que um sincero desejo de *esclarecimento pela critica* inspire a reclamação, para honroso jubilo é satisfazel-a. Mas ê por demais sabido o que a exigencia abrange, no *desideratum* de soalheiro: é a figura regateiral e peçonhenta, longe da argumentação—*fastidiosa*—e a dentro do escandalo

. . . .

e do doesto — *interessantes*. E' justo, como harmonia da ignorancia.

Acresce que o periodo é de conjecturas politicas. Ora, a cegueira dos *homens praticos* — com laivos de illustração — considera possivel a existencia social, sem a reforma, lenta mas segura, das ideias e sem o esclarecimento e a acalmação das consciencias! Em dado ponto de escabrosidades, appelam para a refundição legislativa, esquecendo a eterna verdade de Littré: — Não se modifica com uma lei o cerebro de um povo».

Em verdade vos digo e sustento — que muito importa ao raciocinio, sem desvios, da collectividade social, não menos que ao dever e á dignidade da critica, estabelecer a linha divisoria de um criterio elevado, justo e honesto, entre o nome e a obra de Jesus e os especuladores que levam o ultrage á beira do Justo — do que á Terra trouxe e pregou n'ella a protecção aos Pequenos e a defeza dos seus direitos.

*

Não me eram desconhecidos os processos da discussão. Eu sabia, esclarecido por Chassaz, na sua *Defeza do Christianismo Historico*, que não bastava citar *A vida de Jesus* e a *Dogmatica christan* de Strauss, em opposição banal a indignos attentados de minusculos. Para attingir, pela comprehensão, aquelles trabalhos, impunha-se a leitura meditada da Theodicèa e da Philosophia da Historia, de Hegel; como para o estudo da exegesse voltaireanna da *Joven Allemanha* se torna imprescindivel a Philosophia de Feuerbach. Outro ponto se affirma, porém.

Certo é que, a dois mil annos de distancia, — que entre nós e o poema do Calvario medeiam, — pode a critica de pouca fé e menos argumentação appellar para um *indispensavel* depoimento dos contemporaneos do Nazareno, esgotada a saraivada inutil das contestações sophisticas contra a authenticidade, a integridade e a veracidade

dos Evangelhos, contra a exegése christã e em menoscabo da prodigiosa bibliographia e da ardentissima controversia de vinte seculos, em que se movem os evangelistas, os doutores da Egreja, theologos, heresiarchas, poetas e prosadores de maxima envergadura. Ouça-me o auctor da *consulta*.

Abra o grande historiador judeu Flavio José, quasi coevo de Jesus (37-95). Refiro-me ao auctor das *Antiguidades Judaicas*, que importa distinguir de outro historiador *José ben Gdorion*, do seculo IX e auctor da *Historia dos Judeus*. Abra-o precisamente na obra citada e vá lendo: — «Appareceu Jesus, homem de profunda sabedoria, se se lhe póde dar o nome de homem...» José, auctor das *Antiguidades*, era adversario do Christianismo e do Christo.

E' certa a negação da authenticidade de taes dizeres, por parte de alguns publicistas modernos, como Lardner e, antes d'elle, Eusebio, o auctor da *Demonstração Evangelica;* mas o depoimento de S. Jeronymo e, por exemplo, a argumentação do

eruditissimo J.-B.-Glaire, na sua *Intr. aos livros do Novo e do Velho Testamento*, destroem a possibilidade de duvida, ácerca da authenticidade em questão.

Tenho respondido.

DE PROFISSIONAES

«Pela vida fóra» [1]

(DE SILVA PINTO)

«Antes de mais nada uma explicação:

Ao encetar estas ligeiras notulas litterarias, não deixa de me ferir a retina, em terrifica visão, a cara compungida do leitor incauto, imaginando-se sob o influxo d'uma solução concentrada d'opio, ou de alta dose de hydrato de chloral, que, pelo excipiente capcioso d'este semanario, viessem trazer-lhe ao corpo, amollentado já pelas inclemencias caniculares, a modôrna estupeficante de tão insulso discretear. Além

---

[1] A *Folha de Villa Real*, 2.º anno, n.º 74, refere-se, como vae lêr-se, a um dos meus livros que eu mais estimo.

de que, leitor, para satisfação e honra, tuas e minhas, não me consta que te vejas aperreado por tetanicas convulsões, que exijam intervenção tão energica; ou tenhas nas veias sangue *chim*, que precises, á guisa dos enrabichados *filhos do ceu*, de combustar em extases opiaceos!

Vês, pois, que não devia escrever. E todavia a penna não fica em quedo, e um cantinho d'*A Folha* roubo para esta dissaborosa chronica, tendo ainda o ousio de crer, que a não capitularás de resudação rabida de minhas rabidas entranhas.

É que venho sob a égide d'um grande livro: *Pela vida fóra*; — abroquela-me um grande nome: — *Silva Pinto!*

Mas... Ponto nas explicações... Vamos ao subtitulo.

*

* *

Antes mesmo que, á bizarra amabilidade do Auctor, a Redacção devesse o volume

. . . .

predicto, já eu o lêra, em um recolhimento religioso e enternecido; — ao vê-lo desatar por todo elle um feixe de tão polychromas, quão crimimodas recordações: — acompanhando-o, em um crescendo admirativo, na sua viagem retrospectiva, e mais ainda intuspectiva, *pela vida fóra*... d'onde surgem, em cada estadio, cerebrações potentissimas!

De ha annos que acompanho Silva Pinto, na sua obra. Sem ser a sua sombra, sinto um grato prazer em dissipar as minhas, á luz do seu espirito, em reaquecer a alma, á chamma do seu sentimento!

Por cada novo livro, — era uma noute perdida para o somno, ou para as *lucubrações da sebenta universitaria*, — para o ler d'um folego, em uma especie de lubricidade psychica: — todo o ser vibrando-me do desejo de se imbeber bem em attica elegancia do seu estilo d'uma exhuberancia e justeza de termos camilliana: — estilo inimitavel, porque, ultrapassando a moldura da arte — que o cerebro rendilha, —

lhe irrompe em ascuas da incude do coração, que é d'elle só... D'elle... e do seu *Marius!*... Mas é mistér saber lhe da vida para chegarmos a apprehender a Obra em globo, e só esta, para quem com elle não lidou, photographa aquella.

Lendo-o destacado — em um livro ou artigo de jornal — seduz-nos logo — como apontamos — o aprimorado da phrase que lhe brota limpida — cerebro e peito a dentro — e limpida transcorre até nós, sem que a sumam rhetoricos arrebiques. Escreve como pensa: — pelo seguro. E creio mesmo que o pensamento lhe passa para o papel, por algum ignorado processo de decalque intellectual

Só assim comprehendo a espontaneidade de paginas e paginas, macias, translucidas, que se lêem e fixam sem violencias de raciocinio, e parecem ao alcance de todas as pennas, para, afinal — ao pretendermos imital-as, — nos mostrarem a altura em que pairam: — altura tal que só a lufa da admiração alcança — como a aguia, perdida nos

ares, que o nosso olhar facilmente divisa em seus contornos, e segue em seu magestoso ziguezaguear, e a que afinal só chega com as azas da phantasia!

Mas é em sua tormentosa vida, que se enxerga estalão condigno de sua avantajada estatura.

É vendo-o pobre, quando devia ser rico e quando rico, roubado; saber-lhe a alma estilada pela miseria moral do abandono — longe da patria e dos amigos e o corpo roido pela miseria animal da Fome — portas a dentro da terra em que nasceu, isolado no meio dos seus: — de espinha direita, apesar de tudo; sempre a luctar e ao trabalho sempre dado; sem um esmorecimento que descambasse em cobardia, e sem uma cobardia que degenerasse em baixesa — cheio de luz entre as trevas! — o abandonado d'hontem a guiar, a educar, em uma palavra, a *hominar* os abandonados d'hoje; só vendo-o assim — n'estes claros escuros do painel da vida — é que a sua *Obra* — cristalisação da sua energia psy-

chica — fluctuante e inconnexa, portanto, como os motivos variadissimos e antinomicos que a teem determinado — figurará rigida, luminosa e grande, ao lado das maiores e mais luminosas que, em terra de portuguezes, medram!

E de haver tantos que lhe fizeram mal, de tantos cães lhe saltearem as pernas, e de Silva Pinto ter um coração tão dado a devotamentos humanitarios — resulta, evidente, a polychromia estranha dos seus livros. Ha, por vezes, n'elles colorações plumbeas de ceu outonal, quando os rasga a aza negra das decepções soffridas, das chimeras esmagadas sob o pé do Destino, — casquinadas de *riso amarello*, por outras, que fazem calefrios como o ringir de lima em ferro, quando, com a catapulta de sua ervada ironia, faz rebentar cabeças enchumaçadas de casquilharia espiritual, pedante e innocua: — zebram-os, ainda outras, de elysiaes frescuras, de ternura e alegria interiores, — os deditos insontes do

seu *Raul*, os progredimentos dos *seus rapazes* das Monicas!

Mas quizera vêl o em uma obra uniforme, obedecendo a um escôpo unico, uma *obra these* (vá o termo consagrado) em que, com toda a pujança de suas faculdades, traçasse a carta *psycographica* de um dos departamentos da economia social — o das creanças, por exemplo, com quem vive de perto. Auxiliado pela observação de alguns annos, arrancaria novas facetas ao velho thema; novos e sãos processos educativos, uma hygiene social mais vasta e comprehensivel — inventaria.

Produziria, assim, um livro que — sem as digressões diffusas da trilogia de Zola, que d'uma fé que morre — matando — pretende fazer surgir a Phenix d'uma nova fé — que salve; — sem os morbidos exotismos do *nèó-catholicismo* de Huissman; sem as transcendencias individualistas de Spencer, nem as idealidades poeticas de Michelet, ou Paul Janet, — seria talvez o *nèo-christianismo* das nossas creanças.

É minha fé que seria em estudos sociaes que Silva Pinto affirmaria primacialmente a sua individualidade. Ha em escriptos seus, prodromos varios, a firmarem a minha convicção. Enganar-me-hei? Ahi fica o problema, que traduz uma aspiração, nunca um conselho. Em Silva Pinto está o resolvel-o.

Mas... era *Pela vida fóra* que queriamos seguir, e afinal quasi fugiamos *philosophia dentro*...

Remettamo-nos, pois, ao livro.

*

* *

Precioso livro é este, pois que, de recordações feito, nem assim foge á preoccupação dominante do moderno escriptor, condensada no dizer eloquente de Emygdio de Oliveira — o *Barnaba* celebrado das *Chronicas Portuenses:* — «o quantum de moral social que de toda a obra litteraria,

artistica ou scientifica, transborda sobre o publico que lê.

E foi, em verdade, um ideal de justiça o que sempre norteou Silva Pinto, quer nos tempos idos—em que as polemicas e escriptos lhe vinham rubros como o seu sangue moço,—quer agora, em que—a mais de meio da *travessia*, acalmados os juvenis pruridos pela laudano dos annos, e a transmontar os visos da montanha do desengano—lança *pela vida fóra*... o seu olhar de pensador, profundo e honesto, e põe-se a reclamar para os desprotegidos uma capitação equitativa do bem estar social.

E se, por vezes, lhe empana a limpidez da visão, o torvo amargume das lagrimas—quando á beira da campa dos seus mortos queridos—é ainda fel que a injustiça dos homens lhe instillou na alma e esta lhe repulsa até aos olhos:—o fel de vêr esquecidos, na morte, os que em vida foram despresados!

É pois bem um livro para portuguezes;

leiam-no todos, que nos ensina a amar, e é antidoto salutar contra o virus do desespero... Em torno d'elle como que tremeluz um halo de pungidora poesia — a da saudade; — em suas paginas — á laia da sarça biblica — como que resoa a voz de Christo, chamando a si as creancinhas.

E christianissima é a fé de Silva Pinto, pois que nem lhe falta o chicote com que zarguncha os vendilhões do templo.

Quero muito a este livro, e porque lhe quero, não t'o posso occultar, meu leitor, n'este descoser ingenuo, de alma que ama em que as palavras repontam do coração aos labios, precipueos — como a expiração — quentes e perfumosas — como um beijo de noiva.

Mas... vae longo o discurso. É tempo de acabar. Não é uma critica que ahi fica: — que nunca a sombra julgou da luz, fê-la apenas avultar... É um simples cartão de agradecimento que *A Folha de Villa Real* envia a Silva Pinto, por a ter distinguido com a generosa offerenda do seu trabalho.

. . . .

É certo que foge um pouco á rotina do *a,a*, e que se mostra entrajado com atavios expletivos, justamente intoleraveis para a paciencia de quem me lêr; — mas sejam compassivos os leitores, que isto é filho da mania em que vivo, e em que certamente morrerei, como relapso e impenitente, de dizer sempre o que penso e como o penso, suggestionado pelo velho conceito de Boileau de que: — *rien n'est beau que le vrai.*

Não é demais a explicação — que não fosse alguem, por negregada associação de ideias, achar no que ahi fica, carta de empenho para obter um *logar* nas *Monicas*... Sinto-me durazio para o occupar.

Para Silva Pinto sei eu o que é, e por palavras suas o vou traduzir: — «não é *um memorial*, pois que é um *tributo.*»

. . . Desfeita assim a possibilidade de equivocos, leitor amigo! — *vale.*»

«Pela vida fóra»[1]

«O obscuro rabiscador d'estas rapidas linhas é, de ha muito, um sincero admirador de Silva Pinto.

Ha vinte annos, creança aìnda, na sua nascente paixão litteraria, que tantos e tão fundos dissabores lhe havia de acarretar no curso pratico da vida, ás tardes, finda a faina escolar, frequentava a Tabacaria Havaneza, ao cimo da Rua de Santo Antonio, onde eram certos, ao cahir da noite, entre outros, o grande gravador Molarinho, o pintor Resende, Borges de Avellar, Narciso de Lacerda e seu irmão Manoel, Gonçalo Reparaz, Ernesto Pires, e, de longe a longe,

---

[1] Na *Provincia*, do Porto, anno XVI, n.º 156.

Silva Pinto, Alfredo Carvalhaes, Urbano Loureiro, Vieira de Andrade e Agostinho Albano.

A creança que, como a borboleta attrahida pelas estonteadoras fascinações da luz, vinha precipitar-se vertiginosamente no ardente meio litterario portuense, então em completa ebulição, em breve tinha travado boas relações de amisade com todos os frequentadores da Havaneza, excepto com Silva Pinto, com quem, raro, trocou palavra.

E não o fez, sempre intimidado pelo exterior grave, sério, severo mesmo, do já então temido escriptor, temido pela inquebrantavel honestidade e pelas poderosas faculdades de polemista *sans peur et sans reproche*.

Por isto mesmo, talvez, a creança timida, mas cheia de enthusiasmo por tudo quanto era bello e bom, começou a dedicar intensa veneração ao homem que, apesar de viver cercado por uma atmosphera de odios que lhe amarguravam a vida, não se

desviou nunca, um passo só, da recta linha do dever.

Na Casa Havaneza começaram as nossas relações com Urbano Loureiro, que em breve se transformaram em amisade verdadeira e sincera, que durou até á morte do infeliz escriptor.

Foi no *Tam-tam*, um semanario finamente humoristico, que o auctor d'estas linhas, instigado por Urbano Loureiro, perpetou as suas primeiras barbaridades litterarias, que o acorrentaram implacavelmente á ingloria tarefa de estragador de pennas, tinta e papel, não fallando já na pobre e causticada lingua portugueza...

Urbano Loureiro, apesar de então viver nas peores relações possiveis com Silva Pinto, nunca ao seu infantil collaborador disse mal do *homem*, nem do *escriptor*. Nos momentos de mau humor, *só* nos momentos de mau humor, censurava lhe amargamente — as *exquisitices do genio*, e nada mais.

Passaram annos e a personalidade litte-

. . . .

raria de Silva Pinto foi-se accentuando em constantes triumphos litterarios, acompanhados sempre com prazer por um amigo desconhecido, que, no seu obscuro cantinho do Porto, ia gostosamente enfileirando na pequena bibliotheca os livros tão consoladoramente sentidos do escriptor bem amado...

Mas a que proposito veem as tão descoloridas linhas de saudosa recordação de uma passada mocidade boa que não mais volta?

A proposito da leitura do encantador livro de Silva Pinto, *Pela vida fóra*.

O novo livro de Silva Pinto é um sentido relato da sua accidentada viagem através trinta annos de uma vida litteraria, cheia de fundos precipios e agudos escolhos. Apresenta-nos n'elle, vistos através da sua alma affectuosamente boa, os homens, honrados e dignos, com quem conviveu durante aquella longa viagem, tendo apenas rapidas palavras de justo despreso

. . . .

por os que tanto o offenderam e tanto o exploraram.

É um dos livros mais honrados, mais honestos e mais verdadeiramente litterarios que tem sido escriptos entre nós n'estes ultimos annos, o que não é de admirar, visto Silva Pinto ser, indiscutivelmente, um dos nossos prosadores mais brilhantes, um dos escriptores nossos que mais sabem manejar a lingua portugueza.

A edição do *Pela vida fóra* é opulentada com o retrato de Silva Pinto e dos seus bons e pequeninos amigos *Marius* e *Raul*, filhos do notavel poeta Narciso de Lacerda.

«De Palanque» [1]

«Entre as muitas obras de valor que compunham a formidavel bagagem com que chegou a S. Paulo o representante da casa Lello, do Porto (a antiga Chardron), avulta o recente trabalho litterario do auctor dos *Jesuitas, No Brazil, A' hora da lucta,* e tantos outros volumes que collocam em evidencia o valor de Silva Pinto, o panegyrista e amigo desvellado do inolvidavel Camillo, valor que vem accentuando-se desde os tempos já bem distantes em que a *Revista de arte e critica*, no Porto, arremessou a publico um punhado de finos talentos, entre os quaes sobresahia, ao lado

---

[1] Na *Platéa*, de S. Paulo (Brazil), n.º 268.

de Alexandre Braga e de Narciso de Lacerda, o escriptor do livro de hoje: *De Palanque.*

Silva Pinto é um dos raros alistados nas filas da critica, que conseguiram o triumpho de chefes. Se é receiado pela violencia sarcastica da phrase, não é menos temido pela justeza do conceito. Os golpes do seu estylo mordaz, são expedidos com uma dextreza de caçador habil que procura nos ridiculos e no comico dos factos e dos individuos o ponto alvejado; isto referente ao estylo; mas se estudarmos o fundo, a parte sã em que o escriptor se colloca para apreciar esses mesmos factos e essas mesmas individualidades alvejadas, encontramos uma severidade tão justa que, se achamos explendida a penna que desenvolveu a ideia, não podemos deixar de achar magnifica a intensidade de seriedade e de componentes que formam a sua cerebração de critico.

Todo o livro que traduz o pensar de um homem de valor, que photographa os cos-

. . . .

tumes de um povo, a sua capacidade, os seus defeitos; que reune uma somma de impressões, boas oe más, de cousas e de homens, e que se impõe pela seriedade do talento do escriptor, — é um volume inestimavel, que não se deve deixar cahir na attenção descurada do publico, a quem devemos obrigar a lel-o, provocando-lhe o seu reparo estudioso.

O livro *De Palanque* está n'essas condições. A necessidade da sua leitura evidencia-se desde a primeira pagina. Ha alli muito ensinamento, muita analyse social, e se esse volume realça como trabalho de critica (o seu proprio titulo o indica), as suas paginas tornam-se de uma amenidade de leitura, crystalisadas como estão n'uma fórma simples, clara e elegante.

A vida lisboeta, a politica portugueza, lettras, tudo, finalmente, está tocado pela penna do critico portuguez com um fundo de humanidade e de espirito.»

GMP.

«Na Procella»[1]

(Por Silva Pinto — 1909)

Aos de Cerva e aos de Mondim, — eufemismo que, n'este caso, diz aos de toda a terra onde se fale a lingua nossa portugueza, — a esses, mais uma vez, se dirige em letra redonda o escriptor Silva Pinto.

Fal-o no volume *Na Procella*, andando já, com este ultimo livro, para muito perto de trinta mil paginas escriptas; e, consoante o uso e costume, fal-o para que chegue aos de Cerva a mais original, mais viva, mais cristalina e mais pessoal apreciação das cousas e dos successos do mundo

[1] Da *Patria*, de Ovar; n.º 82.

. . . .

Azeda sempre — que é como *os outros* lhe chamam — mas veramente ensoalhada de uma commoção subtilissima e profunda, a penna gloriosa de Silva Pinto, agora, como até aqui, allia ás magnificencias do lexico e do seu desabafo incisivo, paginas de verdadeira serenidade, de autentica e inolvidavel doçura.

Sem margem para incertezas, ella, que ha feito chorar e rir e nunca ha tido indifferentes, que ha sido denegrida, odiada; — miserias do despeito e da vilania abatida; — sem margem para incertezas, apraz-se, a espaços, em tonalidades de paz bemdita. Prova-se, que não ha nada como pôr as cartas na mesa...

Vae pois, e sirva isto de entendimento a quem procura as arestas de um escriptor todos nervos e coração, sem lhe desentranhar o mais bello, o mais vivido, isto que elle nos diz pela bocca de outro e é todavia *tão seu:*

«Sede bons e amae. Deixae aos sabios a

. . . .

sciencia, aos nobres o orgulho: compadecei-vos das miserias humildes; o sêr mais pequenino e desprezado póde valer tanto, por si só, como milhares de seres poderosos e soberbos... Acreditae que a humanidade, a compaixão e o perdão são o que de mais bello existe no homem; crêde que a intimidade, as expansões, o enternecimento e as lagrimas são o que de mais doce existe na terra. Nada é o viver; pouco vale ser poderoso, sabio, illustre; não basta ser util. Só tem vivido e só é um homem aquelle que chorou ao lembrar-se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu.»

... Sem mais, conhecem os que lêem a Silva Pinto, *isto*, n'elle, obstinadamente, e tão bem para o nosso plumitivo como para o Inglez de primeira plana.

*

O volume que temos presente insere,

além dos commentarios philosophantes, acerbos, que são o fundo da obra de Silva Pinto, sete notaveis cartas ao bispo do Porto, reestampadas — n'uma excellente maré.

A nosso vêr, isso lhe dá, entre os volumes dos ultimos tempos, especial relevo e valor, pois não conhecemos em nenhum trabalho, do que ha innumero sobre a materia — os de Santo Ignacio, sinthese e accusação mais vehementes, mais rudes, de mais severa e contundente eloquencia, de mais poderosa verdade e de dialetica mais firme.

Vale a pena, como processo a empregar de combatividade contra os Jesuitas, o espalhar e vulgarisar aquellas sete cartas ao bispo Americo, levando-as a toda a parte, — para orientação — de todas as almas.

Vale bem a pena — e o processo de critica e de exposição presta-se, pela sua claridade e promptidão comprehensiva, admiravelmente, ao intento; vindo, assim, a ser obra, da que fructifica, dar ao povo a leitura, fortificante, d'aquella inexoravel ex-

comunhão. Pela nossa parte, de quando em vez o faremos, transcrevendo uns trechos, para regalo de uns e instrucção de outros — instrucção de todos, emende-se — pedindo agora venia, d'aqui, ao consagrado escriptor: — grande entre os grandes da nossa terra.

Silva Pinto [1]

Silva Pinto jantava ha tempos, solitariamente, na sala deserta do café Tavares, quando me succedeu entrar.

Ha quanto tempo eu não via a Silva Pinto!

Acerquei-me da sua meza; elle ergueu para mim a sua face morena, que nunca se sabe se é a de um homem que vae rir, ou chorar, esbugalhou desmedidamente um olho envidraçado de myope e, como se não me visse bem, ou não me reconhecesse, perguntou por fim n'aquella sua voz

---

[1] Do livro *Homens e Lettras*, de João Chagas.

que parece a de um instrumento que se partiu:

— Quem me falla?

— Pois você não me conhece?! exclamei eu.

Silva Pinto transfigurou-se, fez um bom gesto de convalescente, que é sempre o seu; eu sentei-me na meza do lado, elle concluiu o seu jantar, eu comecei o meu.

Chamou o creado, empurrou o ultimo prato, regeitou vitella, com fastio e tedio

— Não gósto.

O creado levou a vitella e trouxe a sobremeza. Silva Pinto farejou com animosidade a sobremeza. Depois, com bravura, commandou — Roquefort!

Veiu o Roquefort e elle poz-se a dar á lingua, com volubilidade e ferocidade, espalhando sobre todas as cousas um riso amargo, convulso, quasi soluçante.

Disse-me logo a historia de um inquerito nas *Monicas*, porque, não sendo um funccionario de profissão, preoccupa-se extraordinariamente com o seu cargo.

Foi ha pouco promovido a director d'essa casa de reclusão, e adivinha-se que essa promoção lhe trouxe um grande prazer.

Estava n'um dos seus dias felizes e haviam-lhe succedido não sei quantas cousas agradaveis.

— Este anno não me começou mal. Tive primeiro a Sarah Bernhardt...

E' o seu *béguin* espiritual, a Sarah, com quem se relacionou ha annos e de quem ficou sendo amigo, com essa porção de exaltação e de quichotismo que poz sempre em todos os cultos do seu espirito.

Desde que conheceu a Sarah, passou a desconhecer toda a arte que não fosse a d'essa mulher. Mal viu a Duse.

Diz com fastio:

— Vi-a n'um acto...

E' o que o caracterisa: o facciosismo. A sua justiça não sabe para fóra do recinto das suas predilecções. Por isso, elle é o unico litterato portuguez sobrevivente de um espirito litterario que passou e cuja caracteristica foi — a intolerancia.

. . . .

Durante as recitas da Sarah, andou n'uma constante vibração.

Via por toda a parte controversias, pugilatos.

Esta convicção, este enthusiasmo só elle hoje tem, porque elle é o ultimo Abencerragem do sentimento.

E todo elle é sentimento, mas um sentimento sentimental, vagamente heroico.

Falla da vida como de uma viagem accidentada. Diz: «travessia».

Parece o sobrevivente de um naufragio, alguem que tivesse visto e trouxesse nos olhos os pavores da jangada da *Medusa*.

Uma constante ironia adeja á volta dos seus labios grossos, d'onde parece escorrer um fio perenne de fel, mas não é a ironia dourada dos espiritos alegres, a vespa irisada que deslumbra a vista: é o moscardo negro zumbindo, com um ruido monotono e inquietador.

Ergue-se, mas logo se encosta a uma parede, leva a mão a um joelho, solta um ai! infantil.

....

— E' a gotta, digo eu.

— E' o diabo, diz elle.

A proposito conta uma anecdota — o que lhe succedeu pela manhã ao almoço, que não faz rir e em que ha não sei que vago travor de um recondito azedume.

Acaba de partir.

Vae deitar-se. Deita-se cedo, porque precisa poupar-se, viver...

Silva Pinto foi o ultimo homem, em Portugal, que cultivou com o amor, o odio litterario.

Era na sua mocidade um moço magro e moreno, de grandes olhos negros e juba leonina, que parecia agitar, andando, uma grande capa d'aventura e repousar a mão com arreganho nos copos brunidos de uma imaginaria espada. Fallava com impeto, amava com exaltação, comia com voracidade, e tudo, através o vidro de augmentar, por onde considerava a vida e o homem, lhe apparecia engrandecido, ou desfigurado. A todos os peitos despediu estocadas. A todas as varandas pendurou

escadas de seda. Com um bandolim a tiracolo, extatico, amou a lua. Intrometteu-se em phantasticas collisões, naufragou em chimericos naufragios. Teve nas mãos madeixas de cabellos, nodoas de sangue e nodoas de tinta. Muitas vezes recolheu a casa, vindo da Edade-média ou da Renascença, bater as palmas ao guarda-nocturno.

Um dia, porém, doeu-lhe um joelho e os jornaes annunciaram a morte definitiva de Veuillot.

Silva Pinto desmontou e começou ligeiramente a claudicar, apoiado a uma bengalinha curta. Repoz a armadura na panoplia e o gladio na bainha, arregalou desmedidamente os olhos para o mundo, e, á pressa, refugiou-se em casa.

Alli vae elle, com a sua juba embranquecida, a caminhar indeciso, parando aqui e acolá, como a pensar se não lhe restará ainda alguma cousa estridente a fazer na vida.

Vae para as *Monicas*, onde se acantoaram as suas ultimas illusões sobre a re-

. . . .

dempção moral do homem, ou vem da Bertrand, d'onde ainda lhe é licito ver passar, com Robert Macaire, a ultima saia de Elvira.

João Chagas.

«Alta Noite»

Do *Jornal do Commercio*:

«Mais um livro de preciosas notas d'esse pessoalissimo e incomparavel humorista Silva Pinto. Chocarreiro ás vezes, philosopho quasi sempre, amargo de quando em quando, — é o livro d'um artista e d'um patriota que vê a sua terra afundando-se em lameiro e chafurdando em cynismo, e que tenta castigal-a, amostrando os pôdres e as ruindades.

«Pela nitidez na exposição dos factos, pela simplicidade altamente artistica da prosa e pela originalidade do commentario, merece esse livro o nosso amor e o nosso respeito.

«Todo o seu azedume, no fim de contas, é bondade; todo o seu riso—julgamento e punição...»

*

* *

Da *Provincia*:

«Silva Pinto, quem depois de Camillo mais e melhor sabe manejar a nossa lingua, enriqueceu as lettras portuguezas com um novo livro, *Alta Noite*, onde, sob a fingida mascara de cruel ironista, procura esconder um coração do mais fino oiro, prompto a todos os sacrificios, não só pelos que lhe são caros, mas tambem pelos que, pobres e sem apoio, vão pedir auxilio moral e material ao querido e sympathico escriptor.

«Consola a leitura de livros como o que Silva Pinto acaba de publicar, e que é dedicado á memoria de um talentoso e infeliz escriptor: o malogrado Beldemonio.

«Silva Pinto não póde interromper a série dos seus livros, como diz que está disposto a fazer, logo que imprima os que tem annunciado. E' elle hoje quasi o unico que, entre a presente franduiagem litteraria, nos dá paginas sinceras e verdadeiras, paginas portuguezas de lei, que são o consolo do nosso coração e o deleite do nosso espirito.»

*

* *

Dos *Commentarios* (redactor: Padre Manso):

«Acabamos de lêr o ultimo livro do sr. Silva Pinto — *Alta Noite.* E' uma série de notas, rapidas mas incisivas, erradias mas justas, em que o grande ironista, cheio de sarcasmos e desdens para as podridões e perversões das lettras, da politica e dos costumes, dá largas á sua verve, nervosa e sobria, sentida e ingenita, arrancando

dos factos e das pessoas a parcella de ridiculo, de patifaria e de impudencia que occultam sob os exteriores da sua crusta fálsa e hypocrita.

«Sympathisamos com um temperamento que tão bravamente salva os direitos da verdade, desirmanando-a de conluios em que os seus inimigos pretendem envolvel-a. Para alguma coisa serve ser-se homem de talento, mas talento temperado na forja dos inabalaveis caracteres. N'esta nossa terra de gente liquidada, ou em vias de liquidar, é difficil, muito difficil mesmo, topar quem no cumprimento dos seus deveres profissionaes ponha tanto brio e distincção. Apesar de trinta a quarenta annos de continuos prelios litterarios e jornalisticos, a sua fé, por ventura menos impulsiva, mas certamente mais «raciocinada», apparece nos hoje como um fecundo exemplo, que os novos, ainda não baldeados pela politica, deviam seguir, senão no seu objectivo, ao menos na sua firmeza e na sua intensidade. Que admiraveis nervos os d'este es-

criptor que, após tantas embuscadas e vilanias, tantas traições e insidias, vibram ainda com a frescura de uma juventude aguerrida! Nervos de aço, nervos subtis e delicados, que ora se arrepiam em descargas justiceiras e vingadoras, ora se aquietam n'uma doçura de beijo, para chorarem com os pobres e as creancinhas, cuja existencia o destino infeliz votou ás féras. Deus os conserve assim, por muitos annos e bons, para honra nossa e gloria!

«Estes os nossos votos.»

*

* *

Da *Voz Publica:*

«*Alta Noite.*—E' o titulo de mais um livro do notavel escriptor, do polemista e do critico incomparavel—é o ultimo livro do nosso Silva Pinto—do litterato *sui generis*, não só pela fórma, clareza e simplicidade do seu estylo, mas ainda e principalmente

pela intransigencia do seu caracter franco, altivo, recto e nobre, com que aprecia os factos e os homens.

«Toda a sua vida de escriptor a tem passado n'uma lucta continua, atacando as podridões sociaes, no bemfazejo intento de corrigir os males e as causas que affligem a sua e a nossa querida patria.

«Essa sua conducta, essa sua critica mordaz, mas verdadeira, lhe tem por vezes feito sentir o quanto póde a maldade dos homens. Mas sempre intemerato e superior, dois sentimentos o dominam: o desprezo, para os invejosos ou maus; a bondade para os fracos, bons ou opprimidos.

«A *Alta Noite* é um livro em que nos apparece em todo o seu brilhantismo a clara e limpida alma de Silva Pinto; é um livro que todos devem lêr, conservar e adorar.»

*
* *

Das *Novidades:*

«Temos prezente o novo livro do illustre escriptor Silva Pinto. Sem espaço e sem tempo para fallarmos detidamente d'elle, limitamo-nos hoje a dar a noticia, que será com certeza recebida com alvoroço por todos aquelles que se interessam pela Litteratura portugueza.

«Já hoje mestre consagrado, d'um *humour* original, pessoalissimo, em phrases incisivas, cortantes, senhor d'uma linguagem opulenta, vernacula, maleavel e pittoresca, Silva Pinto continúa n'este livro a sua série de criticas dos homens e das coisas, inscrevendo verdades e observações em formulas novas que, para os ignaros, teem o aspecto de paradoxaes.

«Livro variado, ás vezes cruel, quasi sempre triste, muitas vezes bondoso, terá

o successo que teem alcançado os restantes livros d'este poderoso combatente — ha tantos annos em revolta aberta contra a Sociedade.»

FIM

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas, 1871.
A questão da Imprensa, 1871.
Theophilo Braga e os Criticos, 1871.
A' hora da lucta, 1872.
Horas de febre, 1873.
O Espectro de Juvenal, 1873.
Eugenia Grandet (trad.), 1873.
O Padre mal dicto, 1873.
Balzac em Portugal, 1873—4.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal), 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal), 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez, 1875—2.ª ed.
Contos phantasticos, 1875.
Os homens de Roma (drama), 1875.
A questão do Oriente, 1876.
Revista Litteraria, 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo), 1877—8.ª edição.
Do Realismo na Arte, 1877—6.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto, 1877—4.ª edição.
O Padre Gabriel (drama), 1877—2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios, 1878.
No Brazil, 1879—2.ª edição.
O Emprestimo de D. Miguel, 1880—5.ª edição.
Realismos, 1880—4.ª edição.
Combates e Criticas, 1882—2.ª edição.
Novos Combates e Criticas, 1884—2.ª edição.
Terceiro livro de Combates e Criticas, 1886—2.ª edição.
O Caso de Marinho da Cruz, 1889.
Camillo Castello Branco, 1889.
A Mulher do capitão Branican (trad.), 2 vol. 1892.
Philosophia de João Braz, 1895.
Santos Portuguezes, 1895.
Theorias do João Braz.
N'este Valle de Lagrimas, 1896.
A queimar cartuchos, 1896.
De palanque, 1896.
O Riso amarello, 1897.
Noites de vigilia (4 vol.), 1897.
Criterio de João Braz, 1898.
Memorias d'um suicida (trad.) 1898.
A torto e a direito, 1900.
Pela Vida fóra, 1900.
Alta noite, 1900.
O mundo furta côres, 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No mar morto, 1902.
S. Frei Gil, 1902.
Por este mundo, 1903.
Alma humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A velha historia, 1906.
Ao correr do pello, 1906.
Na Travessia, 1907.
Em férias, 1908.
Entre nós, 1908.
Frente a frente, 1909.
Para o fim, 1909
Na Procella, 1909.
Rompendo o fogo, 1910.